

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

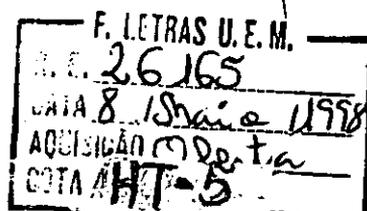
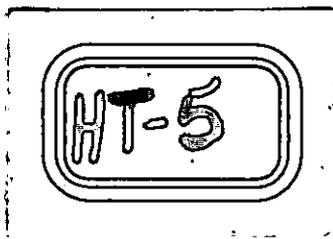
**FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**PROCESSOS E PROBLEMAS DE RECONSTRUÇÃO  
SOCIAL PÓS-GUERRA CIVIL: *o caso do Distrito do Lago-Niassa.***

**"Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane"**

**Alexandre António**

**Maputo, 1996**



### **Declaração**

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência, para obtenção de qualquer grau acadêmico e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

**Dedicatória**

*À minha mãe Kennessi Essulo Makala*

*À memória de minha avô Alice Robissani  
Chilenje e de meu pai António Mazambane.*

## **.Agradecimentos**

Registo aqui, muito gostosamente, o meu reconhecimento e agradecimento ao Departamento de História da Universidade Eduardo Mondlane que possibilitou o financiamento deste trabalho sobre "*Processos e Problemas de Reconstrução Social Pós-Guerra Civil: o caso do Distrito do Lago-Niassa*" (como um estudo de caso, dentre as várias regiões de Moçambique, afectadas pela guerra civil). Entretanto, o facto de ter-me sido activo na elaboração deste trabalho, muitas pessoas, tanto na região do distrito do Lago-Niassa como no Maputo, contribuíram para a efectivação deste projecto. Não poderei enumerá-las a todas. No entanto, duas personalidades deram uma contribuição especial para que pudesse-me ter entrada em diferentes meios onde obtive uma grande parte dos meus conhecimentos: S.excia. Senhor Aires Aly, Governador do Niassa e Andre Awade, Administrador do Distrito do Lago. Pelo meu desconhecimento do passado da região do distrito do Lago-Niassa, (apesar de ser natural daqui), tive de recorrer aos mais velhos também naturais daqui, e por este interesse, cheguei de bater portas do Dr. Brazão Mazula, do Secretário para os Antigos Combatentes, sr. Oswaldo Assahel Tazama e do meu tio Samson Teófilo Chilenje, todos estes residindo actualmente no Maputo, também vão os meus agradecimentos.

Sem o Prof. Dr. Gerhard Liesegang, talvez a ideia de escolher este tema, não teria existido. Pois, através dele e do Departamento de História/UEM, fiz o primeiro trabalho de estudo em Julho de 1994 nas regiões do planalto de Lichinga e da costa do Lago-Niassa sobre o projecto "Camponeses, Estado e Guerra: Achegas para uma História Social da Guerra Civil em Moçambique", também vão os meus agradecimentos. O meu reconhecimento, também muito especial, para os Agentes Humanitários, ACNUR, R.R.R. e N.A.R. que disponibilizaram os seus Relatórios de Repatriamento dos Regressados e Refugiados da Província do Niassa e do distrito do Lago, assim como, para os dedicados informantes: o Régulo Fernando Evans, o Secretário Mustafa Ajuza, ambos da povoação de Ngongo; o Director da Escola Primária de Mechumua, sr. Fernando Matias Zacarias; o Professor da Missão de Messumba, sr. Filipe Xikwakwasa; os alunos regressados da Escola do Ensino Secundário Aberto de Moçambique (ESAM) do Lago-Metangula; os Refugiados Regressados que se encontravam na altura no Centro dos Regressados do Lago, o Delegado Provincial da Renamo no Niassa, assim como todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para o resultado final deste trabalho, também vão os meus agradecimentos.

Graças ao meu Supervisor Prof. Dr. e Reitor da Universidade Pedagógica, Carlos Machili e ao meu Co-Supervisor dr. Paulo Ribeiro Soares, este trabalho não teria os actuais merecimentos. Para eles vão os meus reconhecimentos e agradecimentos.

Vão igualmente os meus agradecimentos à minha mãe, Essulo Kennessi Makala, minha tia, Maria João Nkumbileni, meu tio, Miguel Cecílio João Nkumbileni, minha avô, Alicia Robissani Chilenje (falecida em Outubro de 1994) e o meu pai, inexistente, António Mazambane, ficam aqui registadas as suas contribuições eternas.

## .Sumário

Pretende-se, como objectivo principal deste trabalho sobre "**Processos e Problemas de Reconstrução Social Pós Guerra Civil: o caso do Distrito do Lago-Niassa**", descrever o contexto histórico da região e da sociedade do distrito do Lago-Niassa, vítima de uma conjuntura Histórico-Nacional, a Guerra de Desestabilização Sócio-económica em Moçambique que pode, pelo menos em parte, explicar como é que ela afectou a nível da população da região do distrito do Lago-Niassa e quais são os processos e os problemas de reconstrução social pós guerra, existentes a nível dos regressados e da sociedade em geral, e em particular dos habitantes do distrito do Lago-Niassa.

O período em estudo é extensivo, vai desde 1975, fase da independência nacional, e termina em 1995, fase de reconstrução nacional pós-guerra. Este longo período está subdividido em três principais fases: de 1975 à 1985, corresponde o período antes da guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa e, ao mesmo tempo, constitui o período pós-guerra (esta região acabava de sair da grande Guerra de Libertação Nacional). O segundo período começa a partir dos finais de 1985, época em que a região do distrito do Lago-Niassa é afectada pela guerra civil que culmina com a devastação e a degradação das suas principais povoações rurais existentes em todo o distrito, assim como as suas principais infraestruturas sociais, estradas, pontes, escolas e postos de saúde, até a data da assinatura dos Acordos Gerais de Paz (AGP) em Roma, em 4 de Outubro de 1992, que culminaram com o cessar fogo em Moçambique. O último período, corresponde à fase de reconstrução pós-guerra em Moçambique e parte desde 1992 até a data actual. Entretanto, foi pertinente, também, fazer uma breve descrição do penúltimo período colonial na região do distrito do Lago-Niassa, cerca de 1970-1974 para se entender a dinâmica social deste Distrito, pois que, é a fase de transição sócio política em Moçambique.

Portanto, este trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, descreve os objectivos, coloca o problema em estudo, apresenta as hipóteses, o método e as fontes. No segundo capítulo apresenta-se uma descrição sobre a localização e a situação do espaço geográfico, a população, a economia e a situação sócio política do último período do tempo colonial (cerca de 1970-1974) e os primeiros anos da Independência Nacional (cerca de 1975-1985). No terceiro capítulo, descreve-se todo o processo da Guerra (civil) de desestabilização sócio económica na região do distrito do Lago-Niassa, desde o seu início, a sua intensidade e a sua duração, assim como o seu impacto que se caracterizou no despovoamento e na degradação do tecido e das infraestruturas sociais. No quarto capítulo (capítulo chave deste trabalho) apresentam-se os principais processos e estratégias de reconstrução social em diferentes fases, a participação do Estado, da Igreja e ONGs na reconstrução social, as perspectivas dos diferentes grupos na reconstrução social e os principais problemas que afectam a nível da reconstrução social. O trabalho, termina com apresentação de uma breve conclusão, uma lista bibliográfica e anexo de algumas entrevistas formais, feitas durante o estudo.

## INDICE:

### AGRADECIMENTOS

### SUMARIO

<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>1</b>
1. INTRODUÇÃO: .....	1
OBJECTIVOS.....	1
<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	<b>2</b>
<b>HIPÓTESES</b> .....	<b>3</b>
<b>MÉTODO E FONTES</b> .....	<b>4</b>
<b>CAPITULO II</b> .....	<b>7</b>
<b>2. O DISTRITO DO LAGO: A TERRA E OS HOMENS</b> .....	<b>7</b>
2.1 LOCALIZAÇÃO E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA.....	7
2 POPULAÇÃO.....	13
2.3 ECONOMIA.....	20
2.4 BREVE DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO REGIONAL DA SITUAÇÃO DO ÚLTIMO PERÍODO DO TEMPO COLONIAL (CA.1970-1974) E DEPOIS EM (1975-1985):.....	26
2.4.1 <i>Período de 1970-1974</i> .....	26
2.4.2 <i>Período de 1975-1985</i> .....	31
<b>CAPITULO III</b> .....	<b>38</b>
<b>3. A GUERRA CIVIL NO DISTRITO DO LAGO, 1986-1992</b> .....	<b>38</b>
3.1 O PROCESSO DA GUERRA.....	38
3.2 O IMPACTO DA GUERRA: .....	45
3.2.1 <i>O despovoamento</i> .....	45
3.2.2 <i>A degradação do tecido e das infraestruturas sociais</i> .....	48
<b>CAPITULO IV</b> .....	<b>51</b>
<b>4.PERIODO POS-GUERRA, 1992-1995</b> .....	<b>51</b>
4.1 RECONSTRUÇÃO E SUAS FASES: .....	51
4.1.1 <i>Regresso da população</i> .....	51
4.1.2 <i>Refixação</i> .....	55
4.1.3 <i>Relançamento</i> .....	57
4.1.4 <i>Local de povoamento</i> .....	64
4.1.5 <i>A participação do Estado, Igreja e ONGs na reconstrução social</i> .....	67
4.1.6 <i>As perspectivas dos diferentes grupos na reconstrução social</i> .....	71
4.2 PRINCIPAIS PROBLEMAS QUE AFECTAM À RECONSTRUÇÃO SOCIAL.....	77
<b>V.CONCLUSAO</b> .....	<b>79</b>
<b>VI. BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>82</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>86</b>

# CAPÍTULO I

## 1. INTRODUÇÃO: OBJECTIVOS

Este capítulo I está dedicado à apresentação dos principais objectivos do trabalho, a problematização do tema, a colocação das suas principais hipóteses, assim como do método usado e das fontes que sustentam o conhecimento aqui contido. Portanto, dentro dos objectivos específicos, pretende-se com este trabalho, apresentar resultados de um estudo realizado a nível da região do Distrito do Lago-Niassa (como um caso de estudo a nível da Província do Niassa e da Nação Moçambicana), sobre os principais processos ou estratégias de reconstrução social pós-guerra e as principais dificuldades encaradas dentro deste processo, a nível das populações locais residentes, tal como das populações que até hoje em dia estão em processo de retorno para as suas regiões de origem, sem contudo, pôr de parte o papel do governo local (incluindo as zonas subadministradas pela RENAMO) e de outros agentes humanitários na reconstrução do tecido social degradado pela guerra.<sup>1</sup>

O período em estudo é extensivo, vai desde 1975, fase da independência, e termina em 1995, fase de reconstrução nacional pós-guerra. Este longo período está subdividido em três principais fases:

1ª fase-1975-1985, corresponde o período antes da guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa e, ao mesmo tempo, constitui o período pós-guerra de Libertação Nacional.

2ª fase-começa a partir dos finais de 1985 e princípios de 1986, época em que a região do Distrito do Lago-Niassa é afectada pela guerra civil e vai até a data da assinatura dos Acordos Gerais de Paz (AGP) em Roma, em 4 de Outubro de 1992, que culminaram com o cessar fogo em Moçambique.

3ª fase-corresponde à fase de reconstrução social pós-guerra em Moçambique e parte desde 1992 até a data actual(1995/6).

---

<sup>1</sup> Neste caso, refere-se a recém terminada guerra civil ou de desestabilização (tal como a podemos chamar), pois que, a região do Lago-Niassa foi palco de duas guerras sucessivas nos últimos 28 anos, com apenas um período de 10 anos de intervalo (entre a luta de libertação nacional e o recente conflito armado em Moçambique).

Foi pertinente, também, fazer uma breve descrição da situação sócio histórica do último período colonial na região do Distrito do Lago-Niassa, cerca de 1970-1974 para se entender a dinâmica social do Distrito do Lago-Niassa, pois que, é a fase de transição sócio política em Moçambique. Entretanto, o grande destaque deste trabalho, é sobre o IV capítulo do período pós guerra, que aborda os processos e os problemas de reconstrução social a nível da região do distrito do Lago-Niassa e os primeiros três capítulos apenas constituem as premissas deste tema.

## PROBLEMATIZAÇÃO

A crise social na região do distrito do Lago-Niassa não é nova. Os habitantes desta região contam que, no passado, eclodiram grandes conflitos que puseram em causa o desenvolvimento social deste distrito, desde as façanhas dos Angónis, localmente esta guerra foi chamada por "Nkhondo Ya vi kopa"<sup>2</sup>; das razias dos Alemaes durante a I Guerra Mundial<sup>3</sup>, localmente conhecidas por "Nkhondo ya Djelemaný"<sup>4</sup>, e da Luta de Libertação Nacional. Para além destes conflitos acima mencionados, hoje em dia, a região do distrito do Lago-Niassa enfrenta os reveses da recém terminada Guerra Civil que provocou o despovoamento e a degradação do tecido e das infraestruturas sociais em grande proporção.

É dentro deste contexto sócio-histórico que se pode questionar até que ponto é que a Guerra Civil no distrito do Lago-Niassa contribuiu para o retrocesso do desenvolvimento social nos últimos anos?

---

<sup>2</sup> "Nkhondo ya vikopa", tal como os Nyanjas do Lago-Niassa a designam, significa "guerra de escudo", promovida pelos Angonis durante a sua migração para o norte do Lago Niassa. Como consequências dessas guerras, hoje temos no norte do distrito do Lago, em Lupilichi, pequenos grupos de Angonis vindos do sul da Tanzania (em Mbalanenga e Lokambo). Entrevista com Oswaldo Assahel Tazama, actual Secretário de Estado para os Antigos Combatentes, Maputo, 13 de Março de 1996.

<sup>3</sup> "...um novo factor agrava o triste passado...trata-se desta vez do desencadeamento da Primeira Grande Guerra Imperialista do nosso século que se reflectiu duramente sobre a população do Niassa porque sendo uma colónia portuguesa e, na altura, o Tanganika uma colónia alemã e o motivo principal da guerra a disputa por novos territórios, Moçambique foi invadido". "Para onde foi a população do Niassa", In: Tempo: número especial: fazer do Niassa um modelo de luta contra o subdesenvolvimento, Maputo, Dezembro, 1979, pp 68.

<sup>4</sup> "Nkhondo ya Djelemaný". É assim que foi conhecida pelos Nyanjas do Lago-Niassa a guerra que os alemaes promoveram no norte deste distrito que culminou com a destruição do antigo posto de Chiwindi na fronteira com a Tanzania. Entrevista com Fernando Evans, Régulo de Ngongo (Michumua), 20 de Julho de 1994.

.Que estratégias de reconstrução social pós-guerra são seguidas a nível regional?

.Que tipo de problemas é que a região tem encarado no processo de reconstrução social pós-guerra?

.Quais são as principais perspectivas de reconstrução social existentes para que a região volte a tornar o centro de atração e desenvolvimento social?

## **HIPÓTESES**

O estudo realizado na região do distrito do Lago-Niassa apresenta uma panorâmica sobre como as pessoas e as relações sociais são e como foram afectadas pela guerra civil e que consequências esta lhes produziu. As questões centrais estão contidas nas seguintes Hipóteses: Com o fim da guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa, as populações que tinham abandonado as suas zonas de origem encontram-se em processo de retorno;

. Como a maior parte das povoações ficaram abandonadas na região do distrito do Lago-Niassa, e conseqüentemente transformadas em florestas desabitadas durante cerca de 6 a 7 anos, estas pessoas terão de recomeçar a sua vida apartir do "ponto zero", o que implica a necessidade de grandes recursos para a sua própria sobrevivência e grande necessidade de ajuda na reconstrução de suas infraestruturas sociais, escolas, hospitais, estradas e pontes.

. Para o caso da população regressada dos campos de concentração dos refugiados nos países vizinhos e dos deslocados internos, e que estão desprovidas de escassos recursos alimentares e instrumentos de produção (catanas, enxadas, machados, foices, pás, arados, etc.), repovoando as suas zonas de origem, outrora abandonadas, a probabilidade de serem afectadas pela fome é maior. Nas regiões outrora abandonadas ou destruídas, existiam certas infraestruturas sócio-económicas que hoje em dia se encontram reduzidas em ruínas, é o caso da rede sanitária, escolar e rede de comunicação (estradas e pontes), sem falarmos da rede comercial e da segurança militar (quarteis), tudo isto, requererá grande ajuda da parte do governo ou de Agentes Humanitários no seu restabelecimento.

Dadas as condições específicas da região do distrito do Lago-Niassa: importante centro de atracção turística do hinterland e de desenvolvimento da pesca, capaz de abastecer as populações locais e das regiões periféricas - a região do distrito do Lago-Niassa apresenta condições para se tornar num dos pólos de desenvolvimento social regional, convertendo-se num centro de atracção para a população retornada e atracção de investimentos para exploração dos recursos locais (agricultura, pesca, minas e turismo), principalmente com a reconstrução das principais vias de comunicação que fazem ligação com outras parcelas do país e do continente, por se encontrar na confluência entre Moçambique, Malawi e Tanzania.

A região do distrito do Lago-Niassa tem poucos habitantes, cerca de cinquenta e seis mil, segundo dados actuais fornecidos pela Administração do Distrito, em Abril de 1996, com a sua devastação pela guerra, na sua falta de apoio no processo de reconstrução social, poderá fazer com que esta região se mantenha durante um longo período despovoada, pois que as suas populações facilmente se emigrarão para outros pontos do país ou mesmo para os países vizinhos, em busca de condições de segurança social.

## MÉTODO E FONTES

Este trabalho é principalmente um estudo empírico, cujas experiências se baseiam nos trabalhos de campo efectuados em Julho de 1994 e Abril de 1996 sobre questões relacionadas com a História Social da Crise Político-económica, Guerra Civil e os Processos e Problemas de Refixação, Relançamento e Reconstrução Social em pós-guerra no Distrito do Lago-Niassa, como parte do estudo do projecto "*Camponeses, Estado e Guerra: Achegas para uma História Social da Guerra Civil em Moçambique*"

As principais fontes deste trabalho, foram conversas tidas com pessoas ocupando diferentes cargos e vindas de diferentes classes sociais: funcionários públicos e representantes de autoridade locais, distrital, provincial ou central, assim como comerciantes, camponeses, empresários do sector das pescas, pequenas indústrias transformadoras (moageiras) e transportes, militares desmobilizados e o Delegado Provincial da Renamo no Niassa. Contactei também com muitos deslocados e

regressados e outros grupos da população das zonas rurais e estudantes regressados (refugiados do Malawi e da Tanzania) que se encontram desde Abril de 1994 na escola do Ensino Secundário Aberto de Moçambique (ESAM) no Lago-Niassa. As linguas usadas foram principalmente o Português, Nyanja e Jawa. Dessa maneira, cerca de 72 pessoas colaboraram (em forma de entrevistas e conversas) para a recolha de conhecimentos para estudo, e as entrevistas formuladas estão documentadas em gravações ou em transcrições escritas a partir das entrevistas gravadas.

As fontes escritas utilizadas como material básico deste trabalho são de diferentes tipos (e todas as fontes são enumeradas na lista de bibliografia); uma categoria inclui livros e outros tipos de material impresso, jornais e folhas noticiosas; uma outra categoria de material básico é constituída por relatórios das várias instituições Humanitárias e do Estado, a este grupo pertencem também os trabalhos apresentados no Seminário "Niassa 2000". Muito poucos livros (praticamente raros) ou artigos do período de 1975-1995 existem em forma de estudo sobre a região do distrito do Lago-Niassa. Portanto, o estudo foi feito na base de um levantamento sócio-cultural e económico da região do distrito do Lago-Niassa afectada pela guerra civil, através de consultas de relatórios existentes nas diversas instituições locais; Foram feitas entrevistas e um questionário, não obrigatoriamente em forma de formulário, a nível da população do distrito (especialmente nas regiões de Metangula, Chuanga, Messumba, Mechumua e Ngongo (arredores do antigo quartel de Magica) que na altura constituíam zonas acessíveis, tendo em conta algumas variáveis principais:

- Descrição e caracterização regional da situação antes e depois da guerra civil, salientando a situação no último período do tempo colonial (ca. 1970-74) e depois em (1975-85);

- Início da desestabilização na região do distrito do Lago-Niassa, suas fases, intensidade, duração e o seu impacto;

- Apurar a relação entre população e beligerantes durante e depois da guerra, contradições de estruturas do poder na zona e contradições ideológicas;

- Experiência de guerra da população residente e as suas opções de sobrevivência durante a guerra, suas ocupações e a transformação desta em emigrante permanente;

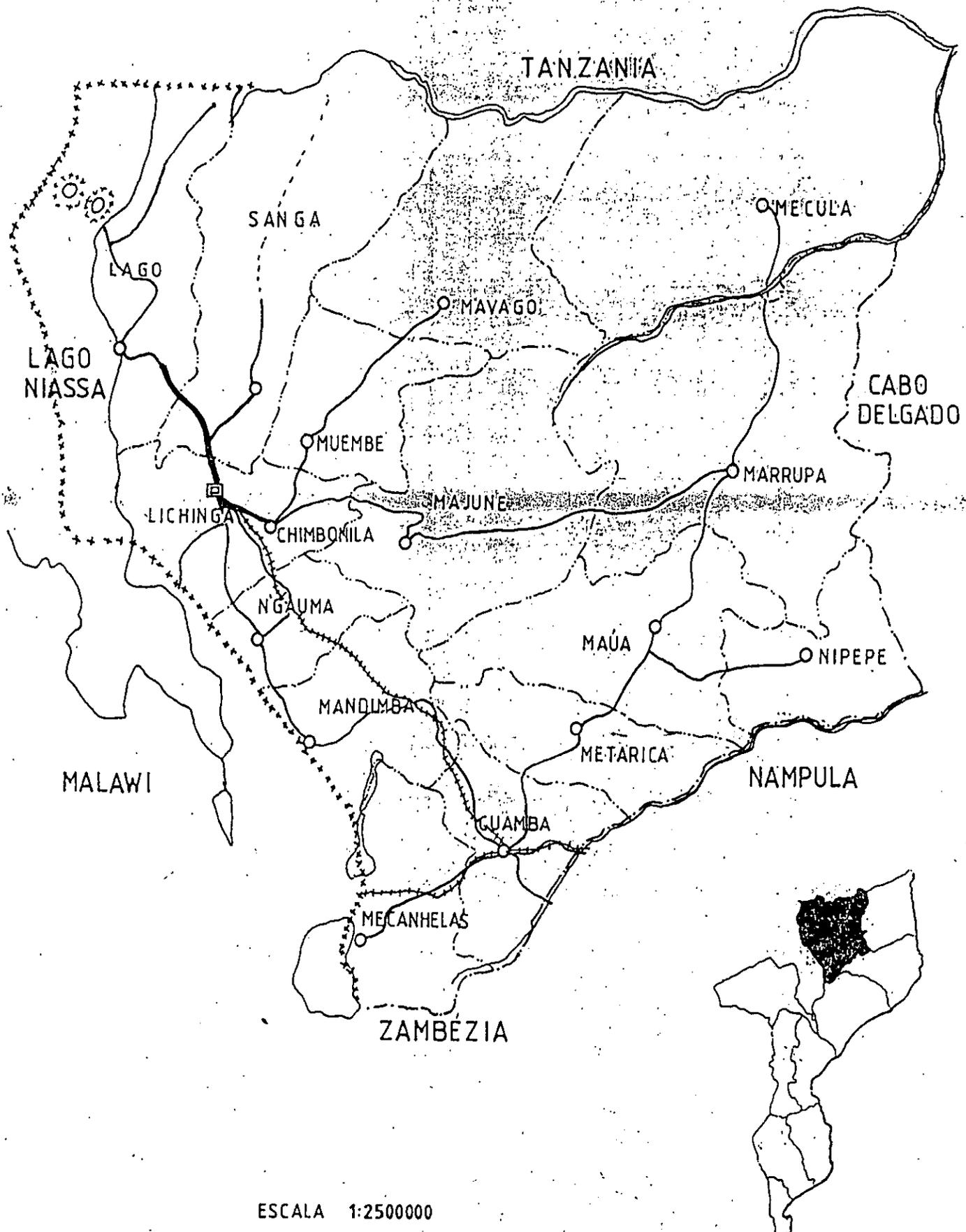
-Identificação de regiões despovoadas através de visitas locais e esboços de mapas, dados quantitativos e qualitativos;

-Para a reconstrução, procurou-se descrever primeiro a economia e estruturas económicas existentes na região, fases de reconstrução e regresso da população, produção de gêneros agrícolas, mudanças sócio-económicas, tipos de administração e estruturas políticas; problemas de terra e local de povoamento, mercado para excedentes, conjuntura económica (recursos locais para reconstrução, recursos externos de importância estratégica como pontes, minas, casas de alvenaria, etc.);

-Quais as perspectivas dos diferentes grupos populacionais locais na reconstrução;

- A participação do Estado e ONGs na reconstrução social.

# PROVINCIA DO NIASSA



ESCALA 1:250000





## CAPITULO II

### 2. O DISTRITO DO LAGO: A TERRA E OS HOMENS

#### *2.1 Localização e situação geográfica*

O objectivo central deste capítulo é apresentar o panorama geral do Distrito do Lago-Niassa, em especial à sua localização e a situação geográfica, os seus habitantes, a sua economia e uma breve referência do contexto sócio histórico da região durante o último período do tempo colonial (ca.1970-74) e o primeiro período pós independência (ca.1975-85) pois que, é o período que precede a recém terminada guerra civil a nível do Distrito do Lago-Niassa.

O Distrito do Lago<sup>5</sup> situa-se no extremo noroeste da província do Niassa, junto à margem oriental do Lago Niassa, de latitude 12° 41' 45" e de longitude 34° 48' 31", há 112 km da cidade de Lichinga, capital da província.

Limites: Ao Norte, o distrito do Lago faz fronteira com a República da Tanzania, parte desde as águas do Lago Niassa, para Este, até a confluência dos rios Chipinge e Messinge. A Este, limita-se com o Distrito de Sanga, parte desde a confluência dos rios Chipinge e Messinge, segue o curso do rio Messinge, para montante, até a sua confluência com o rio Nossi, deste ponto, segue em alinhamento recto, para Sudeste, até a cota 1233m, na extremidade Norocidental da serra de Macuta, de latitude 12° 41' 00" e de longitude de 35° 08' 48", deste ponto, segue em alinhamento recto, para Sudeste, até a cota 1442m, de latitude de 12° 45' 26" e de longitude de 35° 09' 42", deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste, até a cota 1820m, de latitude de 12° 49' 12" e de longitude de 35° 08' 30", deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste, até ao vértice geodésico Nacaonda, deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste até a cota 1494m, de latitude 12° 52' 12" e de longitude 35° 04' 25", deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste até a confluência dos rios Messinge e Nhundo, de latitude de 12° 53' 06" e de longitude de 35° 04' 18", deste ponto segue em alinhamento

---

<sup>5</sup> Neste trabalho será frequente chamar-se por "Distrito do Lago-Niassa" ou simplesmente "Distrito do Lago", tal como os próprios habitantes o designam por se encontrar ao longo da margem do Lago Niassa.

recto, para Sudoeste até a estrada de Lichinga à Metangula, numa latitude de 12° 54' 37" e de longitude de 35° 03' 24" que se situa a cerca de 5,5 km para Sudeste da povoação de Mbandece, deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste, até a nascente do rio Mbandece, de latitude de 12° 56' 07" e de longitude de 35° 02' 38", deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste, até a nascente do rio Timba, de latitude de 13° 03' 06" e de longitude de 34° 58' 18". Ao Sul, limita-se com o distrito de Lichinga, segue o curso do rio Timba, para jusante, até a sua foz no Lago Niassa. A Oeste, segue pela linha de fronteira internacional com a República de Malawi, onde a fronteira é definida por uma linha convencional que divide as águas do Lago Niassa (Lago Malawi para os Malawianos) pelas duas soberanias, para Norte, na fronteira internacional com a República de Tanzania, que se situa dentro das águas do Lago Niassa<sup>6</sup> Em águas territoriais Moçambicanas, em frente ao Posto Administrativo do Cóbue, mas fazendo parte da soberania do Malawi, situam-se as Ilhas de Likoma<sup>7</sup> e de Risumulo. Portugal adquiriu o direito de posse de águas territoriais no Lago Niassa por acordo celebrado em Lisboa no dia 18 de Novembro de 1954 entre os representantes dos governos Português e Inglês e da Federação das Rodésias e da Niassalândia, ratificado pela Assembleia Nacional em 28 de Junho de 1955.<sup>8</sup>

Divisão Administrativa: O Distrito do Lago-Niassa tem uma área total de 13.053 km<sup>2</sup>,<sup>9</sup> sendo 6.528 km<sup>2</sup><sup>10</sup> de terras firmes e 6.525 km<sup>2</sup><sup>11</sup> de águas territoriais no Lago Niassa, com sede em Metangula, está dividido em quatro Postos Administrativos:

---

<sup>6</sup> Mapas. Divisão Territorial e Cadastro, Distrito de Lago, Província do Niassa. Direcção Nacional de Geografia e Cadastro (DINAGECA), Maputo, 1986

<sup>7</sup> O processo de integração das ilhas de Likoma para o Malawi, segundo a sua história é seguinte: "Existem duas versões sobre aquelas ilhas. Há uma que nos parece lendária, que diz que, nos tempos antigos, os representantes locais do governo Inglês e Português, discutiam sobre a quem deviam pertencer as ilhas. Decidiram então que se deveriam deslocar lá, chamar o régulo que decidiria qual a bandeira de que mais gosta. Em função disso se decidiria qual é o país que ficaria com as ilhas. Conta a lenda que o régulo gostou mais da bandeira Inglesa por causa dos traçados e as ilhas ficaram sob possessão Britânica. Mais tarde, quando da independência da Niassalândia, as ilhas ficaram integradas no território Malawiano. A outra versão, que nos parece ter mais fundamentos históricos, é de que as ilhas foram entregues aos Ingleses por troca de duas outras ilhas pertencentes a Hong-Kong, situadas perto de Macau. Os Portugueses tinham necessidade das ilhas em virtude de Macau estar super habitado e forneceram em troca as ilhas. Os Ingleses por sua vez, aceitaram a troca para fazerem das ilhas no Lago-Niassa, o Centro da Difusão da Religião Anglicana para toda aquela zona". Tempo n°480, 23/12/79 pp32.

<sup>8</sup> SANTOS, N., Valdez dos, O Desconhecido Niassa, 1964, pp100-101, citado por AMARAL, M., Gama, O povo Yao: subsídios para o estudo de um povo do noroeste de Moçambique, 1990, pp.24.

<sup>9</sup> Segundo o censo de 1970, a então circunscrição do Lago apresentava uma área total de 13053 km<sup>2</sup>, com uma população total de 13457 habitantes e 1,0 de densidade por km<sup>2</sup>. IV Recenseamento Geral da

**1. Posto Administrativo de Metangula sede**, com sede na vila de Metangula, tem 854 km<sup>2</sup> de superfície, fica localizado entre 12° 41' 45" de latitude e 34° 48' 31" de longitude. Limita-se, ao norte, com o Posto Administrativo de Lunho, através do rio Lunho, parte desde a foz deste rio, de latitude de 12° 37' 38" e de longitude de 34° 46' 14", segue o seu curso, até a foz do rio Mambe, e daqui segue o curso do rio Mambe até a sua nascente, de latitude de 12° 38' 44" e de longitude de 34° 56' 49". A Leste, limita-se com o Posto Administrativo de Maniamba, e parte desde a nascente do rio Mambe, segue em alinhamento recto, para Sul, até ao vértice geodésico Luabala, de cota 136m, de latitude de 12° 41' 14" e de longitude de 34° 56' 33". Deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste, até a cota de 1185m do monte Metagara e deste ponto, segue em alinhamento recto para Sul, até um ponto do rio Luchamange, de latitude de 12° 45' 24" e de longitude de 34° 55' 40". Deste ponto segue para Sul em alinhamento recto, até ao vértice geodésico Lucóki, de latitude de 12° 52' 50" e de longitude de 34° 56' 05". Deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste, até a nascente do rio Chindumbe, de latitude de 12° 53' 51" e de longitude de 34° 55' 49" e deste ponto segue o curso do rio Chidumbe, para jusante, até a sua foz no rio Michesa e daqui segue ao longo deste rio, para montante, até a foz do rio Namoguanda, donde segue até a sua nascente, de latitude de 12° 59' 48" e de longitude de 35° 57' 19". Deste ponto segue em alinhamento recto, para Sudoeste, até a nascente do rio Luguési, de latitude de 13° 00' 20" e de longitude de 34° 56' 14", segue o curso deste rio, para jusante, até a foz do rio Timba, de latitude de 13° 05' 12" e de longitude de 34° 54' 20". Ao Sul, limita-se com o distrito de Lichinga, segue o curso do rio Timba até a sua foz no Lago Niassa. A Oeste, segue pela linha de fronteira internacional com o Malawi, para norte, até a foz do rio Lunho, de latitude de 12° 37' 38" e de longitude de 34° 46' 14". O

---

população, 1970, nº4: Distrito do Niassa. I.N.E., D.E.P.M., D.P.S.E., República Portuguesa, Estado de Moçambique, Setembro de 1973, pp.XXVI

<sup>10</sup> População e área da província por distritos. In: Seminário " Niassa 2000", República de Moçambique, Governo da Província do Niassa, Lichinga, aos 2 a 6 de Outubro de 1995, pp.3

<sup>11</sup> AMARAL, M.G., O Povo Yao, op.cit. pp.23 (Nesta obra o autor apresenta uma área de 6 952 km<sup>2</sup> de águas territoriais do Lago Niassa, mas acontece que esta porção é partilhada pelos distritos do Lago que possui, segundo o censo de 1970, área total de 13053km<sup>2</sup> [água mais terra] e a restante área pertence ao distrito de Lichinga que corresponde à 427km<sup>2</sup> de água)

Posto Administrativo de Metangula está dividido em duas Localidades, nomeadamente, a Localidade de Metangula sede e a Localidade de Meluluca.<sup>12</sup>

2. **Posto Administrativo de Maniamba**, com sede em Maniamba, tem 1262 km<sup>2</sup> de superfície<sup>13</sup>, fica localizado entre 12° 45' 58" de latitude e 34° 58' 41" de longitude, limita-se, ao norte, com o Posto Administrativo de Lunho, parte desde a foz do rio Mambe, segue o curso do rio Lunho, até a sua nascente, com latitude de 12° 26' 09" e com longitude de 35° 04' 28", segue em alinhamento recto até ao vértice geodésico Chissindo, de cota 1579m, de latitude de 12° 25' 53" e de longitude de 35° 07' 30", segue deste ponto, em alinhamento recto até a um ponto do rio Messinge, de latitude de 12° 25' 53" e de longitude de 35° 08' 45". A Leste, limita-se com o Distrito de Sanga, através do rio Messinge, até a sua confluência com o rio Nossi, deste ponto segue em alinhamento recto para Sudoeste, seguindo o limite do distrito. Ao Sul, limita-se com Distrito de Lichinga e a Oeste limita-se com o Posto Administrativo de Metangula. O Posto Administrativo de Maniamba está dividido em duas Localidades, de Maniamba sede e de Mbandece.

3. **Posto Administrativo de Lunho**, com sede em Lunho, tem 942 km<sup>2</sup> de superfície<sup>14</sup>, fica localizado entre 12° 36' 21" de latitude e 34° 46' 41" de longitude, limita-se, ao Norte, com o Posto Administrativo de Cóbue, parte desde a foz do rio Fugue, de latitude de 12° 30' 40" e de longitude de 34° 42' 42", segue até a sua nascente, deste ponto, segue em alinhamento recto, para Este até a margem direita do rio Noziue, de latitude de 12° 19' 36" e de longitude de 34° 58' 30". Deste ponto, segue em alinhamento recto para Nordeste, até um ponto do rio Dilungue, de latitude de 12° 17' 55" e de longitude de 35° 02' 22", deste ponto segue em alinhamento recto, para Nordeste, até a nascente do rio Jugo, de latitude de 12° 16' 45" e de longitude de 35° 05' 00", deste ponto segue em alinhamento recto para Sudeste, até a nascente do rio Muali, para jusante, até a sua foz no rio Nacaval, de latitude de 12° 17' 54" e de longitude de 35° 08' 10". daqui segue o curso do rio Nacaval até a sua foz no rio Messinge de latitude de 12° 18' 15" e de longitude de 35° 10' 16". A Leste, limita-se com

---

<sup>12</sup> Os dados sobre a superfície dos Postos Administrativos aqui presentes podem não ser correctos, visto que, existe diferença da área total do distrito do Lago, apresentada pela DINAGECA (6438 km<sup>2</sup>), em relação as outras fontes (6528 km<sup>2</sup>, dados do Governo do Niassa).DINAGECA, op.cit.

<sup>13</sup> DINAGECA, op.cit.

<sup>14</sup> Idem.

o Distrito de Sanga, segue o curso do rio Messinge até a nascente do rio Lunho, de latitude de 12° 26' 09" e de longitude de 35° 04' 28". Ao Sul, limita-se com os Postos Administrativos de Maniamba e de Metangula, segue o curso do rio Lunho, para jusante, até a sua foz no Lago Niassa, num ponto de latitude de de 12° 37' 38" e de longitude de 34° 46' 14" e deste ponto, segue pela linha internacional com o Malawi, para Norte, até a foz do rio Fugue. O Posto Administrativo de Lunho está dividido em duas Localidades, nomeadamente, de Lunho sede e de Mepoche.

4. **Posto Administrativo de Cóbue**, com sede em Cóbue, tem 3380 km<sup>2</sup> de superfície<sup>15</sup>, fica localizado entre 12° 08' 28" de latitude e 34° 45' 40" de longitude, limita-se, ao Norte, pela linha da fronteira internacional com a República da Tanzânia, a Leste, com o Distrito de Sanga, ao Sul, com o Posto Administrativo de Lunho e a Oeste, limita-se pela linha da fronteira internacional com a República de Malawi através do Lago Niassa. O Posto Administrativo de Cóbue está dividido em três Localidades, nomeadamente, a Localidade de Cóbue sede, de Chiwindi e de Lupilichi.

Estes Postos Administrativos e as Localidades, estão ligados por uma rede de comunicação lacustre e terrestre, e existem quatro estradas regionalmente classificadas:

- Estrada Nacional(EN 249)-Lichinga-Maniamba(asfaltada com 82,2km);
- Estrada Nacional(EN 249)-Maniamba-Metangula(terra, com 9,8km)
- Estrada Regional(ER 538)-Metangula-Lupilichi(terra, com 209km)
- Estrada Regional(ER 541-CR.ER 538)-Cóbue(terra, com 14km)<sup>16</sup>

O clima local é tropical e chuvoso, cuja precipitação pluviométrica varia entre 1400 a 1800mm/ano nas regiões planálticas de Maniamba, e 1000 à 1400mm na costa do Lago Niassa e 95% das chuvas ocorrem entre os meses de Novembro e Abril. As temperaturas médias anuais variam de 22 à 24°C na costa do Lago Niassa e 18 à 20°C no planalto de Maniamba. A humidade relativa é máxima(85%) entre Janeiro e Fevereiro, e é mínima (54%) em Outubro. Estas diferenças são devido ao relevo montanhoso, que ocupa grande parte do interior do Distrito, salientando-se a formação do sistema

---

<sup>15</sup>Idem.

<sup>16</sup> Para além destas quatro estradas classificadas, existem ainda outras, classificadas como picadas que servem de ligação interna. Direcção Provincial de Estradas e Pontes de Niassa, Lichinga, aos 18 de Abril de 1996.

Maniamba-Amaramba que se estende desde o norte do distrito e prolonga ao longo da costa do Lago Niassa até ao sul da província. A zona costeira do Lago-Niassa é de temperaturas altas, chegam a atingir os 35 graus centígrados nos meses de Agosto a Janeiro, enquanto que a zona planáltica de Maniamba é de clima de altitude e com temperaturas baixas que chegam a atingir 11,1 graus centígrados nos meses de Junho.<sup>17</sup>

A região do planalto de Maniamba é a única a nível do distrito do Lago onde as chuvas são frequentes ao longo do ano devido a este clima de altitude em relação a zona costeira do Lago-Niassa que, por vezes tem sofrido problemas de seca. Dentro desta cadeia montanhosa, o sistema Maniamba-Amaramba que parte no norte do distrito do Lago, elevam-se importantes picos, serras e montes nesta região, como é o caso do monte Txitongo com 1848 metros de altitude, o monte Binga com 1367 metros de altitude e depois temos a serra Metochi com 1185 metros, Chissindo com 1138 metros e a vila de Metangula é rodeada pelo pico Txifu com 932 metros e o pico Missumba com 803 metros.<sup>18</sup> Grande parte da região do lago é cercada por uma série de picos, serras e montes.

O relevo acidentado dá origem a numerosos riachos com vales bastante férteis, o caso dos vales do rio Lunho, do rio Cóbue (com os seus principais afluentes, Naziwe, Mecondece e Lissanguese), do rio Messinge (com os seus afluentes, Jugo e Dilungue) e do rio Meluluca (com o seu afluente Luina).

A vegetação do Distrito do Lago-Niassa é muito deficientemente conhecida por falta de estudos profundos, mas a zona marginal do Lago Niassa desenvolve-se em formações do complexo granito-gneissico, do karroo (a norte de Metangula)<sup>19</sup> e junto às embocaduras dos ribeiros, em solos aluvionares, crescem florestas altas ou medianas, brenhosas e decíduas, conforme a natureza dos solos, no restante da zona, observam-se matas abertas, medianas ou baixas.

Ao longo da costa do Lago Niassa os solos são aluvionares, fluviais e lacustres, enquanto que no interior os solos são sialíticos negros, cinzentos e castanhos com excepção do planalto de Maniamba onde existem solos ferrealíticos avermelhados.

---

<sup>17</sup> AMARAL, M. G., op.cit.pp.31.

<sup>18</sup> AMARAL, M.G., op.cit.p.26

<sup>19</sup> AMARAL, M.,G.,op.cit.pp.33

Geologicamente, existem rochas metamórficas do paleozóico e precâmbrico, rochas sedimentares do terciário, rochas sedimentares do karroo e do quaternário<sup>20</sup>.

## 2 População

A população do Distrito do Lago-Niassa foi estimada em 56000 habitantes em 1996 depois do processo de repatriamento e repovoamento pós guerra. É constituída por **Nyanjas**, que constituem a maioria no Distrito, cerca de 24.340 habitantes,<sup>21</sup> segundo cálculos recentes. Os Nyanjas habitam na estreita faixa da margem do Lago Niassa desde períodos antes da penetração estrangeira na região e foram designados por gente da borda de água, o que em lingua Nyanja significa "Anyanja".<sup>22</sup> Entretanto, o termo "Nyanja" tem três significados: Primeiro, significa um grupo linguístico (povo) de lingua Nyanja, com os mesmos hábitos, com a mesma cultura e os mesmos usos e costumes. Em segundo lugar, o termo "Nyanja" significa a lingua Nyanja, e por último, o termo "Nyanja" significa Lago ou uma grande porção de água, pois que, os próprios Nyanjas, quando querem designar por exemplo o Oceano Indico dizem apenas "Nyanja ya mbwani"<sup>23</sup>

A origem dos Nyanjas na bacia da região do Lago-Niassa, é interpretada, segundo o autor Assahel Jonathan Mazula da seguinte maneira:

*"...os Nyanjas são oriundos da região de Africa Central, neste caso específico, precisamente no deserto do Sara. Se olharmos para o mapa de Africa, encontramos, junto do rio Níger (Africa Ocidental), uma antiga povoação de nome Tombucto. Daqui vieram os Nyanjas...Justamente devíamos ter sido chamados 'Tumbukas' ou 'Watumbukutu' que significaria os naturais de tumbuctu, como aliás são designados os nyanjas do lago Niassa ocidental, em Karonga".*<sup>24</sup>

<sup>20</sup> Atlas geográfico, vo.I, MINED, RPM, Maputo, 1986, pp.17

<sup>21</sup> AMARAL, M. G., op.cit.pp.35

O censo de 1980 apresenta 23.033 habitantes Nyanjas do Distrito do Lago-Niassa. I Recenseamento Geral da População, 1980, RPM, CCR, Informação Pública, Maputo, 1983, pp, 39-40.

<sup>22</sup> Mesmo os Jawas designam a este povo de "Anyasa", para designarem as populações que encontraram a margem do lago. AMARAL, M.G., op.cit.pp.35

<sup>23</sup> Assahel Jonassane Mazula refere "...por conseguinte ficamos com o nome de wanyanja- os Nyanjas, exactamente por termos fixado residência junto do Lago". Mazula Assahel Jonassane- História dos Nyanjas, Lisboa, 1962, p.28, citado por AMARAL, M.G., op.cit.p.36.

<sup>24</sup> MAZULA, Assahel Jonassane, 1968, p.28, citado por AMARAL, M.G., op.cit.p.36.

Praticamente, os Nyanjas apareceram na região da bacia do Lago-Niassa, nas actuais regiões que correspondem os territórios de Moçambique, Malawi, Tanzania e Zâmbia em geral e no distrito do Lago-Niassa em particular, durante as migrações bantu.<sup>25</sup> "...os primeiros grupos que partiram da África Central, passaram pela região de Choma na actual Zâmbia, onde adoptaram o nome de Chewa e permaneceram longos anos e aqui tiveram o seu primeiro rei (Mfumu) Karonga, Chinkole. Depois da morte deste, sucedeu-lhe, como Karonga, Chikosi, filho da célebre matriarca Nyangu, de que um dos filhos, Undi, havia de fundar uma dinastia e vir a ter uma grande influência na vida do povo Achewa, fixando-se junto do rio Kapoche, na actual Circunscrição da Marávia. Um irmão do Undi, Mkanda, chefiou os Achewas que se foram fixar entre os wayao dos quais provêm os actuais Nyanjas."<sup>26</sup>

Os Nyanjas, neste período de migração, eram homens da mesma linhagem, da mesma tribo, do mesmo sangue, pertenciam a um só clã, uma só linhagem tribal, tinham a mesma forma de viver, a mesma forma de expressão e acções apesar de hoje em dia serem conhecidos de maneiras diferentes: Nyanjas, Maganjas, Achewas, Tombuctus, etc. Ao longo desta migração em direcção às regiões da bacia do Lago-Niassa, os Nyanjas, sofreram ataques dos Angonis, vindos da Zululândia quando se dirigiam para Tanganika daí a sua dispersão. Esta dispersão ocorreu, segundo dados disponíveis,

*"...em Kapilintiwa: Uns não tinham rumo e foram designados por "Azimba", outros foram fixar-se junto do rio Bwanji, perto do monte Lilongwe. Chegados aqui (Malawi), o Karonga Chizosi chamou o Undi e disse: Eu chamei-te não para milando mas sim para uma boa paz e harmonia. Eu peço que tu voltes a Kapoche (província de Moçambique). Deves ir aí, meu irmão, porque em todas as partes deixámos nossos irmãos Achewas (Nyanjas), para guardarem as nossas terras. Junto do Mweru (Mweru) deixámos a nossa gente. Em Choma (Rodésia do Norte), deixámos a nossa gente, mas em Kapoche (Moçambique) não deixámos ninguém. Queremos fixar os nossos irmãos em toda a parte, para, nas viagens, ter lugar de repouso sossegado. Assim peço que o*

---

<sup>25</sup> O Grupo linguístico Nyanja foi um dos que sofreu à sua separação a nível da bacia do Lago-Niassa pelo sistema imperialista na África e como consequência disto, hoje em dia encontra-se separado em quatro países, desde Moçambique(Lago-Niassa, Mecanhelas, Milange e Angónia), Tanzania(margem oriental do Lago-Niassa), Malawi e Zâmbia(a parte oriental).

<sup>26</sup> Idem.

*nosso irmão Mkanda vá com o povo dele fixar residência entre ajauas, e assim teremos sempre irmãos Nyanjas em toda a parte onde passarmos.*"<sup>27</sup>

Os principais clãs dos migrantes Nyanjas neste período de migração eram, Aphili (montanhês), Abanda, Amwela, Akwenda, Ampadwe.<sup>28</sup> A organização social e familiar dos Nyanjas é de regímen matrilinear e uxorilocal por um lado, por outro, nota-se um movimento de transição social para o regímen patrilinear e virilocal.<sup>29</sup> Entre a população Nyanja, coexistem hoje em dia os dois regímenes familiares, podendo um homem, simultaneamente, realizar casamentos que imponham o pagamento de compensação e outros que não imponham, o que é vulgar. O lobolo neste caso designa-se por "Tchuma"<sup>30</sup> entre os Nyanjas. Os Nyanjas não praticam as cerimónias dos ritos de circunscrição dos rapazes mas a sua iniciação é feita no Nyau e para as raparigas, é feita no Nkhole, que são formas de educação social.

A dança e a música, constituem outras formas de manifestação sócio cultural dos Nyanjas e as principais manifestações de grandes festas em certas épocas do ano, são as danças de N'ganda, dança popular dos seus homens e movimenta milhares de habitantes nos momentos de paz, e de Chiwoda, dançada pelas suas mulheres, também com o mesmo valor social. Existem por outro lado, tantas outras pequenas danças de entretenimento social, tal como Makhanha, khonzati, Likwata, etc.

Grande parte dos Nyanja adoptaram a religião cristã, especialmente à Igreja Católica e a Igreja Anglicana, devido a presença da Missão Anglicana na região do Lago-Niassa, que se instalou primeiramente nas ilhas de Likoma nos princípios dos anos de 1800 e que vieram, mais tarde, construir um Colégio Missionário em Cóbue. Mais tarde os Portugueses entraram em contradição com os Ingleses Missionários e chegaram a matar um Padre Inglês. Daí, o Colégio da Missão de Cóbue foi transferido de novo para Likoma. Em 1886,<sup>31</sup> a Missão Anglicana instalou-se em Messumba, razão pela

---

<sup>27</sup> MAZULA, A.J., citado por AMARAL, M.G., op.cit.p.36

<sup>28</sup> Clã em Nyanja significa "Chilawa" e esta nomenclatura aparece citada na obra de AMARAL, M. G., p.37 só que carece de uma exacta ortografia para se pronunciar tal como os próprios Nyanjas designam.

<sup>29</sup> AMARAL.M.G.,op.cit.p.38

<sup>30</sup> Tchuma, que é o pagamento de uma compensação de um casamento(lobolo), na tradição Nyanja, é um simples símbolo da relação matrimonial, pois que, a sua quantidade varia segundo a posição social de cada família.

<sup>31</sup> "A Missão de Messumba fez o seu centenário em 1986". Entrevista com Oswaldo Assahel Tazama, Maputo, 16/3/96.

qual, grande parte dos Nyanjas do norte do Lago-Niassa, a partir de Metangula até as fronteiras com o Malawi e a Tanzania, são Anglicanos. E segundo dados de 1960, indicam que, haviam no distrito do Lago-Niassa um total de 48350 habitantes<sup>32</sup> e destes:

- 2251 -eram católicos
- 10844 -eram cristãos não católicos<sup>33</sup>
- 34662 -não eram cristãos
- 593 -não tinham religião

Para além do grupo linguístico Nyanja que habita no distrito do Lago-Niassa, existe por outro lado, o grupo linguístico Jawa.<sup>34</sup> Segundo o censo populacional de 1980, o Distrito do Lago apresentava 11.627 habitantes falantes da língua Jawa<sup>35</sup>, o que constitui o segundo maior grupo de habitantes no distrito. Os Jawas fixaram-se na região entre os rio Rovuma e Lugenda e as fontes disponíveis, indicam que,

*"Os Wayao fixam a sua origem no monte Yao, situado a sul do Rovuma (Luuma) entre Mkuya e Lipokolwe, na actual Circunscrição Administrativa de Valadim. Não têm a menor ideia da data provável dessa origem nem das circunstâncias que a determinaram; basta-lhes saber que são oriundos do monte Yao o que os satisfaz e enche de orgulho".<sup>36</sup>*

A partir do monte Yao os Jawas dispersaram-se provavelmente nos fins do século XVIII ou em princípios do século XIX e nada se sabe quando atingiram e se fixaram nas margens do sul da região do Lago-Niassa e o interior do Distrito, ocupando

---

<sup>32</sup> Censo de 1960, op.cit.pp,44-45

<sup>33</sup> É provável que este grupo seja da maioria de Anglicanos, pois que nesta região, duas Igrejas, a Católica e a Anglicana, foram as que promoveram serviços Missionários com grande aceitação dos Nyanjas.

<sup>34</sup> O grupo étnico e linguístico Jawa é daqueles que tem tido o nome mais deturpado. A. Rita-Ferreira, no seu livro sobre "Agrupamento e Caracterização Étnica dos Indígenas de Moçambique", diz que, "O nome deste grupo étnico tem sido escrito das mais diversas maneiras: Ayo, Ayawa, Achawa, Adjao, Adsoa, Adsawa, Hiao, Myao, Zaus, Mudsau, Mujoa, Mujanos, Wahiao, Wahyao, Wahjão, Yao, Weiao, etc." Actualmente, alguns autores portugueses, parece terem optado pela designação Ajawa ou Ajáua (plural Ajáuas) que também não é exacta, mas o autor Yaohannah Abdullah, no seu livrinho "Wyao'we" afirma que, "Se repardes nos livros dos europeus uns escrevem dizendo que os wayao tem estes nomes Ajaua, Achaua ou Angulo. É um erro muito grande. Mas não foram os europeus que cometeram esse erro, não; foram os Anyanja, Alolo e os Makwa, e os europeus, ao imitarem a pronúncia destes, escreveram de tais maneiras, seguindo a má pronúncia deles...Portanto a melhor forma de dizer, é: A nossa terra é Yao; os habitantes são Wayao; assim é que é, porque wayao somos nós, visto sermos os naturais do monte Yao. AMARAL, M.G., op.cit.pp42-43

<sup>35</sup> I Recenseamento geral da população, 1980. op.cit.pp,39-40

<sup>36</sup> É assim que o AMARAL, Manuel Gama tenta descrever as origens deste povo. op.cit.p,46

desde o sul, passando pelo planalto de Maniamba até as regiões de Chissindo na região limítrofe entre o Distrito de Sanga e do Lago.<sup>37</sup> Entretanto, o termo "Jawa" ou "Yao", tal como os conhecemos, deve-se, segundo Yaohannah Abdullah, por eles próprios:

*"Este nome wayao foi adquirido por nós mesmos e é o nome da nossa tribo: Wayao. Somos assim chamados porque somos os homens que tiveram a sua origem no monte Yao; portanto wayao quer dizer naturais deste monte. É daqui que tiveram origem todos os que são chamados wayao. Chama-se Yao este monte, porque é um monte que não tem árvores mas sim só capim. Este monte é comprido, portanto estendeu-se e encontra-se no centro das terras de Mwembe e Lucelingo, desde Wisulo até o tal lugar onde habitam os Ce Malinganile antigamente, no Lisombe, continua até Likopolwe e, finalmente, até Mkuya".*<sup>38</sup>

A organização social e familiar dos Jawa assemelha-se em alguns aspectos com a dos Nyanjas, bem como idênticos são os seus usos e costumes, havendo apenas alguns pontos de divergências e grande parte do grupo Jawa no distrito do Lago-Niassa é matrilinear e uxorilocal.<sup>39</sup> Este grupo assimilou, ao longo da penetração dos Árabes na região, a religião e os valores culturais Islâmicos.

Por último, existe um grupo, minoritário, os **Angónis** (Ngoni, Magwangala)<sup>40</sup>. Este grupo é proveniente do povo Zulu da Africa Meridional, que por volta de 1820 se dispersou, uns em direcção ao norte da bacia do Lago Niassa. Esta dispersão começou durante o período do despotismo do célebre Chaca, rei da Zululândia.

*"Um dos grupos da dispersão, sob a direcção de Nxaba, atravessou o Zambeze em 1839 indo fixar-se na actual circunscrição administrativa da Angónia, no distrito de Tete. Outro grupo, sob a direcção de Zulu Gama, ter-se-ia dirigido pelo actual território do Malawi, e margem oriental do Lago-Niassa, para Tanganhica, onde se fixaram em Songea e Lindi. Estes Angonis, mais conhecidos, na região, por*

---

<sup>37</sup> AMARAL, M.G., op.cit.p,46

<sup>38</sup> Yaohannah Abdullah, citado por AMARAL, M.G., op.cit.p,42

<sup>39</sup> RITA-FERREIRA, A.-Agrupamento e Caracterização Étnica dos Indígenas de Moçambique, p.65, citado por AMARAL, M.G., op.cit.p,38

<sup>40</sup> O AMARAL, M.G., apresenta o número total de 2980 de Angonis distribuídos a nível das circunscrições do Lago, de Valadim e de Mecula, portanto, não é possível determinar a sua quantidade específica a nível distrito do Lago-Niassa. op.cit.pp,41

*Magwangala, na sua progressão para o tanganhica, talaram as terras dos wayao, mas especialmente as dos Nianjas.*"<sup>41</sup>

Grande parte dos Angonis no distrito do Lago-Niassa, afluiram, durante os conflitos com os Alemães do Tanganhica por onde se encontravam em grande quantidade. Um desses conflitos que levou o estabelecimento massivo na região do distrito do Lago-Niassa, ocorreu em 1906, quando,

*"... os Angónis do Tanganhica revoltaram-se contra os Alemães tendo sido cercados pelas forças Germânicas e eliminados e os restantes vieram fixar-se junto do distrito do Lago-Niassa. Parte dos que sobreviveram, alguns milhares, pediram asilo em território português onde foram recolhidos e fixados na margem do Lago-Niassa. Destes Angónis poucos restam hoje na Circunscrição do Lago, tendo a quase totalidade, regressado a pouco e pouco à sua terra de origem, o Tanganhica"*.<sup>42</sup>

Os três grupos populacionais, nos princípios do seu contacto, viviam organizados separadamente, de acordo com os seus costumes e cultura comum. Os Nyanjas, sempre viveram, desde a sua chegada, ao longo da costa norte do Lago-Niassa, a partir da actual região de Metangula, penetrando todo o vale oriental do rio Lunho, até Chissindo e daqui, seguindo toda a faixa norte, até junto à fronteira com a Tanzania. Os Nyanjas viviam organizados em comunidades dirigidas por um Mfumu (régulo), que constituía o representante máximo dentro da organização e da vida sócio política em geral. Os Jawas, sempre habitaram nas zonas planálticas do interior do Distrito do Lago, desde as regiões de Chissindo, seguindo a faixa do planalto de Maniamba, até a parte sul do distrito, junto à margem Oriental do Lago-Niassa, nas regiões de Meluluca. Enquanto os Angonis, desde a sua chegada na região do Distrito do Lago-Niassa, passaram a viver na parte interior do norte do distrito, principalmente nas regiões de Lupilichi, junto à fronteira com a Tanzania.

Mais tarde, devido o entroncamento de casamentos e outras necessidades sociais, os três grupos começaram, pouco a pouco a misturarem-se e a formarem grandes comunidades, principalmente com a penetração dos europeus e árabes na

---

<sup>41</sup> AMARAL, M.G., op.cit.p,41

Os Angónis que ocuparam a faixa norte do interior do Distrito do Lago-Niassa vieram de Mbalanenga e Lokambo na Tanzania. Entrevista com Oswaldo Assahel Tazama, (citado).

<sup>42</sup> Idem.

região. Para além destes três grupos maioritários, hoje em dia, habita uma grande variedade de minorias linguísticas no distrito do Lago-Niassa, tal como apresentam os dados apurados durante o censo geral da população de 1980.

**Tabela 1. Distribuição da população residente do distrito do Lago por língua materna.<sup>43</sup>**

Linguas.....	nº de habitantes falantes
Português.....	15
Swahili.....	39
Muani.....	6
Yao.....	11627
Maconde.....	29
Macua.....	334
Lomwe.....	8
Ngulu.....	1036
Marendje.....	3
Chuabo.....	254
Nyanja.....	23033
Nyungue.....	4
Sena.....	315
Shona.....	11
Tswa.....	7
Tsonga.....	14
Ronga.....	6
Bitonga.....	6
Zulu.....	1
Swazi.....	2
Outras.....	480
<b>TOTAL.....</b>	<b>37230</b>

<sup>43</sup> I Recenseamento Geral da população, 1980, op.cit. pp,39-40.

Nos últimos anos, a região do Lago-Niassa tende a ser um centro de atracção de vários grupos populacionais linguísticos devido as suas condições próprias para habitação, em especial, o seu grande Lago-Niassa, "...foi o grandioso Lago-Niassa, sem dúvida alguma, o principal objecto de atracção prioritária do Niassa".<sup>44</sup>

Grande parte dessas comunidades linguísticas, apresentam uma certa homogeneidade no estilo arquitectónico das suas habitações tradicionais a nível do distrito do Lago-Niassa, feitas normalmente de material local. São casas quadrangulares com tecto de quatro águas, construídas através de paus, bambu e matope, cobertas de capim. Actualmente, existem casas construídas com material diverso e das 92.787 famílias, correspondente a 37.213 habitantes do Distrito do Lago em 1980, 121 famílias tinham casas de cimento ou tijolos, 21 famílias tinham casas de madeira e zinco, 250 famílias tinham casas de adobe, 155 famílias tinham casas de caniço ou pau, 8.639 famílias tinham casas de paus maticados e 92 famílias tinham casas com material diverso<sup>45</sup>. Estes dados serve apenas para ilustrar o tipo de sociedade que existe naquela região durante o período em estudo.

### **2.3 Economia**

A economia do distrito do Lago é caracterizada pela riqueza dos seus principais recursos naturais e grande parte da sua população dedica-se principalmente à agricultura, a pesca e a caça a longos anos "...nem toda a população pratica estas actividades. O grupo Jawa, por se encontrar grande parte dele no planalto, dedica-se à cultura de milho, feijão e batatas, também pratica a caça e a pesca, para os que se encontram nas zonas costeiras do sul distrito do Lago-Niassa, em Meluluca, enquanto que, para o grupo Angoni, produz a meixoeira e bebidas tradicionais e para o grupo Nyanja, dedica-se à pesca e cultivo da mandioca, mapira, banana, cana doce e uma gama de variedade de feijão local".<sup>46</sup> Hoje em dia, existe uma variedade de actividades económicas

---

<sup>44</sup>Um dos grandes motivos da penetração estrangeira na região do Niassa, foi exactamente o próprio Lago-Niassa. WEGHER, Luis, Os meus olhares sobre o Niassa. Diocese de Lichinga, Niassa, 25 de Março de 1984, p.19.

<sup>45</sup> Distrito do Lago: Distribuição de famílias e número de pessoas nas famílias segundo o material de construção. Censo de 1980, op.cit.p.70

<sup>46</sup> Entrevista com Oswaldo Assahel Tazama, Maputo, 16 de Março de 1996.

desenvolvidas pela população local que aparece apresentada nos dados do censo de 1980.

**Tabela 2. Distrito do Lago: Distribuição da população activa em diferentes actividades económicas<sup>47</sup>**

<b>Actividade económica .....</b>	<b>Nº de Habitantes</b>
.Agricultura.....	16 894
.Silvicultura.....	11
.Pescas.....	114
.Minas.....	70
.Indústria.....	131
.Electricidade.....	3
.Construção.....	52
.Transportes.....	13
.Comunicações.....	1
.Educação.....	97
.Cultura.....	3
.Saúde.....	47
.Serviços.....	76
.Administração Estatal.....	350
.Organizações.....	16
.Outras actividades.....	35
<b><u>TOTAL.....</u></b>	<b><u>17 970</u></b>

Entretanto, as principais actividades económicas tal como os recursos económicos existentes a nível da região do distrito do Lago-Niassa são:

**-Actividade agrícola-** As regiões agro-ecológicas e de aptidão agrícola no distrito do Lago podem ser duplamente classificadas devido à variedade do seu clima. Existem as regiões planálticas do interior do distrito de clima de altitude, onde se cultivam produtos em condições de sequeira, tal como o milho, a mapira, o feijão, soja, hortícolas, batata reno, amendoim, trigo e frutas mediterrânicas e existe por outro lado a

<sup>47</sup> Censo de 1980, op.cit.p,55

região de baixa altitude da costa do Lago-Niassa onde se produz uma gama de variedade de milho e mapira de ciclo médio, feijão, soja e algodão. Também produz-se cana doce, banana, mexoeira, mandioca, girassol e tabaco (especialmente no vale do rio Lunho).

**-Pecuária-** A região do distrito do Lago-Niassa é favorável para criação de gado bovino, caprino e suíno e não existem grandes problemas relacionados com a tripanossomíase e em 1980, o distrito apresentava 68 famílias com 480 cabeças de vaca, 8 famílias com 35 porcos e 444 famílias com 2.962 cabritos e ovelhas<sup>48</sup>.

**-Silvicultura-** Embora não exista uma inventariação dos recursos florestais, tem-se conhecimento que na região do Lago-Niassa, existem florestas naturais ricas, principalmente em Umbila, Jambirre, Chanfuta, Sândalo, Pau-preto, Pau-rosa, Metil e Riquerique de muito valor comercial interno e externo.

**-Pesca-** Face à relativa área de água representada pelo importante Lago-Niassa no distrito, a pesca em águas internas é naturalmente um sector económico da população. Nas águas deste lago, abunda o peixe-aquário de grande valor turístico que por enquanto carece de exploradores interessados e uma gama de variedades de peixe localmente apreciado e de grande valor comercial, tal como, Nkhomo, Ntchila, Kampango, Sanjika, Mpassa, Chyambo, Chipa, Utaka, Milamba, Matemba, etc.(os naturais dizem que existe cerca de 240 espécies de peixes no lago niassa) e esta riqueza piscatória é desde há muito reconhecida, tendo merecido referências especiais por parte dos primeiros colonizadores:

*"...excelentes peixes cujas espécies, na maior parte por nós desconhecida, abundam nas águas do Niassa, o Sangika ou Mpassa que, segundo o dr. Kisk, é da família das carpas, vai aos rios para desovar, como fazem os salmões. A maior Mpassa que vimos tinha mais de dois pés de comprimento, este peixe, é dum brihlo extraordinário, é o melhor que temos comido em África..."<sup>49</sup>*

**-Turismo-** O Lago-Niassa, é uma importante fonte de exploração de actividades turísticas, existem aqui lindas praias de areia branquinha nas regiões de Chiuanga,

---

<sup>48</sup> Distrito do Lago: Distribuição de Famílias segundo o seu número de cabeças de bois, porcos, cabritos e ovelhas. Censo de 1980, op.cit.pp,73-75

<sup>49</sup> Escreveu há cem anos o Inglês Livingstone, In:Tempo, nºespecial:Fazer do Niassa um modelo de luta contra o subdesenvolvimento, Maputo, Dezembro de 1979, p,74.

Ngoo, Chigoma, Ngofi e mais zonas turísticas que por enquanto ainda são desconhecidas.

**-Fauna-** É uma riqueza praticamente inexplorada e se for bem aproveitada, pode assumir um importante papel não apenas económico mas também científico, turístico e cultural, tal como um dos autores comentou a propósito disso:

*"...as regiões do Lago-Niassa foram outrora abundantíssimas de caça e não há explorador ou naturalista que o tivesse percorrido há meia centena de anos que não tivesse deixado as mais exuberantes descrições sobre animais selvagens."*<sup>50</sup>

Nas regiões entre Tulo, Mepoche, Chissindo assim como toda a faixa das florestas que seguem para o norte do distrito, junto à fronteira com a Tanzania, e para o sul, abundam importantes antílopes, gazelas, porcos do mato, elefantes, leões, leopardos, hipopótamos, palas, boi-cavalos, etc. que chegam a destruir culturas agrícolas e ameaçar a estabilidade social da população, (o caso de leões, leopardos e elefantes).<sup>51</sup> Mas o Ministério de Agricultura e Pescas não dispõe de informação desta fauna bravia a nível da região do distrito do Lago-Niassa em particular, e da província do Niassa em geral.

*"...pois que, devido à guerra na região do Niassa, não se fez o inventário do parque faunístico há mais de vinte anos. Sabe-se no entanto que toda a província do Niassa é povoada por espécies faunísticas de valor turístico muito importante que também são utilizados como fonte de proteína animal pela população. No entanto são conhecidas as incursões de grande escala de caça furtiva no norte despovoado onde há uma dizimação sistemática de elefante".*<sup>52</sup>

**-Riquezas minerais-**o distrito do Lago-Niassa possui grande variedade de riquezas minerais, que até alguns minérios só hoje em dia é que estão sendo descobertos. Há Centenas de anos que a população local explorava o ferro, existindo, ainda hoje, vestígios de uma metalurgia bastante importante para a época, que provocou grande interesse por estrangeiros.

---

<sup>50</sup> Tempo, nºespecial, op.cit.p,75

<sup>51</sup> Conheci em Michumua caçadores desses animais, é o caso do senhor Likangala, Senhor Ntewa(meu tio) e o falecido Sefu (1979), estes (excepto o último) podem fornecer descrições importantes sobre a variedade de animais que a região do Lago-Niassa possui, já que os estudos nessa área não existem. (Nota do Autor)

<sup>52</sup> Relatório do Governo do Niassa apresentado durante o Seminário "Niassa 2000", Lichinga, aos 2 a 6 de Outubro de 1995.

"É daí que se compreende a renhida disputa entre a Inglaterra e Portugal pelo controle do Niassa em geral e mais tarde a atenção especial dada a esta região pela Alemanha nos seus projectos imperialistas de ocupação de novos territórios que tentou pôr em prática durante a Primera Guerra Mundial".<sup>53</sup>

Conhecem-se, hoje em dia, vários veios deste minério de ferro, um dos quais, começando perto de Maniamba, só termina cerca de 150 quilómetros depois, no monte Mapanje, junto do Lago-Niassa e nunca foi explorado apesar de possuir um teor de pureza excepcional. Em fins de 1959 uma firma Japonesa esteve muito interessada na exploração desses jazigos de minérios de ferro, mas após um breve estudo, desistiu, alegando problemas e das vias de comunicação na altura.

"...as distâncias e falta de meios de transporte e rodovias oneravam o ferro extraído de tal maneira que tornaria invendável a preços competitivos."<sup>54</sup>

Grande quantidade de **carvão mineral** existe neste distrito. Geólogos célebres, como sir Roderick e Kuss, sustentavam categoricamente que nas margens leste do Lago-Niassa existia **carvão**, o que foi facilmente confirmado por todos aqueles que percorreram por estas terras e que encontraram imensas manchas carboníferas, uma das quais a de Maniamba, com mais de seicentos quilómetros quadrados e filões superficiais com algumas dezenas de quilómetros. O carvão de Maniamba, em alguns dos seus jazigos têm uma média de 6800 calorías e nos princípios de 1949 os jornais defendiam categoricamente que, "...o carvão de Maniamba podia prover as necessidades de todo o império Português".<sup>55</sup> O carvão mineral encontra-se também nas regiões de Mefululuchi, no vale do rio Lunho mas em quantidades não especificadas.<sup>56</sup>

Junto às margens do Lago-Niassa encontram-se ainda outros minérios, tais como a **Malachite** situada na parte sul do distrito, existe também a **Calcupirite**, o **Chumbo** e grandes serras de **Xistos Talcosos** que se encontram perto de Metangula.<sup>57</sup> Enquanto que no vale do rio Lunho, existem **Kimberlitos**, que é uma ocorrência da rocha mãe do Diamante que se localiza nas três regiões de Mefululuchi-fugos, Luimba e Tulo-

---

<sup>53</sup> Tempo n.º especial, op.cit,p,76

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Tempo, n.º especial, op.cit.p,77

<sup>56</sup> Seminário "Niassa 2000", op.cit.

<sup>57</sup> Idem

Namango.<sup>58</sup> E no norte do distrito, em Lupilichi, nas regiões de Mpapa, foi descoberto há pouco tempo, depois do recente conflito armado em Moçambique, por viajantes estrangeiros aventureiros, grandes jazigos de **Ouro**. Nada existe sobre um estudo aprofundado das riquezas locais neste período. Entretanto, a riqueza da região do Lago-Niassa só será conhecida quando forem desenvolvidos estudos de interesse económico. Relacionando a este interesse económico, o Padre WEGHER no seu livro sobre "os meus olhares sobre Niassa", aponta que no passado, passaram por esta região do Lago-Niassa, Alemães e Italianos em busca de riquezas minerais e por aquilo que viam acabavam comentando que:

*"...Niassa é uma terra virgem, virgindade fecunda....Pena grande,...estar isto nas mãos de uma nação que não pode explorar o seu rico solo, por não ter os meios suficientes para isso, e, no mesmo tempo, não quer que outros venham a explorar".<sup>59</sup>*

O próprio Lago-Niassa, os rios e as bacias hidrográficas locais são as grandes potencialidades que, apesar do desinteresse do governo colonial português em fazer grandes investimentos no levantamento científico dessas riquezas determinaram pela sua importância uma rara excepção que foi a inclusão em 1953 no Primeiro Plano de Fomento de uma rubrica destinada ao estudo das possibilidades económicas do Lago-Niassa. Ao discutir-se esta questão foi na altura frisado que,

*"...o aproveitamento futuro das enormes possibilidades económicas que para a produção de electricidade e rega representa o imenso reservatório de energia que é o lago-niassa, cuja superfície, à cota de 475 metros acima do nível do mar, é superior a 30000 km<sup>2</sup> e cujas profundidades ultrapassam 7000 metros, está sendo devidamente estudada pelo governo da Niassalândia..., Portugal, por acordo com o o governo Britânico, tomará parte nesses estudos, que visam o aproveitamento conjunto dessas grandes possibilidades pelos territórios banhados pelas suas águas."<sup>60</sup>*

Entretanto, no conjunto da economia local, estas são as principais actividades e riquezas económicas que, de acordo com a criação de projectos estratégicos, podem contribuir para o desenvolvimento da economia regional em particular e nacional em geral.

---

<sup>58</sup> Seminário "Niassa 2000", op.cit.

<sup>59</sup> WEGHER, Luis, op.cit.p,198

<sup>60</sup> Tempo, n°especial, op.cit.pp,64-65

## **2.4 Breve descrição e caracterização regional da situação do último período do tempo colonial (ca.1970-1974) e depois em (1975-1985):**

### **2.4.1 Período de 1970-1974**

Entre finais da década de 1960 e princípios da década de 1970 constituem um período da Guerra de Libertação Nacional que afectou a nível da região do distrito do Lago-Niassa.

*"Este facto começou um ano depois do início da luta armada em 1964 e em 1965, a FRELIMO, na pessoa do presidente Samora Machel chefiava um grupo de combatentes e estava responsabilizado pela abertura da Frente do Niassa Oriental....e Chiwindi foi a primeira base da Frelimo no distrito do Lago."*<sup>61</sup>

Até 1966, a região norte do distrito do Lago foi alvo preferido da raiva da Marinha e da Força Aérea colonial durante a luta armada de libertação nacional e foi a primeira zona a ser transformada em "Zonas Libertadas".

*"Em 1965...a aviação inimiga bombardeava a zona norte do Lago e chegou a matar muitos Tanzanianos que viviam junto do rio Chiwindi."*<sup>62</sup>

Até por volta de 1970 a luta armada atingiu toda a região do distrito do Lago-Niassa e, neste período, a situação social na região do Lago-Niassa alterou-se. Entre finais dos anos de 1969 e princípios dos anos de 1970, a região do Lago-Niassa, em especial nas regiões afectadas, a população ficou praticamente dividida:

- Em primeiro lugar encontramos a população na situação de Refugiados;
- Em seguida encontramos a população das Zonas libertadas;
- E por último encontramos a população controlada pelo inimigo.

---

<sup>61</sup> Chiwindi foi a primeira base da Frelimo no distrito do Lago que facilitou o avanço da luta armada por ser importante depósito de material de guerra durante os primeiros anos, e, por esta razão, em todo o Distrito do Lago, Chiwindi, constitui um local Histórico, primeiro porque, é um nome Histórico da base da Luta de Libertação Nacional, segundo porque, é nome de um pequeno rio que divide Moçambique da Tanzania até junto do rio Rovuma e por último, Chiwindi foi em tempos um Posto Administrativo colonial que foi destruído a quando da Grande Guerra pelo exército Alemão em luta contra os Portugueses. Tempo, nºespecial, op.cit.pp,64-65

<sup>62</sup>Idem.

O último grupo da população controlada pelo "inimigo" constituiu o princípio da formação de "aldeamentos coloniais", e os grandes aldeamentos passam a localizar-se ao longo da costa do Lago-Niassa: Metangula, Nova Coimbra (actual Michumua), Messumba, Chiuanga, Mondue, Mbamba, Ngoo, Meluluca e Cóbue. Grande parte do interior do distrito do Lago-Niassa ficou praticamente despovoado e conseqüentemente estava sob fogo cruzado. Neste período, o colonialismo Português começou a reforçar as medidas de segurança militar na região através do rearranjamento constante das estradas locais para poder controlar a situação militar,<sup>63</sup> da construção dos quartéis de Kapupululila<sup>64</sup> e de Magica em Nova Coimbra (actual Mechumua), de Lunho em Mepoche, de Cóbue, de Nova Olivença (actual Lupilichi) e de Maniamba, assim como da construção das suas respectivas pistas de aviação junto desses quartéis. Pelo que se sabe, foi neste período dos anos de 1970, provavelmente em 1972(?)<sup>65</sup> que ocorreu a transferência do Posto Administrativo de Maniamba (que na altura respondia como sede da Circunscrição do Lago) para Metangula e ao mesmo tempo, foi montada a base Naval e a Marinha do Lago. Em 1974 foi concluída a construção da estrada asfaltada que liga a cidade de Lichinga à Maniamba e o troço de Maniamba à Metangula não foi concluído devido a intensa luta na região.

O modelo de povoamento disperso local foi extinguido com a presença militar portuguesa, em especial durante a luta armada de libertação nacional, onde as populações foram forçadas à ferro e fogo a concentrarem-se em aldeamentos coloniais para, facilmente serem controladas as suas movimentações, tal como, serem impedidas de manter o contacto com guerrilheiros da Frelimo. Estes povoamentos constituíam ao

---

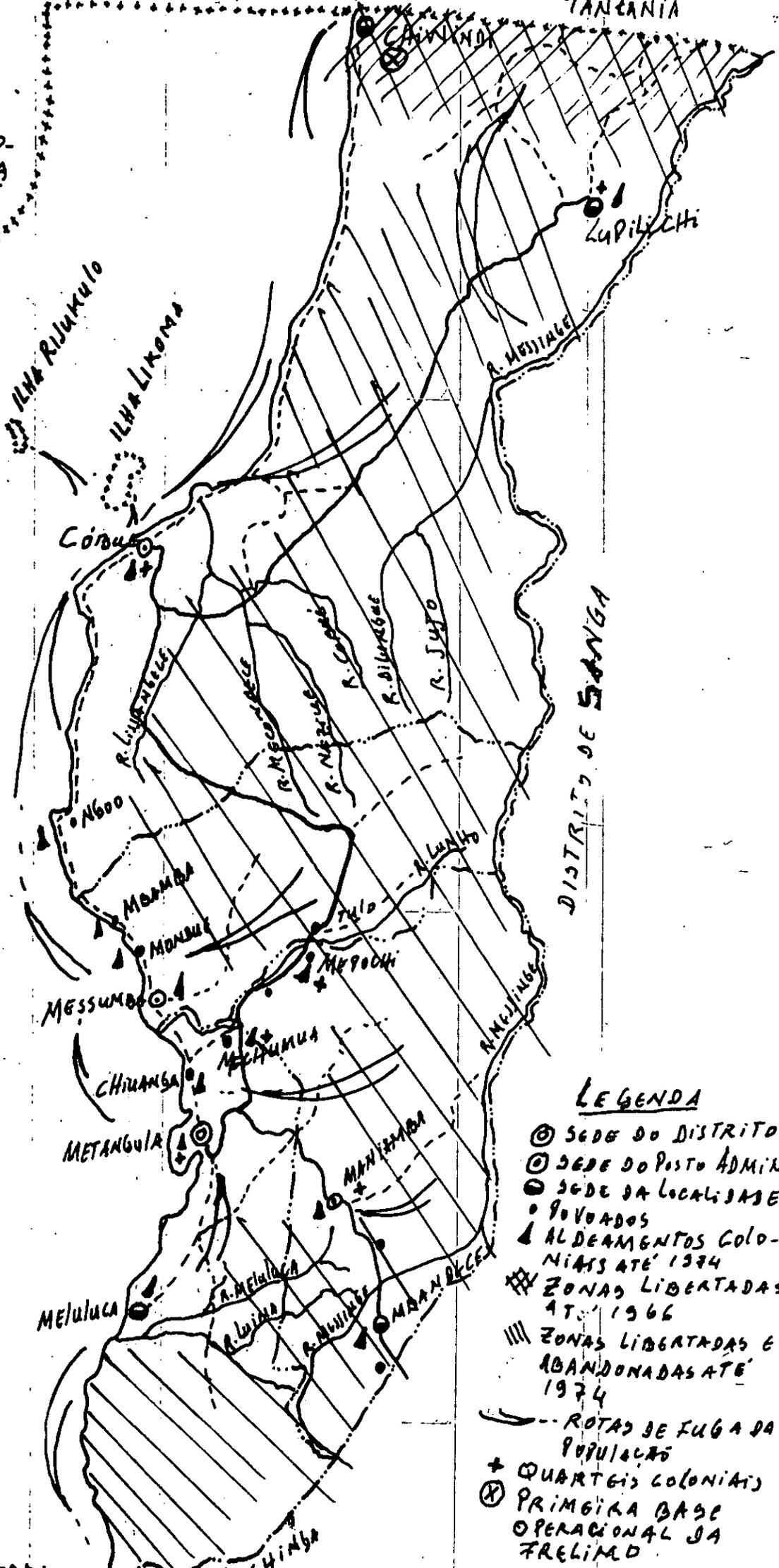
<sup>63</sup> Durante a luta armada, o exército português tinha montado um sistema de segurança militar nas estradas que eram guarnecidas dia e noite e constantemente passavam colunas militares e equipas de sapadores que controlavam a situação de minas montadas pelos guerrilheiros da Frelimo (na altura conhecidos por 'Turras'). Ao mesmo tempo, a Junta das estradas não parava de fazer constantes arranjos através de reposição de Saibro (um tipo de areia extraído em Matawale, perto do quartel de Magica em Michumua).

<sup>64</sup> Junto à margem do rio Kapululila na povoação da actual Mechumua, havia um quartel colonial Português mas só para soldados negros denominados por GEEs, enquanto que no quartel de Magica, há cinco quilómetros daqui, na actual povoação de Ngongo havia também um outro quartel colonial Português mas só para soldados brancos.

<sup>65</sup> A data de transferência da sede da Circunscrição de Maniamba para Metangula ocorreu em conexão com a transferência da Base Naval de Maniamba para Metangula neste período para assegurar militarmente a região da costa do Lago-Niassa. Dados fornecidos durante uma conversa (em plena viagem para Metangula) com Andre Awade, Administrador do Lago, aos 10 de Abril de 1996. (Estas datas precisam de serem confirmadas)

DISTRITO DE  
LAGO: LUTA DE  
LIBERTACAO NACIO-  
NAL E O DESPOVA-  
MENTO, 1970-1974

LAGO NIASSA



DISTRITO DE SANGA

LEGENDA

- ⊙ SEDE DO DISTRITO
- ⊙ SEDE DO POSTO ADMINISTR.
- ⊙ SEDE DA LOCALIDADE
- POVoados
- ▲ ALDEAMENTOS COLONIAIS ATÉ 1974
- ▨ ZONAS LIBERTADAS ATÉ 1966
- ▨ ZONAS LIBERTADAS E ABANDONADAS ATÉ 1974
- ROTAS DE FUGA DA POPULACAO
- + QUARTIS COLONIAIS
- ⊗ PRIMICIA BASE OPERACIONAL DA FRELIMO

mesmo tempo, centros de difusão de ideologias e dos valores coloniais na altura, tal como o presidente Samora Machel os definiu no seu comício, durante a sua visita à província do Niassa em 1979.

*"...os "aldeamentos", na realidade, eram centros de difusão da ideologia do inimigo, centros de difusão dos valores do inimigo, centros de humilhação, centros de imposição dos valores negativos, centros de prostituição,... nos campos de concentração só havia organização administrativa repressiva - por isso dizemos, as condições no Niassa foram extremamente difíceis".<sup>66</sup>*

Nestes aldeamentos coloniais, o poder tradicional local, dos Régulos (Mfumu), passou a desempenhar o papel de instrumentos realizadores e executantes da política concebida pelas autoridades coloniais, ficando deste modo submetidos ao poder colonial e o seu papel de chefes tradicionais na região do Lago-Niassa, foi adulterado, passando a realizar uma acção importante no controlo político da população local.

Ao longo do período de 1970-1974, grande parte das infraestruturas sócio económicas que existiam a nível do distrito do Lago, pertenciam à administração colonial por um lado, e por outro, à Igreja. A indústria extrativa de pesca no Lago-Niassa estava a cargo dos agentes coloniais e, neste período, o Lago-Niassa foi abusivamente explorado pela tropa colonial que muitas vezes utilizava explosivos na matança e extermínio de peixe, para abastecer os seus quartéis.<sup>67</sup>

O sector agrícola tinha sido praticamente afectado pela guerra de libertação nacional e muitas vezes neste período a população encarava a fome e haviam épocas em que a situação alimentar era crítica que até se precisava de uma certa emergência.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> Samora Machel, num discurso realizado durante a sua visita na província do Niassa em Outubro de 1979. In: "Fazer do Niassa um modelo de luta contra o subdesenvolvimento", Tempo nº especial, Maputo, Dezembro de 1979, p.34

<sup>67</sup> Eu, em criança, nos anos de 1973, via soldados do quartel de Magica e da Marinha nos fins de semana, munidos de granadas que lançavam nas margens do Lago-Niassa, entre Metangula e Chiuanga. Muito peixe morto espalhava-se ao longo da praia. Este facto foi criticado por muitos habitantes de Metangula, Chiuanga e Messumba, neste período, e chegaram a afirmar que grande quantidade de peixe nas águas do Lago-Niassa desapareceu neste período colonial. (Nota do Autor)

<sup>68</sup> É certo que não existem dados registados em algum documento sobre esta questão alimentar na região nas povoações do distrito do Lago-Niassa, pois que, segundo afirmei na introdução, a região carece de estudos e documentos escritos deste período. Mas, para este facto, em especial para o caso da povoação de Michumua(ex-Nova Coimbra), onde nasci e cresci, eu via muitas vezes soldados do quartel de Magica, nos seus carros berliets, carregados de comida preparada em grandes panelas(massas esparguetes, arroz, etc.) e distribuíam à população local, que formavam longas bichas de pratos, panelas e bacias na mão - qualquer leitor pode confirmar este facto aos habitantes desta região e deste período. (Nota de Autor).

A rede sanitária não cobria todo o distrito e haviam apenas oito postos de saúde que estavam situados em Metangula, onde havia um hospital rural com enorme capacidade de atendimento ao público, em Messumba, havia um grande Centro de Saúde da Missão Anglicana que atendia as populações do vale do rio Lunho e das regiões costeiras do Lago-Niassa. Nas restantes povoações haviam postos de saúde com pouca capacidade de atendimento às populações, nas povoações de Michumua, Chiuanga, Ngoo, Cóbue, Maniamba e Meluluca. Os Postos de Saúde de Chiuanga e de Michumua foram construídos com ajuda de uma Organização Humanitária dirigida por Kadewele nos finais da década de 1960 e princípios de 1970.<sup>69</sup>

A situação da rede escolar foi idêntica a da rede sanitária. Até 1974 a rede escolar não cobria toda a região do distrito do Lago-Niassa e as povoações com escolas eram poucas o que contribuía à existência de grande número da população analfabeta e esta situação vinha-se agudizando com a eclosão da guerra de libertação nacional na região. Os dados que temos relacionados com esta situação são apenas da década de 1960:

-Dos 48350 habitantes(negros) da Circunscricção de Maniamba:<sup>70</sup>

.47549- eram analfabetos

.306-não possuíam grau de ensino

.334-frequentavam um grau de ensino

.161-possuíam um grau de ensino

Entretanto, até em 1974, existiam Escolas Oficiais em Metangula, em Maniamba, em Chiuanga e em Michumua e por outro lado, havia uma escola da Missão Anglicana em Messumba. Nas escolas de Metangula, Michumua e Messumba saíam alunos com 4ª classe.

Grande parte da indústria transformadora, em especial, moageiras, existiam até 1975, abrangiam todas as grandes povoações de Michumua, Messumba, Chiuanga, Metangula, Maniamba, Cóbue e Meluluca, existiam também pequenas geradoras

---

<sup>69</sup> Entrevista com, Paulo João Kaomba e João Lucas, ambos enfermeiros básicos da 2ª classe, Hospital Rural do Lago, aos 11 de Abril de 1996.

<sup>70</sup> Direcção Provincial dos Serviços de Estatística: III Recenseamento Geral da População. Província de Moçambique, vol.9. Distrito do Niassa, Lourenço Marques, 1960, pp,44-45

-Até 1970 Maniamba foi a sede da circunscricção do distrito do Lago que mais tarde veio a ser transferida para Metangula, durante a operação "Nó Górdio". (Comentários do senhor André Awade, administrador do Lago, durante uma conversa de viagem, 10 de Abril de 1996).

eléctricas a nível dessas mesmas povoações. Em algumas povoações, a energia eléctrica e as moagens pertenciam à Igreja local. No caso de Mechumua, havia energia no quartel de Magica. Havia uma moageira assim como energia eléctrica da Igreja local. Em Maniamba, a energia eléctrica pertencia à administração local e ao quartel local. Em Messumba, havia moageira e gerador de energia eléctrica da Missão Anglicana e em Chiuanga havia uma moageira pertencente a Igreja local. Enquanto que na vila de Metangula, sede da administração colonial na altura, a Marinha e a base naval assim como a própria administração colonial, foram os agentes detentores de energia eléctrica que abastecia toda a vila. Grande parte das infraestruturas coloniais estavam aqui concentradas e pertenciam aos vários agentes económicos coloniais portugueses que exploravam todas as áreas de grande interesse económico, desde a rede comercial, hoteleira, moageira até a indústria pesqueira. Ainda aqui, foram montadas outras infraestruturas garantidas pelo Estado colonial, tais como, a Administração Pública, a Polícia, o Tribunal, a Administração Marítima, Obras Públicas e Habitação, Registo Civil, Correios, Telecomunicações, etc.

Alterações sociais na região do Lago-Niassa agudizaram-se durante a época de transição sócio política nos anos de 1974-75. Com os Acordos de Lusaka em 7 de Setembro de 1974, já na fase do Governo de Transição em Moçambique, verificou-se um abandono dos portugueses em Moçambique e automaticamente na região do distrito do Lago-Niassa, onde as tropas portuguesas estacionadas nos quartéis de Magica, na margem do rio Kapululila (Mechumua), do rio Lunho Mepoche, Maniamba, Metangula, Cóbue e Lupilichi, abandonaram imediatamente perante este processo histórico nacional e toda a máquina administrativa colonial, em geral. Em relação os quartéis, depois de os Portugueses terem abandonado, foram imediatamente substituídos pela FRELIMO.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Foi a fase mais excitante, emocionante e orgulhosa da população. Toda a gente que só ouvia falar dos grandes combatentes da libertação nacional, estava ansiosa em conhecê-los. Pelo menos no quartel de Magica, os guerrilheiros da FRELIMO tinham tomado numa noite e a notícia tinha atingido à toda população local. Não me lembro exactamente da data, mas sei que isto ocorreu nos finais de 1974. No dia seguinte, depois da ocupação do quartel, grande parte da população do vale do rio Lunho, foi convidada a visitar os libertadores da pátria neste quartel, eu não fui, pois era ainda pequeno que não percebia muito bem sobre o que exactamente estava-se passar neste lindo processo histórico do país em geral e da região do distrito do Lago-Niassa em particular.

## 2.4.2 Período de 1975-1985

Quando o país alcançou a independência nacional em 1975 grande parte das regiões do distrito do Lago-Niassa acabavam de sair das zonas libertadas controladas pela Frelimo por um lado, e por outro, acabavam de sair dos grandes aldeamentos controlados pelo colonialismo português. Portanto, no meio desta situação sócio política, encontramos, segundo nos referimos acima, três tipos de populações nesta época. Primeiro, encontramos a população controlada pelo colonialismo português, vivendo em aldeamentos, segundo, encontramos população controlada pela Frelimo, vivendo em zonas libertadas e por último, encontramos a população refugiada nos países vizinhos da Tanzania, do Malawi e da Zâmbia. A partir de 1975 as regiões do distrito do Lago-Niassa entraram num processo de reconstrução social pós-guerra (a guerra de libertação nacional) que se caracterizou primeiramente, pelo enquadramento das populações nas suas antigas zonas de origem. Grande parte da população que se encontrava nos "aldeamentos" começou a abandonar e a dispersar-se imediatamente para as suas antigas zonas outrora abandonadas e desabitadas ao longo de toda a guerra de libertação nacional. A população das zonas libertadas também começou a enquadrar-se neste processo de repovoamento regional, visto que, grande parte dessas populações, não eram naturais dessas zonas libertadas, mas sim, algumas delas, tinham fugido das zonas por onde a guerra tinha afectado intensivamente e procuravam uma segurança sócio-militar. Por último, verificou-se o regresso da população que se tinha refugiado para os países vizinhos do Malawi, da Tanzania e da Zâmbia. Com este processo de repovoamento pós independência, até por volta dos anos de 1977, grande parte das regiões do distrito do Lago-Niassa, já tinham sido suficientemente repovoadas. Este repovoamento seguiu quatro grandes vertentes:

-A primeira vertente de repovoamento, seguiu a região costeira do Lago-Niassa, e parte desde o sul do distrito, nas regiões da localidade de Meluluca (Timba, Nzizi, Bomane, Chipiage, Luceta, Nkholongue, Lucesse, Lucefa, Maniacha, Manuel, Covele, Chingomane, Basso e Buesanho), Metangula, Chiuanga, Messumba, Mondue, Mbamba, Chia, Chissanga, Ngoo, Namacungua, Limbue, Mbueca, Ngonha, Mbuna, Mala, Abasulo, Chinjati, Namisse, Cóbue, Mataca, Chigoma, Ngofi, Bota, Uchessi,

Magachi, Limbaulo, Mitumba, até as regiões de Ngonha, Wikihi e Chiwindi, junto à fronteira com a Tanzânia;

-A segunda vertente de repovoamento, seguiu o vale do rio Lunho, ao longo da estrada que parte desde Metangula e passa por Chiuanga, Mechumua, Mepoche até Cóbue, reocupando sucessivamente as regiões de Nchelenje, Kaphweleza, Michumua, Kataia, Matenje, Ussa, Namatumba, Ngongo, Ngondya, Mefululuchi, Chiuata, Landa, Medoca, Chizoma, Natenga, Licesse, Mataga, Mepoche, Lunho, Tulo, Micuela, Chissindo, Chilotochi, Gungunhana, Macumba, Luiga, Monhecré, Lombaiomba, Abilo, Ligonga até Licamba;

-A terceira vertente de repovoamento, seguiu o planalto de Maniamba, reocupando sucessivamente, as regiões de Micucue, Maniamba, Chiulica, Mbandece, Licuanhile, Nazeco, Maumbica, Chileca, até Mpakachi;

-E a quarta vertente de repovoamento, seguiu a região do interior norte do distrito, partindo desde Cóbue, ao longo da estrada que vai para Lupilichi, reocupando sucessivamente as zonas de Mucondece, Matepué, Leol, Magachi, Nagocho, Chitete, Tula, Mepur, Lupilichi, Chonga, Chiboco, Mpapa, Lutenguene até Eduardo, junto à fronteira com a Tanzânia. As populações que reocuparam estas povoações depois da independência, empenharam-se afincadamente no restabelecimento do seu tecido social, dentro das suas capacidades.

As infraestruturas sociais que encontramos nesta nova fase da independência no distrito do Lago-Niassa foram aquelas que tinham sido criadas durante o período colonial e que sobreviveram durante a guerra de libertação nacional, tal como escolas, hospitais (apenas nas povoações de Cóbue, Ngoo, Messumba, Chuanga, Mechumua, Metangula, Meluluca e Maniamba) e as vias de comunicação locais, nomeadamente, a estrada que faz ligação entre Lichinga e Lago-Niassa (asfaltada até Maniamba) e daqui até ao Lago-Niassa é de terra batida, a estrada que ligava entre a costa do Lago-Niassa e o interior-norte do distrito e que partia de Metangula (ex-Augusto Cardoso), passava por Matawale, Quartel de Magica, Mepoche, Cóbue até Lupilichi (ex-Olivença). Esta estrada possuía uma grande ponte de seis pilares e com 290 metros de comprimento sobre o rio Lunho em Tulo. Por outro lado, havia a picada que hoje em dia está a sofrer erosão das águas do Lago-Niassa, parte desde Metangula, passa por Chiuanga,



Messumba, Mondue, Mbamba, Chia, Cóbue, Ngofi até Chiwindi, junto à fronteira com a Tanzania. Houveram também, moageiras que sobreviveram e funcionaram durante os primeiros anos da independência nas regiões de Metangula, Chiuanga, Messumba, Mechumua, Maniamba, Meluluca, Ngoo e Cóbue e que algumas delas foram desaparecendo ao longo do tempo por falta de manutenção, reposição e abandono dos seus proprietários. A nível destas mesmas regiões, havia uma rede comercial que tinha sido montada durante o período colonial, lojas, cantinas e bares que ao longo do período pós independência, em algumas regiões foram desaparecendo, principalmente as cantinas e os bares, desapareceram imediatamente por falta de abastecimento e abandono ou crise dos seus proprietários, principalmente nos primeiros anos da década de 1980 quando a crise económica começou a assolar a região do distrito do Lago-Niassa. Esta situação, foi aliada também, quando grande parte das lojas foram nacionalizadas nos anos de 1977 e transformadas em lojas do povo e nos anos de 1978 a 1980 foram transformadas em cooperativas de consumo, segundo a nova política de socialização que tinha entrado em vigor com o novo governo no país:

*" Na altura da independência, o único tipo de sociedade psicologicamente aceitável para a direcção da Frelimo, era a sociedade socialista. As negligências do estado colonial deveriam ser compensadas pelo estado independente através da satisfação das necessidades da população e da eliminação da propriedade privada."*<sup>72</sup>

Durante o período de 1975 à 1985 o governo local instalou em algumas regiões recém povoadas, novos postos de saúde, nas regiões de Wikihi, Ngofi, Mtumba, Chigoma, Chia, Lifuitichi, Mícuela, Gungunhana e Mbandece.<sup>73</sup> Este exemplo também foi implementado na área da educação onde o governo local conseguiu instalar escolas do EP1 em grande parte das regiões, até em 1981 haviam a nível do distrito, contando com as escola já existentes no período antes da independência, num total de 38 escolas e 70 professores. Em 1980 a Missão de Messumba foi transformada num Centro Educacional da região do Lago-Niassa, onde funcionou até 1982.(?)<sup>74</sup> Este projecto

---

<sup>72</sup> ABRAHAMSSON, H. e NILSSON, A., Moçambique em Transição: Um estudo da história de desenvolvimento durante o período 1974-1992. CEEI-ISRI, Maputo, 1994, p,42.

<sup>73</sup> Entrevista com Paulo João Kaomba e João Lucas, ambos enfermeiros de 2ª classe no Hospital Rural do Lago (Direcção Distrital de Saúde do Lago), Metangula, aos 11 de Abril de 1996.

<sup>74</sup> Esta data carece de sua confirmação, na verdade, os alunos que viviam neste Centro Internato de Messumba, oriundos de vários pontos do distrito, começaram abandonar apartir de 1981 devido os

educacional de Messumba resolveria os problemas de educação até o nível de 4ª classe para grande parte da região do distrito do Lago-Niassa. Entretanto, mesmo com a queda deste projecto, o número de escolas do EP1 no período de 1981 à 1996, subiu para 48. E a partir de 1984 começou a funcionar o ensino primário do 2º grau (EP2) com os níveis de 5ª e 6ª classes

**Tabela 3. Quadro do Programa de Desenvolvimento da Rede Escolar no distrito do Lago-Niassa, 1981-1996-EP1 <sup>75</sup>**

Ano	Nº/Escolas	Nº/Professores	Nº/Alunos	Aprovados	%
1981	38	70	5373	3177	59
1982	39	83	5059	3606	71,2
1984	41	96	4465	3758	84,1
1985	41	106	5064	2361	46,6
1986	37	102	6025	2567	42,6
1987	40	119	5571	2035	36,5
1988	35	122	4652	2268	48,7
1989	36	120	4272	1903	44,5
1990	26	120	3940	2104	53,4
1991	26	118	4735	2582	54,5
1992	24	115	5059	2556	50,5
1993	26	110	5135	2751	53,5
1994	33	118	6270	3319	52,9
1995	42	98	6899	3835	55,5
1996	48	116	7850	-----	-----

Nos anos de 1976-77, o governo local, empreendeu campanhas contra a prostituição, que abrangiram as regiões de Metangula, Maniamba, Meluluca, Chiuanga,

vários problemas que este projecto começou a enfrentar, especialmente a falta de assistência por parte do governo que estava atravessando grandes crises financeiras.

<sup>75</sup> Fonte: Direcção Distrital de Educação do Lago-Niassa, 11 de Abril de 1996.

Messumba, Ngoo, Mechumua e Cóbue que foram grandes "aldeamentos" coloniais e que foram definidos como centros de difusão da ideologia do inimigo. Nestas povoações recolhiam-se em camiões, todas as mulheres solteiras suspeitas deste hábito para os centros de reeducação de Majune.<sup>76</sup> Nestas mesmas regiões, foram feitas também campanhas contra a brucharia a nível da população local, num conjunto da política da FRELIMO na altura, da luta contra o obscurantismo em Moçambique. Todos aqueles que fossem suspeitos da prática de brucharia eram denunciados pelo povo e punidos publicamente. É de salientar que as punições para este tipo de indivíduos eram dolorosas e penosas, incluíam o espancamento, amarramento e o queimamento. Na região de Ngongo, perto do antigo quartel colonial de Magica, foram abertas grandes covas onde enchiam lenha, deitavam fogo e por fim queimavam as bruchas.<sup>77</sup>

Nos anos de 1978 à 1980 houve tentativas de exploração, prospecção, abertura e extracção de minérios de Kimberlitos (?) na região de Lifuitichi e Mepoche, na parte oriental do vale do rio Lunho por firmas Soviéticas. Este projecto desapareceu sem contudo saber-se quais foram os principais factores que permitiram o seu término.<sup>78</sup>

Nos finais de 1983<sup>79</sup> a região do distrito do Lago-Niassa recebeu uma parte do grupo de improdutivos vindos de todo o país, especialmente do Maputo, afectados pela "Operação Produção", num projecto do governo nacional de transformar o "Niassa numa escola de marginais" que foi defendido pelo presidente Samora Machel durante a sua visita àquela província em 1979.

*"...Niassa vai ser a grande escola dos marginais. Os marginais de todas as províncias, virão para cá, virão para trabalhar, virão para construir a sua casa, virão para produzir, virão para ser ensinados por vocês, virão para se transformarem em*

---

<sup>76</sup> Já foi citado o discurso do presidente Samora Machel no capítulo anterior sobre a definição destes "aldeamentos" coloniais e o seu papel durante a última fase do colonialismo português em Moçambique, razão pela qual foram vítimas de campanhas contra prostituição e o obscurantismo, depois da Independência.

<sup>77</sup> Estes factos ocorreram realmente e eu assisti pessoalmente nos anos de 1976/77 na luta contra a prostituição e brucharia que foram levadas acabo em todas as grandes povoações do Lago Niassa. (Nota do Autor)

<sup>78</sup> É de salientar que até hoje não existem dados sobre, que tipo de minérios é que os Soviéticos extraíam nestas regiões, mas a população local, via esta empresa diariamente com carros de tanques de água que tiravam do Lago-Niassa e transportavam para aquelas zonas de Lifuitichi nos anos de 1979-80. Estes dados carecem de informação por parte de quem de direito.

<sup>79</sup> Não se sabe ao certo quantas pessoas afectadas pela Operação Produção e quantas foram transportadas para o Niassa em geral e o distrito do Lago-Niassa em particular. "Operação Produção: O rescaldo, 8 anos depois". In: Tempo nº1117, Maputo, Março de 1992, p.18.

*cidadãos dignos, úteis, trabalhadores. Virão para participar no desenvolvimento do Niassa*".<sup>80</sup>

Grande parte desses improdutivos que tinham sido afectados pela "Operação Produção" nas grandes cidades do país eram constituídos por "...verdadeiros vadios, ladrões, assassinos e desempregados."<sup>81</sup> No distrito do Lago estes improdutivos foram colocados na região de Gungunhana, na parte oriental do vale do rio Lunho, uma região rica e de terras férteis para o desenvolvimento da agricultura. Estes improdutivos acabaram desaparecendo sem rastros ao longo da década de 1980, principalmente com a eclosão da guerra civil no distrito do Lago-Niassa nos anos de 1986, e a região de Gungunhana, tinha sido afectada, e grande parte da população tinha abandonado e a zona ficou sob control administrativo da Renamo.

A região do distrito do Lago-Niassa, não viu praticamente algum projecto estratégico de desenvolvimento social sustentado neste período de 1975-85, levado a cabo pelo governo ou outros agentes económicos pondo em conta que as populações locais enfrentaram a guerra de libertação nacional e que grande parte delas viveram vários anos nas zonas libertadas, zonas estas que foram consideradas, o "*Berço da Revolução*"<sup>82</sup> depois da independência. No fim de tudo isto, o distrito do Lago-Niassa, acabou recebendo marginais, vadios e assassinos para desenvolver a região - o que não se efectivou.

Ainda neste período de 1975-1985, não foram resolvidos problemas de desminagem da região. Existem dois casos de explosão de mina em 1966 em Cóbue e do rebentamento de uma granada pisada por um grupo de caçadores nas florestas de Mepoche em 1978<sup>83</sup> que vitimou um aluno da escola primária de Mechumua e feriu cerca de onze pessoas. A partir dos anos de 1986, a crise social provocada pela crise económica na região do distrito do Lago-Niassa, quando o sal, o sabão, o açúcar, o óleo, o combustível, a capulana, a enxada, a catana, começaram a escassear a

---

<sup>80</sup> Discurso do presidente Samora Machel num comício realizado em Lichinga durante a sua visita à província do Niassa em Outubro de 1979. Tempo, número especial, op.cit.p,52

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> O Presidente Samora Machel, considerou as zonas libertadas de "o Berço da Revolução", durante a sua visita especial à província do Niassa em 1979. In: Tempo, número especial, op.cit.p,91

<sup>83</sup> Participei no funeral deste aluno que foi colega da escola em Mechumua. O problema de minas no período pós independência na região do distrito do Lago-Niassa não foi resolvido. Nada se sabe até hoje, quantas minas e outros explosivos devem estar espalhados nas florestas deste distrito.

nível das cooperativas, assim como o transporte fluvial e rodoviário começaram a dar falta na região a partir dos anos de 1980,<sup>84</sup>

foi agudizada com a eclosão da guerra de desestabilização sócio económica e militar.

---

<sup>84</sup> A situação da crise sócio económica na região do Lago-Niassa tinha atingido proporções alarmantes, a partir dos princípios da década de 1980, quando o abastecimento começou a escassear nas cooperativas e todas vezes que houvesse o tal abastecimento, eram necessárias longas bichas que duravam todo o dia só para se conseguir, por exemplo, um terço de uma barra de sabão, ou um simples sabonete, ou um litro de óleo, até mesmo meio quilo de sal, sem falar-se da capulana e do transporte que já davam falta.

## CAPITULO III

### 3. A GUERRA CIVIL NO DISTRITO DO LAGO, 1986-1992

Este terceiro capítulo está dedicado à descrição do processo geral da eclosão da guerra nos finais de 1985 e princípios de 1986 a nível da região do Distrito do Lago-Niassa, o seu impacto, que praticamente se caracterizou no despovoamento da grande parte das regiões do Distrito e na degradação do tecido e das infraestruturas sociais.

#### 3.1 O processo da guerra

A guerra que eclodiu depois da independência nacional em Moçambique e que se caracterizou na desestabilização económica e militar, tem sido objecto de debates sobre o seu verdadeiro conceito a atribuir. Neste aspecto, existem conceitos muito vulgares, dependem e variam de cada autor. Há quem designa simplesmente de guerra, de guerra de desestabilização ou de guerra civil.<sup>85</sup> Portanto, neste trabalho, para descrever esta guerra, usa-se, em muitas passagens, o conceito de guerra civil ou de desestabilização.

---

<sup>85</sup> O caso do autor ABRAHAMSSON, utiliza na sua descrição, o conceito de "guerra" ou "guerra de desestabilização", pois que, "A desestabilização militar de Moçambique dirigiu-se contra dois tipos principais de alvos. O primeiro tipo são as infraestruturas importantes do ponto de vista da economia nacional. Exemplos de acções militares deste tipo são a sabotagem ao porto da Beira em 1982, as explosões de pontes estratégicas e os ataques constantes às ligações ferroviárias com os países vizinhos. O segundo tipo de alvos são as infraestruturas sociais do campo, especialmente escolas e instituições de saúde. Este tipo de desestabilização dirigiu-se também contra a rede social da sociedade, pondo irmãos contra irmãos, filhos contra pais e a cidade contra o campo numa cadeia de violência anormal, que ultrapassou contra as regras do comportamento humano." ABRAHAMSSON, 1994, op.cit.pp.268-269  
E para o autor TAJÚ, utiliza também o conceito de "guerra de desestabilização", pois que, "Inicialmente a Renamo foi conhecida por Movimento Nacional de Resistência, MNR, que tinha por objectivos desestabilizar o território nacional, criada pelos serviços secretos da Rodésia, como reacção contra o apoio que a Frelimo dava a ZANU." TAJÚ, Gulamo, Renamo: Os factos que conhecemos." In: Cadernos de história nº7, Maputo, 1988, p,14

Por outro lado o conceito "guerra de agressão" e "guerra civil", aparece citado no artigo do Professor Dr. MACHILI sobre a Unidade e Diversidade política e cultural, "...De 1983 a 1987 a inviabilidade da diversidade política é reforçada a) pela interpretação da "guerra de agressão", hoje "guerra civil",..." MANHIÇA, Salomão: Discurso oficial da Delegação de Moçambique à 20ª sessão da Conferência Geral da Unesco, 1978.mimeo, in CM/Caixa 3-RI, doc.9, citado por MACHILI, Carlos: Unidade e Diversidade: Centralização e descentralização no processo eleitoral 94 em Moçambique. In: MAZULA, B., Moçambique, Eleições, Democracia e Desenvolvimento. Maputo, 1995, p,392.

A guerra civil, que em Moçambique começou por volta dos anos de 1976, na província do Niassa começou a fazer sentir a partir dos anos de 1982/83 na zona sul, e no distrito do Lago-Niassa, começou a partir dos finais dos anos de 1985 nas regiões de Tulo e Mepoche, próximas do distrito de Sanga que estava praticamente afectado até 1985.

A expansão da guerra civil no distrito do Lago-Niassa, começou a partir do interior para as regiões costeiras do Lago Niassa, desestabilizando sucessivamente na primeira fase, nos anos de 1986/87, as regiões de Licesse, Mefululuchi, Ngongo, Ngondya, Namatumba, Ussa até Mechumua.

Nos princípios de 1986 as povoações de Messumba, Mechumua e Ngongo tinham sido atacadas e assaltadas mas a população não chegou de abandonar completamente. Nos anos de 1986-88 a guerra intensificou-se sobre essas mesmas zonas e grande parte das suas populações viram-se obrigadas a abandonar as suas casas em busca de segurança social em outras regiões fora dali.

*"Aqui em Messumba a guerra atingiu pela primeira vez em 1986. O inimigo veio das montanhas, entrou na povoação de madrugada disparando contra a população que se pôs em fuga para o mato. Quando a guerra se intensificou nos anos de 1986, 87, 88 e 90, Messumba tornou-se ao mesmo tempo o centro de concentração das populações que vinham fugindo das povoações destruídas de Mondue, Matenje, Ussa, Namatumba e Caphweleza. Outras pessoas acabaram fugindo para Malawi e Tanzania."*<sup>86</sup>

A partir de 1988, grande parte dessas regiões estavam abandonadas. Nos finais de 1988 e princípios de 1989, as regiões de Caphweleza, Matenje, Messumba até Chiuanga tinham sofrido incursões militares da Renamo. É neste período que a partir de Messumba para o interior do distrito, seguindo o vale do rio Lunho, grande parte da população tinha abandonado e em 1990, só tinham ficado as povoações de Messumba, Mechumua e Ngongo. As povoações abandonadas tinham sido zonas de influência da Renamo.<sup>87</sup>

A região do interior norte do distrito, a guerra começou a afectar as regiões de Lupilichi, Chonga, Mepur, Tula, Mpeia, Chiboco, Mpapa, Lutenguene e Eduardo, Junto

---

<sup>86</sup> Entrevista com Filipe Xicuacuassa, professor primário de Messumba, aos 20 de Julho de 1994.

<sup>87</sup> Entrevista com o Delegado Provincial da Renamo no Niassa, Lichinga, aos 16 de Abril de 1996.

a fronteira com a Tanzania e grande parte da população refugiou-se para a costa do Lago-Niassa e outra atravessou a fronteira da Tanzania e do Malawi. Na região costeira do norte do distrito do Lago-Niassa, as zonas de Mbamba, Ngoo, Chia, Wikihi e Chigoma tinham começado a ser abandonadas mal a guerra começou a expandir-se para o norte do distrito e os ataques da Renamo apenas serviram para dispersar os redutos da população e até nos anos de 1987-89 a zona estava sob control administrativo da Renamo.<sup>88</sup> A região de Cóbue estava afectada e tinha sido atacada mas a população não tinha abandonado totalmente.

*" Nós fugimos de Magachi (norte do Lago-Niassa) para Nkhatabay (Malawi) em 1987 quando as nossas povoações foram atacadas e destruídas. E a partir daquele ano ninguém conseguiu permanecer naquelas regiões porque o inimigo vinha constantemente e as pessoas não tinham meios para se defenderem. Nesses ataques, algumas pessoas eram mortas, outras eram raptadas e as casas eram saqueadas e queimadas. Os nossos pais já não tinham nada e optávamos por fugir porque não tínhamos onde dormir e nada para comer."<sup>89</sup>*

Nos anos de 1987 e 1988, a guerra expandiu-se em toda a zona costeira norte do Lago-Niassa, desalojou grande parte da população a partir de Messumba, Mondue, Mbamba, Chia, Ngoo até as regiões de Wikihi, junto à fronteira da Tanzania. As regiões de Maniamba e Mbandece nesta altura já tinham sido atacadas e assaltadas mas a população não chegou de abandonar totalmente. A zona sul do distrito, nas regiões de Meluluca, a guerra não afectou directamente, mas a população que se sentia insegura acabou refugiando-se para o exterior do país. Quando a Renamo começou a conquistar militarmente as várias regiões do interior do distrito, conseguiu implantar uma base central local, que estava localizada nas regiões de Tulo,<sup>90</sup> e daqui faziam as suas operações de desestabilização a nível da região do Lago-Niassa.

As formas de sobrevivência da população local durante a guerra civil eram variadas. Antes da intensificação dos ataques nas várias regiões, a população não abandonava a sua povoação, muitas vezes, dormia no mato durante a noite e retornava

---

<sup>88</sup> Entrevista com o Delegado Provincial da Renamo em Niassa, citado.

<sup>89</sup> Entrevista com Jacobe Kapondela, estudante da escola secundária de Lago, regressado de Nkhatabay-Malawi (regressou em Abril de 1994), natural de Magachi (Cóbue), Escola Secundária de Lago, 19 de Julho de 1994.

<sup>90</sup> Entrevista com o Delegado Provincial da Renamo, citado.

para as suas casas durante o dia. Mais tarde esta estratégia de sobrevivência, veio a mudar com a sucessão e intensificação dos ataques sobre as suas povoações e acabaram abandonando. É por isso mesmo que existiram muitas povoações do interior do distrito, praticamente despovoadas logo no princípio da guerra na região.

*" Durante a guerra as pessoas dormiam no mato, não tinham espaço e tempo para a produção agrícola ou outras actividades, ninguém se deslocava mais de cinco quilómetros da povoação de Mechumua para se chegar as machambas de Tondo e a fome também fez sentir neste período até chegarmos ao ponto de precisarmos de ajuda."*<sup>91</sup>

Grande parte das povoações tinham falta de defesa local, o que obrigou a maior parte da população a abandonarem as várias povoações do interior do distrito, indo para as zonas onde a segurança social, económica e militar era garantida e aqui viviam em forma de deslocados, ou refugiados, para os que fugiam para fora do país, como Malawi e Tanzania.

Durante a guerra civil, o relacionamento entre a população e as estruturas de governo local, era caracterizado por um espírito de "inter-ajuda mútua", em que o governo local, enviava dentro das suas capacidades soldados, para a defesa de algumas zonas do distrito. Esta defesa não chegava a ser eficaz, pois que, muitas vezes não se conseguia conter ou repelir os ataques da Renamo devido a própria estratégia defensiva utilizada pelas forças governamentais, em que consistia no envio das suas forças no local de defesa, depois de terem recebido informações de um certo ataque já realizado em certas povoações, isto facilitava o inimigo realizar suas acções sem encontrar oposição de igual ou superior capacidade e as populações encontravam-se sem nenhuma defesa preventiva. Mas, em algumas povoações, como Mechumua, Ngongo, Messumba e Maniamba existia uma força local (milícia), com fraca capacidade defensiva, que tentava responder o fogo sem esperar pela tropa que vinha da sede distrital. Nestas povoações, as populações prestavam ajuda alimentar à força local (milícia) e normalmente, as estruturas locais criavam um sistema rotativo de contribuição de

---

<sup>91</sup> Entrevista com Fernando Martins Zacarias, professor primário, Mechumua, aos 20 de Julho de 1994.

gêneros alimentares da população, através de uma escala diária (muitas vezes as famílias tiravam comida já preparada e entregavam aos soldados na hora do almoço e do jantar).

O que aconteceu em muitas povoações do interior do distrito, foi ausência total de uma defesa militar e esta situação obrigou grande parte das populações locais a escolherem maneiras casuais de sobrevivência social durante os ataques e em toda a guerra em geral. Para estas populações, o abandono ou fuga das suas povoações, foi a única estratégia que foi usada por grande parte dos habitantes neste processo de luta pela sobrevivência social, originando assim, três principais rotas migratórias de fuga a nível da região do distrito do Lago-Niassa:

1- A rota da zona norte- que corresponde toda a região norte das regiões de Cóbue (todas as regiões ao longo da costa e do interior norte, desde Mataca à Chiwindi e do rio Cóbue à fronteira com a Tanzania). As populações dessas zonas caminhavam a pé até nos portos de Cóbue e Chigoma, onde faziam ligações de barcos para as ilhas Likoma, se quisessem refugiar-se para Malawi, ou seguiam para o norte do Lago, junto à fronteira com a Tanzania (esta via podia ser seguida de barco ou a pé).

2- A rota da zona centro- que corresponde as regiões do vale do rio Lunho (de Metangula à Chia, ao longo da costa, e de Chiuanga à Gungunhana, ao longo do vale do rio Lunho). Aqui, as populações tinham duas opções de acordo com as facilidades dos meios. Em primeiro lugar, haviam os que preferiam seguir para Tanzania ou Malawi, portanto, seguiam a via lacustre de Metangula até Cóbue e daqui podiam seguir, também de acordo com as opções, ou para Malawi atravessando o Lago-Niassa, passando pelas ilhas de Likoma e de Risumulo até Kotakota no Malawi; ou para Tanzania, então seguiam a costa lacustre até Chiwindi onde atravessavam a fronteira, até Tanzania. As populações do vale do rio Lunho (nas zonas de Chissindo e Gungunhana), algumas seguiam a estrada do interior norte até Cóbue, onde apanhavam barcos tanto para Malawi, assim como para Tanzania, outras preferiam deslocar-se para a sede distrital de Metangula ou para a cidade de Lichinga através da estrada de Mepoche- Metangula- Maniamba. Quando chegassem em Metangula ou em Lichinga, a sua permanência dependiam das condições que encontravam. Normalmente, haviam os que permaneciam e os que prosseguiram com a viagem, até atravessar a fronteira de Malawi.

3- A rota da zona sul- que corresponde as regiões de Maniamba até Meluluca (desde o interior até a costa sul do distrito do Lago-Niassa). Estes seguiam muitas vezes a rota de Lichinga e daqui, dependia da sua opção, ou permaneciam, ou seguiam para Malawi. Mas muitos preferiam seguir para Malawi, onde existiam muitos refugiados e com mínima esperança de segurança de sobrevivência social.

Durante a guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa, a aquisição dos soldados para defesa local era feita, muitas vezes, através do Serviço Militar Obrigatório (SMO). Durante os anos da guerra civil em Moçambique, este sistema tinha sido uma lei que abrangia a todos cidadãos do país com a idade compreendida entre os 18 e 35 anos. De vez enquanto, haviam jovens voluntários que se entregavam na defesa local e com a intensificação da guerra na região, haviam jovens que iam à guerra, com objectivos de defender a pátria ameaçada.

Não existem dados oficiais do processo de aquisição dos guerrilheiros que se ingressavam na RENAMO localmente, e muito menos o Delegado provincial da Renamo no Niassa se pronunciou sobre esta questão. Entretanto, das populações que viveram nas povoações por onde esta guerrilha fez sentir a sua acção, acabaram também duvidando sobre o processo de incorporação das populações locais nas fileiras da Renamo naquelas regiões.

*" Nós apoiávamos em termos de fornecimento de alimentação aos nossos soldados. Os nossos filhos iam cumprir o serviço militar. Da parte da RENAMO nada sabemos pois que eles quando atacavam as nossas povoações limitavam-se a saquear os nossos bens e a destruir as nossas casas, assim como a raptar ou a matar a população. É só isso o que agente sabe."*<sup>92</sup>

A partir desta explicação do nosso entrevistado pode-se chegar a uma análise geral que os guerrilheiros da Renamo nestas regiões podem ter sido recrutados fora do distrito do Lago-Niassa ou mesmo, localmente, se nos basearmos nas análises de outros autores, como por exemplo, o Habrahamsson que afirma que:

*"...o recrutamento da Renamo nas áreas rurais só em muito pequena escala se baseou em tomada de posições políticas...foi uma combinação de coacção e de factores*

---

<sup>92</sup> Entrevista com Fernando Evans(Régulo), e Mustafa Ájuza, (Secretário), ambos da povoação de Ngongo, aos 20 de julho de 1994.

*sócio-psicológicos...e quando se estabelecia uma base da Renamo e os seus grupos armados começavam a agir numa área nova, a população fugia. Raras vezes se tratava de uma fuga em pânico, não coordenada. Em vez disso, é bem nítido como grupos diferentes da população rural reagem de modos diferentes e escolhem diferentes estratégias de sobrevivência. Algumas pessoas abandonavam as suas casas e as suas terras logo após o primeiro ataque, ou mesmo logo quando ouviam dizer que a RNM se estava a aproximar. Outras ficavam e recusavam abandonar as suas casas, terras e culturas. Um elemento comum era que as mudanças eram feitas gradualmente e em geral uma família nunca se deslocava mais de 5-10 km de cada vez. O segundo grupo, que ficava para trás, acabava por ser integrado em áreas de influência da RNM, enquanto que o primeiro grupo conseguia sempre escapar aos ataques directos e às exigências diárias de fornecimento de bens alimentares à base.*<sup>93</sup>

De acordo com o argumento acima citado do Habrahamsson, pode-se dizer que, a população da região do distrito do Lago-Niassa, praticamente rural, poderá ter sido envolvida durante a guerra neste processo de inserção nas fileiras da Renamo, pois que, nem o governo local possui dados sobre a população que permaneceu nas regiões ocupadas até ao fim da guerra, nem a própria Renamo possui dados sobre a quantidade da população de sua influência até ao fim do conflito armado na região.

A guerra civil no distrito do Lago-Niassa terminou em 1992 com a assinatura dos Acordos Gerais de Paz (AGP) em Roma, em 4 de Outubro de 1992 que culminou com o cessar fogo em Moçambique. Até a esta data de 1992, a situação sócio-política na região do distrito do Lago-Niassa, tinha sido caracterizada por uma existência de Dupla Administração.<sup>94</sup> Dum lado da região ficou despovoada, isolada e de difícil acesso, sob

---

<sup>93</sup> Quando se procurou saber de onde vinham os soldados da Frelimo e da Renamo durante a guerra civil na região do distrito do Lago-Niassaa, colocada aos varios entrevistados locais, muitos preferiam não se pronunciar por falta de um conhecimento exacto. Entretanto, existe uma explicação discutida por certos autores sobre o recrutamento dos soldados da Frelimo ou da Renamo, só que esta explicação não dá uma resposta sobre a região do Lago-Niassa, mas, como a guerra civil atingiu em todo o território Moçambicano, apenas serve para um caso de análise geral. ABRAHAMSSON, H. e NILSSON, A., Moçambique em Transição: Um estudo da história de desenvolvimento durante o período de 1974-1992, CEEI-ISRI, R.M, Maputo, 1994, p,171

<sup>94</sup> No dia 19 de Julho de 1994 cheguei no distrito do Lago-Niassa para fazer o Estudo da História Social da Crise Político-Económica, Guerra Civil e Reconstrução. Encontrei as regiões a partir de Ngongo em direcção à Mepoche intransitáveis e o Administrador local, disse-me que estas regiões estavam sob control da Renamo que tinham a sua base em Mepoche e que, se eu precisa-se entrevistar o representante da Renamo naquela região o Administrador haveria de solicitá-lo. Só que este processo levaria dias e acabei não entrando encontacto(Nota do Autor).

influência da Renamo (todas as regiões do interior do distrito, a partir da povoação de Lifuitichi, no vale do rio Lunho até Chissindo e da qui, todo o interior norte e sul do Lago). E do outro lado, ficou concentrada pela população fugida do interior (deslocada) e administrada pelo governo local (esta população estava concentrada nas povoações de Mechumua, Messumba, Cóbue, Metangula Maniamba e em pouca quantidade em Ngongo e Mbandece). Até Abril de 1996 esta situação alterou-se bastante e a Renamo, apenas ficou considerando, a região de Tulo, como sendo, sua zona de influência, por ter sido, a sua base principal neste distrito.<sup>95</sup>

### **3.2 O impacto da guerra:**

#### **3.2.1 O despovoamento**

O despovoamento na região do distrito do Lago-Niassa constitui o grande impacto da guerra civil que durou desde 1986 até 1992. Até 1992, o ano de cessar fogo em Moçambique e na região do Lago-Niassa, as regiões habitadas neste distrito, eram poucas. A nível de todo o distrito, as grandes concentrações populacionais estavam apenas nas povoações de Cóbue, Messumba, Mechumua, Metangula, Maniamba e pequenos aglomerados de povoações existiam nas povoações de Ngongo e de Mbandece. Estas povoações sobreviveram devido os esforços e os sacrifícios enfrentados pelas suas próprias populações em resistirem contra as incursões do inimigo através de táticas de fuga durante a noite e retorno durante o dia".<sup>96</sup>

O grande despovoamento foi provocado não pela destruição de todas as suas povoações, mas pelo abandono, devido o medo e o receio da grande parte da população

---

<sup>95</sup> O Delegado Provincial da Renamo no Niassa, afirmou que, "...até em 1992, as regiões a partir de Messumba, Ngongo, Namatumba, Licesse, Mbamba, Ngoo, Chia, Wikihi e Chigoma, eram zonas afectadas e subcontroladas pela Renamo. Esta situação altrou-se ao longo do tempo, e até a data desta entrevista, estas regiões reduziram-se para uma única região de Tulo, que foi a base principal deste movimento no distrito, portanto, continua sob seu control". Estes dados foram fornecidos pelo Delegado Provincial da Renamo no Niassa, Lichinga, aos 16 de Abril de 1996.

<sup>96</sup> Houveram povoações que que não foram totalmente abandonadas. E, para se escaparem dos ataques, os seus habitantes ausentavam-se durante o dia e retornavam ao anoitecer. Sendo assim, todos os bens da casa eram retirados e escondidos ou enterrados. A população de Messumba, Mechumua e Ngongo usou este processo. Este processo era mais usado quando a população nota-se algum movimento estranho ou quando tivesse informações sobre prováveis movimentações do inimigo. Comentários de Fernando Martins Evans, Professor da escola primária de Mechumua, durante uma entrevista em 20 de Julho de 1994

rural indefesa das várias povoações do interior, de serem afectadas pela guerra, tal como aconteceu na zona sul do distrito. As únicas regiões que não foram abandonadas, ofereciam mínimas condições de segurança sócio militar, a força local e do reforço que vinha da vila de Metangula. Grande parte das povoações e populações que não tiveram estas mínimas condições, acabaram fugindo. Portanto, o despovoamento seguiu exactamente as grandes povoações outrora habitadas.

Seguindo a estrada de Lichinga para Metangula, dentro do distrito do Lago, as populações encontravam-se aglomeradas apenas em Mbandece e em Maniamba. Ao longo desta estrada, as povoações de Licuanhile, Chiulica e Micucue tinham abandonado. E a povoação de Maniamba tinha concentrado as populações das vizinhas povoações de Chiulica, Mbandece, Licuanhile, Maumbica, Mpacachi e Micucue). O espaço que separa entre a povoação de Maniamba, Micucue até Metangula, estava praticamente abandonado. Neste espaço, as populações tem desenvolvido agricultura.

A vila de Metangula, em vez de sofrer o despovoamento, sofreu, pelo contrário, o super povoamento durante a guerra, como consequência da concentração das populações deslocadas do interior, provocando assim a degradação do meio ambiente. Até o primeiro semestre de 1994, na vila de Metangula, viam-se grande parte das casas da população dos bairros periféricos da administração e da marinha praticamente abandonadas. A vila de Metangula, ao longo do tempo de guerra, foi reduzida em ruínas, sem energia eléctrica e sem água canalizada e grande parte dos seus velhos centros comerciais abandonados e reduzidos também em ruína. Até a Base Naval e a Marinha que nos anos de 1975 à 1980 empregou grande parte dos habitantes como mão de obra local, encontra-se paralizada.

Seguindo para o norte da vila de Metangula, a problemática do despovoamento das grandes regiões outrora super povoadas, tornou-se praticamente horrível. A grande povoação de Chiuanga que nos anos de 1975 formava grandes linhas de casas que ocupavam toda a faixa do vale da foz do rio Lunho, interligando-se com a grande povoação da Missão de Messumba do outro lado do rio, hoje em dia, toda esta velha paisagem humanizada foi substituída por arbustos, plantas e capim, transformando-se assim em floresta que chega a tapar as velhas ruínas locais. Chiuanga e Messumba ficaram na história da sua velha habitação. Hoje em dia, as poucas famílias que ficaram

em Chiuanga confinam-se dispersadamente ao longo da velha estrada que liga a costa e o interior, também em ruína.

Na povoação de Messumba as casas apenas confinam-se em redor da velha Missão Anglicana, também em ruína. Durante a guerra civil, Messumba tinha sido o centro dos deslocados das populações vindas das povoações de Mbamba, Mondue, Nchelenje, Kaphweleza, Matenje, Ussa, Namatumba, Ngondya, até uma parte da população de Mechumua e Ngongo, Mefululuchi, Lifuitichi, Tulo até Mepoche).

Percorrendo o vale do rio Lunho em direcção a parte oriental, as velhas povoações de Kaphweleza, tinham desaparecido do mapa local, a velha e grande povoação de Mechumua tinha sido abandonada por grande parte dos seus habitantes e, por sua vez, tinha recebido durante a guerra, deslocados das povoações do interior do vale do rio Lunho. Até em 1994, as casas, a escola, a igreja local, a moagem e o posto de saúde, ficaram reduzidos em ruína.

Para além da povoação de Mechumua, ainda ao longo do vale do rio Lunho, a última povoação que sobreviveu é de Ngongo. O antigo quartel colonial de Magica que se encontra arredores daqui, desapareceu do mapa local, assim como desapareceram as povoações de Mefululuchi, Mutucula, Ussa, Namatumba, Ngondya, Chiuata, Landa, Medoca, Chizoma, Natenga, Licesse, Gaunge, Mepoche, Lunho, Cambona, Tulo, Micuela, e toda a região que faz limite com o distrito de Sanga. Ainda neste vale, desta vez seguindo a estrada para o norte do distrito, as povoações que se encontravam ao longo da estrada de Mepoche até as regiões de Lupilichi tinham sido também abandonadas.

Na parte norte da zona costeira do distrito do Lago-Niassa para além de Messumba, a única povoação que ainda era habitada durante a guerra por grande quantidade de deslocados, foi apenas a de Cóbue.

*"As únicas zonas que foram atacadas e que a população não abandonou completamente em todo o distrito do Lago, foram as povoações de Cóbue, Messumba, Mechumua, Ngongo, Maniamba e Mbandece. Em Metangula sede nunca atacamos. As restantes povoações do distrito foram abandonadas e grande parte da população fugia das várias povoações devido o receio que tinham de serem afectadas".<sup>97</sup>*

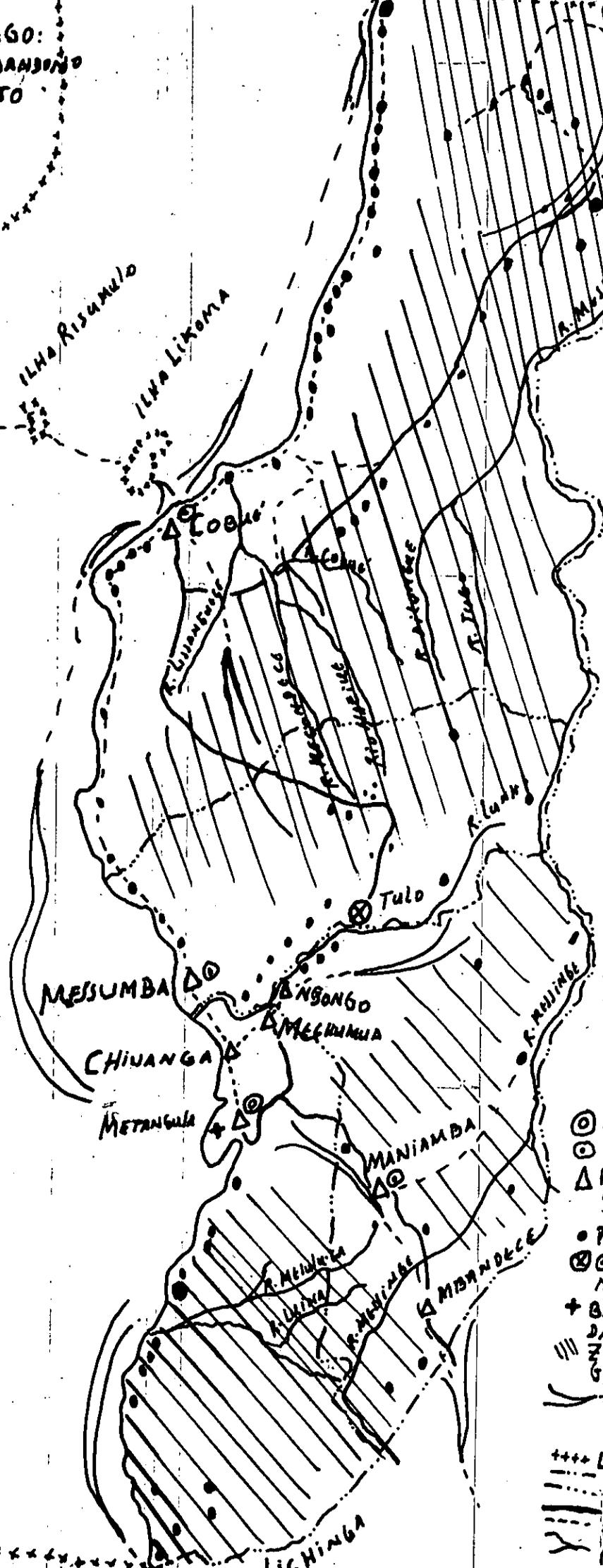
---

<sup>97</sup> Entrevista com o Delegado da Renamo em Niassa, Lichinga, 16/4/96

**DISTRITO DE LAGO:  
GUERRA CIVIL, ABANDONO  
E DESPOVAMENTO  
1986-1992**

LAGO NIASSA

DISTRITO DE SANGA



**LEGENDA**

- ⊙ SEDE DO DISTRITO
- ⊙ SEDE DO POSTO ADMINISTRATIVO
- △ POVOAÇÕES E CONCENTRAÇÕES POPULACIONAIS DURANTE A GUERRA CIVIL.
- POVOAÇÕES ABANDONADAS
- ⊕ BASE PRINCIPAL DA RENANÇA
- + BASE NAVAL E QUARTEL DA MARINHA
- ▨ ZONAS AFECTADAS PELA GUERRA CIVIL ATÉ 1992
- ~ ROTAS MIGRATORIAS DE FUGA DA POPULAÇÃO DURANTE A GUERRA.
- +++ LIMITE DO PAIS.
- LIMITE DO DISTRITO
- - - LIMITE DO POSTO ADMINISTRATIVO
- ESTRADA
- ~ RIOS

Segundo informações prestadas por regressados da Tanzania e do Malawi, toda a costa lacustre norte e o interior norte, junto à fronteira da Tanzania tinham sido praticamente abandonados durante a guerra civil na região.<sup>98</sup> Enquanto que na zona sul do distrito do Lago-Niassa, nas regiões de Meluluca e o grosso das povoações que se estendem ao longo da costa lacustre (Buesanho, Basso, Chingomane, Covele, Manuel, Maniacha, Lucefa, Lucessi, Nkholongwe, Lusseta, Chiage, Bomane, Nzizi e Timba) tinham sido também abandonadas.

Ao longo deste período da guerra civil no distrito do Lago-Niassa, 1986-1992, o distrito apenas sobreviveu com as povoações de Mbandece, Maniamba, Metangula, Chiuanga, Messumba, Mechumua, Cóbue e Ngongo. As restantes povoações, até ao fim da guerra civil em 1992, estavam praticamente abandonadas e reduzidas em florestas desabitadas.

### 3.2.2 A degradação do tecido e das infraestruturas sociais

O impacto da guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa caracterizou-se, também, na degradação do tecido e das infraestruturas sociais. A desestabilização na região do distrito do Lago-Niassa expressou-se de vários modos. A nível da região, provocou o abandono das populações nas suas povoações de origem. Por sua vez, o abandono destas regiões, provocou a dependência social de grande parte das famílias nas zonas de refúgio. A população afectada directamente pelas incursões militares, foi a que mais sofreu e grande parte dela ficou praticamente traumatizada fisicamente, psicologicamente<sup>99</sup> e socialmente.

---

<sup>98</sup> Entrevista colectiva feita junto dos estudantes regressados do Malawi e da Tanzania na escola do Ensino Secundário Aberto de Moçambique (ESAM) do Lago-Metangula: Luis Ntchemba (natural de Mbueca), Lucas Ntchemba (natural de Mbueca), Pedro Zikone (natural de Ngofi), Paulo Lemane (natural de Ngo), Jacobe Kapondela (natural de Magachi)-estes alunos regressaram em Abril de 1994. Metangula, aos 19 de Julho de 1994.

<sup>99</sup> Em 1993, eu estava assistindo, num desses dias, uma aula de História Geral no 3º ano do curso de história que estava sendo dada pelo Prof. Dr. Carlos Machili na Universidade Eduardo Mondlane e, como forma de tentar relachar a consciência dos alunos da turma, pois que a aula tinha a duração de quatro horas, o Prof. Dr. Machili disse-nos que a sua mãe tinha sido afectada pela guerra civil/desestabilização (tal como falou) e na altura encontrava-se junto dele no Maputo. Como forma de nos mostrar o impacto social da guerra, contou-nos que, "...as vezes, quando a mãe ouvisse um ruído estrondoso dum camião a passar na rua enquanto estivessem na sala de visitas da sua casa, ela perguntava sempre se estavam a disparar de novo". Esta memória de conversa que vos conto, é um dos casos mais conhecidos da crise social da guerra civil na região do Lago-Niassa. (Nota: A mãe do

Para o caso da população que foi transformada em deslocados e refugiados de guerra, acabaram sendo desenraizadas socialmente e culturalmente por um lado, e por outro, foram reduzidas à condição de miséria, fome e nudez, por perderem ou abandonarem os seus bens económicos. E para o caso das populações que não se deslocaram ou não abandonaram a região durante a guerra, foram vítimas de isolamento, na medida em que as vias de comunicação na região do Lago-Niassa ficaram praticamente intransitáveis, conseqüentemente, o trânsito de bens e pessoas diminuiu (para não dizermos que ficou paralizado), resultando assim, na redução dessas populações à condição de miséria, fome e nudez, pois que, o abastecimento de roupa e de outros bens de primeira necessidade tinha cessado. O que ofuscou todo o resto, foi a paralisação ou impedimento da produção regular de bens alimentares locais.

*"Durante a guerra as pessoas dormiam no mato, não tinham espaço e tempo para a produção agrícola ou a prática de outras actividades. Foi o momento em que a fome nos atingiu aqui em Messumba, até chegarmos ao ponto de necessitarmos ajuda pois que a população em si, não tinha outros recursos de sobrevivência".<sup>100</sup>*

A destruição de infraestruturas foi muito grande. Todas as estradas locais (com excepção da Estrada Nacional-EN 249 de terra, que liga o posto de Maniamba-Metangula, mas em estado obsoleto, na altura podia-se circular uma ou duas vezes por ano de coluna),<sup>101</sup> foram abandonadas e paralizadas. Enquanto que a Estrada Regional-ER 538 (terra), de Metangula-Lupilichi com 209 km, assim como a Estrada Regional, ER 541-CR.ER 538 (terra), de Cóbue, com 14 km, ficaram também paralizadas ao longo de toda a guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa.

Para além destas três importantes estradas locais, existem picadas que fazem ligações a várias regiões do distrito que estão praticamente abandonadas, paralizadas e destruídas. Algumas delas foram destruídas por erosão, é o caso da picada que faz

---

Prof.Dr. Carlos Machili é natural do Lago-Niassa e foi vítima desta recente guerra civil),(Nota do autor).

<sup>100</sup> Entrevista com Filipe Xikwakwasa, professor primário de Messumba, aos 20 de Julho de 1994.

<sup>101</sup> O transporte no período da guerra civil no Lago-Niassa, tinha cessado devido à má condição da única estrada que dava acesso ao distrito (EN 249, de Lichinga a Metangula: 82,2 km asfaltada até Maniamba e 29,8 km de terra de Maniamba até Metangula). Este problema até hoje persiste e os transportadores, muitas vezes voltam em Maniamba. Portanto, as pessoas passam a percorrer a pé da região do Lago-Niassa até Maniamba onde procuram apanhar transporte quando querem deslocar-se para Lichinga.

ligação entre Metangula e a fronteira da Tanzania, passa ao longo da costa lacustre, que actualmente está sofrendo grande erosão das águas do lago-niassa. As restantes picadas: de Maniamba-Mpakachi, Mepoche-Combe, Messumba-Namatumba, Chiuanga-Magica, Mbamba-Lissenguece, Limbue-Macondece, Chigoma-Macondece, Chicane-Nagocho, Josefa-Eduardo, Lupilichi-Lutenguene, Lupilichi-Eduardo, Meluluca-Metangula e Micucue-Meluluca foram abandonadas, paralizadas e intransitáveis. Grande parte das pontes que se encontram ao longo destas estradas e picadas, umas estão em condições precárias, e outras estão praticamente destruídas devido ao seu abandono e falta de manutenção, como é o caso da ponte sobre o rio Lunho com 290 metros de cumprimentos<sup>102</sup>, que caiu devido as águas das chuvas e hoje em dia, o governo distrital e provincial, ambos, encontram-se preocupados com a sua reposição.

A população em geral do distrito do Lago-Niassa, assim como o governo local, receia a existência de minas nessas estradas abandonadas e em todas regiões intensamente afectadas pela guerra civil, como é o caso da estrada Regional-ER 538 de Metangula-Lupilichi e as regiões de Mepoche, Tulo, Chissindo, onde haviam bases da Renamo. A destruição, abandono e degradação de infraestruturas sociais e económicas na região do distrito do Lago-Niassa é muito grande, visto que acompanhou o nível do despovoamento acima descrito. Um número considerável de moagens, lojas, armazéns, escolas e postos de saúde tem que ser reconstruídos para que a sociedade e economia rural possa voltar a funcionar. Pois que, os sistemas de educação e de saúde nas áreas rurais estão praticamente destruídos. Hoje em dia, grande parte das escolas funcionam debaixo das mangueiras e o material escolar nessas regiões não chega, desde que a guerra afectou nos anos de 1986.

Devido as precárias vias de acesso e a falta da rede comercial, o nível de vida baixou e o custo de vida subiu em proporções alarmantes. Os bens da primeira necessidade são raros e caros, como ilustração, 1 litro de óleo chega a custar 23.000,00 Meticais (preços de Abril de 1996). É esta a situação geral do impacto social da guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa, no período de 1986-1992.

---

<sup>102</sup> Direcção Provincial de Estradas e Pontes do Niassa, Lichinga, aos 16 de abril de 1996.

## **CAPITULO IV**

### **4. PERIODO POS-GUERRA, 1992-1995**

Segundo os problemas provocados pela guerra a nível das regiões do Distrito do Lago-Niassa ao longo de todo o período de 1986-1992, apresentam-se neste capítulos os trabalhos desenvolvidos por vários actores sociais na luta pela restabilização da vida social das várias populações locais, dos deslocados e refugiados de guerra. Portanto, apresentam-se aqui vários mecanismos desenvolvidos a nível da reconstrução social, suas fases, caracterizadas pelo regresso da população, refixação e relançamento. Em seguida, caracteriza-se o actual local de povoamento e de repovoamento, apresenta-se, ao mesmo tempo, os esforços desenvolvidos pelas várias forças sociais na reconstrução social local, assim como as perspectivas dos vários grupos na continuação a curto ou a longo prazo na reconstrução social e os principais problema que afectam à reconstrução social a nível das várias regiões do Distrito do Lago-Niassa.

#### **4.1 Reconstrução e suas fases:**

##### **4.1.1 Regresso da população**

A guerra provocou o grande fenómeno do despovoamento a nível da sociedade local. Este despovoamento, foi caracterizado por grandes ondas de migração das populações locais, que foram transformadas em deslocadas e refugiadas de guerra. Estes dois grupos, passaram a viver durante todo este período de guerra, através de ajudas prestadas por vários agentes humanitários ou governamentais e a sua posição social estava instável. Encararam problemas vários. Desde a falta de alimentação, a falta de alojamento até a falta de medicamentos. Nas regiões por onde se encontravam refugiadas, viviam muitas vezes em campos ou bairros específicos, sem condições mínimas de sobrevivência.

*" Para o caso dos refugiados da Tanzania e do Malawi, viviam em grandes campos de refugiados, dormiam ao ar livre ou em pequenas tendas e cabanas,*

*ocupando mais de duas, três, quatro ou cinco famílias, de acordo com a sua grandeza. Recebiam pequenos donativos, tal como, lonas para a feitura de tendas, comida, baldes, panelas e cobertores ou roupa, e pequena assistência médica em casos de doenças".<sup>103</sup>*

Assim que foi anunciado o fim de guerra no país, grande parte destes grupos entraram em processo de repatriamento às suas regiões de origem. Este processo de regresso variou de acordo com os grupos (deslocados por um lado e refugiados por outro).

Para o grupo dos deslocados, o processo do seu regresso foi entregue à sua sorte. Grande parte dos deslocados organizavam o seu próprio repatriamento, muitas vezes em grupos familiares ou em grupos da mesma povoação. Havia aqueles que regressavam sozinhos também. Grande parte dos deslocados de guerra encontrava-se espalhados em diversas regiões da província ou dentro do distrito do Lago-Niassa. Eles regressavam para as suas povoações de origem a qualquer momento, de acordo com as suas condições e opções. O regresso dos deslocados internos no distrito do Lago-Niassa não foi acompanhado por nenhuma entidade governamental, ou por Agentes Humanitários.

Grande parte dos deslocados internos das povoações abandonadas a nível do distrito do Lago-Niassa durante a guerra, encontravam-se concentrados em Messumba, Chiuanga, Metangula, Mechumua, Cóbue e Maniamba. Havia outros que tinham saído de vez do distrito e grande parte deles encontravam-se concentrados na cidade de Lichinga.<sup>104</sup>

As viagens de regresso dos deslocados internos eram custeadas por si mesmos e grande parte deles iam a pé para as suas zonas de origem. Até 1994, dentro do distrito do Lago, não havia qualquer circulação de transporte rodoviário devido à precária situação das vias de acesso às regiões desabitadas. Apenas para os que iam nas zonas costeiras do

---

<sup>103</sup> Foi esta a vida nos campos dos refugiados do Malawi e da Tanzania. Normalmente, estes donativos, vinham, as vezes, dos governos locais desses mesmos países ou de Agentes Humanitários. Entrevista com: Charles Benson(natural de Chia, e regressado do campo de Likuyo-Tanzania); Glória Mbulula(natural de Wikihi e regressada do campo de Nkhatabay-Malawi); Felistácia John(natural de Chia e regressada do campo de Likuyo-Tanzania) e Jaime Mateus(natural de Tulo e regressado de Nkhatabay-Malawi). Centro dos Regressados e Refugiados do Lago, Metangula, aos 19 de Julho de 1994.

<sup>104</sup> Só na vila de Metangula, durante a guerra civil, haviam treze mil deslocados do interior do distrito. Dados fornecidos pelo Administrador local durante uma conversa sobre a problemática da vida do distrito durante a guerra. Metangula, 19 de Julho de 1994.

lago-niassa, podiam, se fosse possível, regressar de barco para o norte ou para o sul do lago. Mas o único barco a motor de passageiros que existe na Marinha do Lago só faz viagens para a zona norte do distrito, até Cóbue, quando possui combustível. Os barcos a vela são raros no Lago-Niassa. Este problema de transporte local, dificulta o deslocamento e o processo de regresso das populações. Por ser um distrito da costa lacustre, devia existir pelo menos o transporte lacustre para facilitar as populações. Os dados da Administração Marítima do Lago-Niassa, mostram uma escassez deste meio de transporte de passageiros a nível do distrito, e em 1995, apenas haviam 9 botes que fazem o tráfego doméstico<sup>105</sup>.

Em relação o grupo dos Refugiados, o seu processo de regresso, a princípio, foi organizado e dependia das regras traçadas por agentes humanitários assim como por governos do nosso país e dos países em que se encontravam. Grande parte destes refugiados que se encontravam nos campos de Malawi e da Tanzania não eram só do distrito do Lago-Niassa. Por exemplo, no único campo de refugiados de Likuyo na Tanzania, haviam aqui, refugiados de diversos distritos da província do Niassa, até alguns das províncias de Nampula e de Cabo Delgado.

O processo de regresso organizado dos refugiados ocorreu apenas no período de 1994-1995. Os trabalhos de organização, custeamento e acompanhamento das viagens dos regressados eram feitos pelos governos dos dois países (de Moçambique e do país em que se encontravam) e Agentes Humanitários como o ACNUR, R.R.R., e a N.A.R.

O Núcleo de Apoio aos Refugiados-N.A.R., desenvolveu trabalhos de organização e acompanhamento dos regressados do distrito do Lago-Niassa no período de 1994 à 1995. Esta organização, ajudou no transporte dos regressados do distrito do Lago-Niassa, vindos do Malawi e da Tanzania, num total de 15 369 repatriados.<sup>106</sup>

A população refugiada do distrito do Lago-Niassa no Malawi, que não se sabe a sua quantidade específica, encontrava-se localizada, conjuntamente com outros refugiados de províncias diferentes do nosso país, nos campos de refugiados de Mangoche, Machinga, Nkhatabay, Muala, Kalanje e Chumbangala.

---

<sup>105</sup> Quadro das embarcações identificadas pela Administração Marítima do Lago-Niassa, 1980-1995. Instituto de Investigação Pesqueira. Administração Marítima do Lago-Niassa, Julho de 1995.

<sup>106</sup> Relatório da situação dos regressados no distrito do Lago-Niassa até Novembro de 1995. Núcleo de Apoio aos Refugiados-N.A.R., Delegação do Niassa, Lichinga, 15 de Abril de 1996.

"Não existem dados específicos da população refugiada do distrito do Lago-Niassa que se encontrava nos vários campos dos refugiados do Malawi e da Tanzania. O Núcleo de Apoio aos Refugiados (NAR), tinha apenas quantidades gerais da província do Niassa. Neste caso, calcula-se que, segundo as previsões, em Mangoche existissem cerca de 12356 refugiados e em Machinga, haviam cerca de 8786 refugiados (estes foram os grandes campos do Malawi). Por outro lado, nada se sabe sobre a quantidade dos refugiados que existiam nos Campos de Nkhatabay, Muala, kalanje e Chumbangala, mas sabe-se que destes campos foram apoiados a regressar para o país, 5446 refugiados de Muala, 17093 de Chumbangala, 6340 de Kalanje, 18448 de Makangira e 2850 refugiados de Nkhatabay no Malawi, assim como, foram ajudados a regressar 21373 refugiados do único campo de Likayo na Tanzania".<sup>107</sup>

Os problemas ligados ao processo de regresso e repatriamento da população refugiada nos países vizinhos, estavam relacionados com o seu <sup>(1)</sup> transporte, <sup>(2)</sup> alimentação <sup>(3)</sup> ao longo da viagem, <sup>(4)</sup> alojamento e a segurança social em geral. Antes da partida nos campos de refugiados por onde se encontravam, cada família recebia milho ou farinha de milho, cerca de 5 kg e três canecas de feijão e utensílios domésticos (mantas, panelas, baldes e roupa), para se sustentarem nos primeiros dias da sua chegada. Em seguida, eram acompanhados desde os campos dos refugiados por onde se encontravam até nos centros de Trânsito. O grande centro de Trânsito dos refugiados e regressados do Malawi e da Tanzania, estava em Metangula onde eram acomodados.

Por outro lado, havia o grupo de refugiados que vivia espalhado em diversas povoações, vilas e cidades nesses países, sob sua própria custa ou através de familiares, conhecidos e particulares. Para este grupo, foi praticamente difícil controlar e acompanhar o seu repatriamento por se encontrar a viver fora dos campos dos refugiados organizados por Agentes Humanitários ou Entidades Governamentais nesses países vizinhos. O regresso deste grupo de refugiados para as zonas de origem no distrito do Lago-Niassa está ocorrendo até hoje em dia de acordo com as suas próprias capacidades, preferências e circunstâncias e não existem dados oficiais sobre a sua quantidade.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> A probabilidade deste grupo da população refugiada do distrito da região do Lago-Niassa, que se encontra nos países externos, em especial na Tanzania, no Malawi e na Zâmbia, sem um processo de

#### 4.1.2 Refixação

Quando a população regressada chegasse primeiramente no distrito, fixava-se, à espera do seu relançamento, nos Centros dos Refugiados e Regressados que existiam em Cóbue, que recebia os regressados da Tanzania e do Malawi e daqui faziam a sua escala para o grande Centro dos Regressados de Metangula.

Para os deslocados internos a nível do distrito do Lago-Niassa, que se encontravam nas regiões de Cóbue, Messumba, Mechumua, Metangula e Maniamba (que tinham sido grandes centros de deslocados durante a guerra), o processo de refixação não se fez sentir grande preocupação. Estes partiam daqui até as suas povoações de origem, a pé e depois de terem tomado devidos conhecimentos das regiões em que se dirigiam. Chegados aqui, acampavam-se normalmente ao relento por serem povoações desabitadas, em seguida, procuravam construir alguma cabana e mais tarde, iam erguendo, pouco a pouco as suas casas.

Para os deslocados que se encontravam fora do distrito, mas dentro do país, precisavam primeiramente, hospedar-se em algum lugar. Este grupo, não teve um centro especial de acomodação e transição, portanto, a sua refixação (hospedagem) era variável. Regra geral, algum membro da autoridade local é que lhes recebia, mas haviam casos em que algum familiar, conhecido ou particular é que lhes recebiam. Muitas vezes, estes deslocados custeavam por si próprios a sua alimentação. Neste grupo de regressados internos, haviam os que se refixavam nos centros de refugiados e regressados quando não tivessem outras oportunidades de acomodação.

*"Para o caso dos refugiados nos países vizinhos que regressavam organizadamente com ajuda do governo Moçambicano, dos governos dos respectivos países em que se encontravam e dos Agentes Humanitários, o processo de refixação era orientado por estes actores, que organizavam todo o processo, desde a escolha do local ou centro de transição, sua acomodação e alimentação. "Para além de ter apoiado o processo de regresso dos refugiados, a R.R.R. reconstruiu centros de trânsito para*

---

regresso sustentado e orientado, em se tornar em emigrantes permanentes é grande. Pois que, na medida em que por si só orientam a sua vida, optarão por escolher o seu espaço de reinserção para a sua segurança social.

*2.896 repatriados de Nkhatabay com destino para Cóbue, Ngoo, Ngofi, Mbueka e Chia, no Lago-Niassa. Os Centros de Refugiados eram construídos com material local e lonas. Os principais Centros de Trânsito no Lago-Niassa estavam situados na vila de Metangula e no porto de Cóbue, onde nos meses de Julho à Dezembro de 1994, muitos repatriados foram aqui refixados primeiramente, e mais tarde, relançados para os seus destinos".*<sup>109</sup>

Os Agentes Humanitários como ACNUR, R.R.R e a N.A.R, trabalharam em conjunto no processo de repatriamento refixação e relançamento. O ACNUR, financiava normalmente as viagens de carro e de barco dos refugiados que se encontravam nos vários centros de refugiados do Malawi e da Tanzania. Estes, eram transportados de carro dos campos dos refugiados, para junto dos portos de KotaKota no Malawi e de Songhea na Tanzania, donde apanhavam barcos para os portos de Cóbue e de Metangula no Distrito do Lago-Niassa. O barco "SONGHEA", alugado pela ACNUR, trabalhou nos meses de Julho e Agosto de 1994 no transporte de refugiados da Tanzania para Cóbue e daqui transportava os que vinham do porto de Kotakota no Malawi, directamente para o porto de Metangula onde eram refixados no Centro dos Refugiados e Regressados do Lago. Os Agentes humanitários, a R.R.R. e a N.A.R, estavam virados no apoio em termos de gêneros alimentares, utensílios domésticos e organização do local de refixação.

Nos Centros de Refixação e Trânsito de Cóbue e de Metangula, passaram cerca de 4.500 refugiados vindos do campo dos refugiados de Likuyo na Tanzania com destino aos distritos do Lago, Sanga, Mavago e Lichinga, e cerca de 2.896 repatriados vindos do campo dos refugiados de Nkhatabay no Malawi com destino para o distrito do Lago-Niassa, nas regiões de Cóbue, Ngoo, Ngofi, Mbueca e Chia, assim como para fora deste distrito, para Sanga, Mavago e Lichinga.<sup>110</sup>

O período de permanência nos centros de refixação e trânsito, dependia dos meios de transporte e de toda a organização em geral do processo de relançamento definitivo para as zonas destinatárias assim como, de todas as circunstâncias

<sup>109</sup> Relatório sobre o Processo de Repatriamento, Reafixação e Repovoamento do Lago-Niassa. Programa de Repatriamento, Reafixação e Reconstrução, R.R.R., Lichinga, 1994.

<sup>110</sup> Relatório da R.R.R., Lichinga, 1994, op.cit.

relacionadas com o local de destino, pois que, grande parte desses refugiados aqui refixados, iam para as regiões desabitadas.

#### 4.1.3 Relançamento

O processo de relançamento constitui a fase da chegada da população regressada nas suas regiões de origem a nível do distrito do Lago-Niassa. Portanto, constitui a fase do repovoamento das regiões abandonadas do distrito do Lago-Niassa. Neste caso o processo de relançamento caracterizou-se pela programação de viagens que partiam dos centros de refixação e acomodação, e daqui fazia-se o acompanhamento dos regressados até o seu destino<sup>111</sup>.

Os actores envolvidos neste processo de relançamento, eram os Agentes Humanitários que prestavam apoio a estas populações e o governo local. Antes da partida de cada grupo para as suas zonas de origem, os Agentes Humanitários prestavam ajuda alimentar aos regressados, para se aguentarem nos seus primeiros dias de estadia nas zonas de chegada, já que, eram zonas praticamene despovoadas e sem recursos mínimos de sobrevivência social. Assim, foram feitas por diversos Agentes Humanitários no período de Julho de 1994 à Dezembro de 1995, campanhas de ajuda social aos regressados e necessitados no processo de relançamento e repovoamento local.

*"Para além do transporte dos regressados, o Núcleo de Apoio aos Refugiados do Niassa-NAR, prestou ajuda alimentar desde Dezenbro de 1994 até Novembro de 1995, cerca de 840 necessitados no distrito do Lago-Niassa e 19.590 necessitados a nível da província do Niassa...ajudou o processo de Refixação e Relançamento às zonas de origem, cerca de 2310 deslocados internos para o distrito do Lago e 30.069 deslocados internos a nível da província, no período que vai até Julho de 995"*<sup>112</sup>

<sup>111</sup> Este processo de acompanhamento dos regressados às suas zonas de origem, não foi uniforme e dependia de acesso das vias de comunicação dessas zonas. Este caso aconteceu para os regressados que iam acompanhados de camião, (eu também estava nessa viagem durante o meu trabalho de camo) para Tulo e Mepoche no dia 20 de Julho de 1994 que foram deixados na povoação de Ngongo, pois que a parte transitável daquela estrada terminava exactamente naquela povoação e o resto da estrada estava reduzida em floresta, e as suas pontes estavam destruídas.

<sup>112</sup> Relatório da situação dos regressados no Lago-Niassa até Novembro de 1995, Núcleo de Apoio aos Refugiados, NAR, Delegação do Niassa, Lichinga, Abril de 1996.

Nestas campanhas de relançamento e repovoamento a R.R.R também estava envolvida na distribuição aos regressados, de sementes e instrumentos de produção nos meses de janeiro à Março de 1994, assim como na campanha agrícola de 94/95. Grande parte das campanhas de ajuda social aos regressados e necessitados estavam concentradas na região norte do distrito do Lago-Niassa e o abastecimento era feito através da via Lacustre, tendo se beneficiado cerca de 3.664 repatriados que receberam cerca de 125830 kg de milho e 13.300 kg de feijão.<sup>113</sup>

**Tabela 5. Distribuição de Sementes e Instrumentos, Janeiro a Março de 1994 no Lago-Niassa.**<sup>114</sup>

<b><u>Produtos</u></b>	<b><u>Quantidade</u></b>
Milho.....	13000 kg
Feijão.....	1.300 kg
Amendoim.....	5020 kg
Enxadas.....	1114
Catanas.....	733
Foices.....	1042
Machados.....	522
Baldes.....	903
Lonas.....	250

**Tabela 6. Distribuição de Sementes para campanha 94/95**<sup>115</sup>

<b><u>Produtos</u></b>	<b><u>Quantidade</u></b>
Milho.....	6000 kg
Amendoim.....	210 kg
Mapira.....	1720 kg
Foices.....	120
Baldes.....	100

<sup>113</sup> Relatório sobre o processo de Repatriamento, Refixação e Relançamento do Lago-Niassa. Programa de Repatriamento, Reafixação e Reconstrução R.R.R., Lichinga, 1994.

<sup>114</sup> Relatório da R.R.R., op.cit.

<sup>115</sup> Idem.

**Tabela 7. Instrumentos e Sementes doados pela ACNUR na região do Lago-Niassa em 1994<sup>116</sup>**

<b>Produto</b>	<b>Quantidade</b>
Milho.....	2.795 kg
Feijão.....	6.440 kg
Amendoim.....	2.508 kg
Arroz.....	4.220 kg
Enxadas.....	2.528
Catanas.....	1.250
Foices.....	1.257

Estas campanhas de ajuda aos regressados do distrito do Lago-Niassa permitiram<sup>(1)</sup> fornecer a mínima segurança social das várias famílias retornadas nas primeiras semanas e meses de repovoamento local. O repovoamento do distrito do Lago nas primeiras campanhas de relançamento foi variado em termos de quantidade dos regressados que iam reocupando cada povoação. Segundo dados obtidos pela N.A.R, de um trabalho realizado durante a primeira campanha de relançamento e repovoamento , feita em dois anos (1994-95), só nas primeiras sete viagens realizadas neste acto de relançamento, cerca de 2.492 regressados foram relançados em dezanove povoações a nível da região do distrito do Lago-Niassa, vindos do Malawi e da Tanzania, num trabalho conjunto, organizado por ACNUR, N.A.R. e R.R.R.

<sup>116</sup> Idem.

**Tabela 8. Mapa estatístico de entradas dos retornados do Malawi-Nkhatabay, referente ao mês de Maio e sua distribuição para as suas zonas de origem no Lago-Niassa. N.A.R., Lichinga aos 30 de Maio de 1994**

Nº	Destino	VIAGENS							Total
		1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	
01	Ngofi	162	-	-	112	-	-	275	549
02	Chia	1	-	81	-	-	-	-	82
03	Utchessi	3	50	-	-	36	-	-	89
04	Chigone	4	217	-	-	189	-	-	410
05	Limbwe	5	-	-	-	-	-	-	5
06	Mala	51	-	-	31	-	-	-	82
07	Ucondesse	15	-	-	-	-	-	-	15
08	Cóbwe	32	-	-	17	-	4	14	67
09	Lumbaulo	56	-	-	42	-	-	22	120
10	Mtumba	34	-	-	10	-	-	36	80
11	Mataca	-	136	-	-	82	-	-	218
12	Messumba	-	-	8	-	-	-	-	8
13	Ngoo	-	-	192	-	-	3	-	195
14	Mandambuzi	-	-	1	49	-	-	-	50
15	Mentangula	-	-	25	-	-	-	-	25
16	Mbuna	-	-	-	-	-	-	75	75
17	Mbweca	-	-	-	18	-	380	-	398
18	Magachi	-	-	-	-	16	-	-	16
19	Mbamba	-	-	8	-	-	-	-	8
<b>Total</b>		363	403	315	279	323	387	422	<b>2.492</b>

Até ao fim da campanha, o número total de regressados relançados, assim como o número de povoações reocupadas a nível do distrito do Lago-Niassa aumentou significativamente, apresentando ao mesmo tempo grande variação quantitativa dos

regressados relançados em cada povoação. Num relatório final dos trabalhos prestados pela R.R.R, N.A.R e ACNUR no acto de relaçoamento e repovoamento organizado no distrito do Lago-Niassa no mesmo período de 1994-1995, mostra que, foram repatriados e relançados para as zonas de origem até ao fim desta campanha, cerca de 5.217 regressados, que correspondem a 1.731 famílias que foram redistribuídas em 41 diferentes povoações abaixo indicadas:<sup>117</sup>

1. **Posto de Maniamba**- recebeu 782 repatriados, que correspondem a 260 famílias, redistribuídas em 4 povoaamentos:

<u>Povoamento</u>	<u>Repatriados</u>
Maniamba.....	629
Chileka.....	91
Mpakachi.....	44
Micucue.....	18
<b>Total</b>	<b>782</b>

2. **Posto de Mbandece** -recebeu 30 repatriados, correspondentes a 10 famílias redistribuídas em 2 povoaamentos:

<u>Povoamento</u>	<u>Repatriados</u>
Mbandece.....	24
Licuanhile.....	6
<b>Total</b>	<b>30</b>

3. **Posto de Metangula** - Esta vila recebeu 72 repatriados, correspondentes a 24 famílias.

4. **Posto Administrativo de Lunho** - recebeu 236 repatriados, correspondentes a 79 famílias redistribuídas em 5 povoaamentos:

<u>Povoamento</u>	<u>Repatriados</u>
Chia.....	118
Messumba.....	25
Mechumua.....	1
Lunho.....	14

<sup>117</sup> Relatório sobre o repovoamento organizado dos regressados do Lago-Niassa, realizado numa operação conjunta entre a ACNUR, N.A.R. e a R.R.R, de Julho de 1994 a Novembro de 1995. Lichinga, Abril de 1996

Mbamba.....	8
<b>Total</b>	<b>236</b>

5. **Posto Administrativo de Mepoche** -recebeu 1512 repatriados, correspondestes a 504 famílias redistribuídas em 5 povoamentos.

<b>Povoamento</b>	<b>Repatriados</b>
Chissindo.....	61
Tulo.....	245
Licessi.....	195
Micuela.....	345
Chilotochi.....	42
<b>Total</b>	<b>1512</b>

6. **Posto Administrativo de Lupilichi**-recebeu 174 repatriados, correspondeste a 58 famílias redistribuídas em dois povoamentos.

<b>Povoamento</b>	<b>Repatriados</b>
Lupilichi.....	119
Mandambuzi.....	55
<b>Total</b>	<b>174</b>

7. **Posto Administrativo de Chiwindi** - recebeu 832 repatriados, correspondentes a 278 famílias redistribuídas em 4 povoamentos.

<b>Povoamento</b>	<b>Repatriados</b>
Ngofi.....	593
Magachi.....	23
Limbaulo.....	136
Mitumba.....	80
<b>Total</b>	<b>832</b>

8. **Posto Administrativo de Cóbue** -recebeu 1492 repatriados, correspondentes a 498 famílias redistribuídas em 8 povoamentos.

<b>Povoamento</b>	<b>Repatriados</b>
Chilola.....	3
Cóbue.....	111
Chigoma.....	410
Mataka.....	218
Mbweka.....	398
Mala.....	82
Ngoo.....	195
Mbuna.....	75
<b>Total</b>	<b>1492</b>

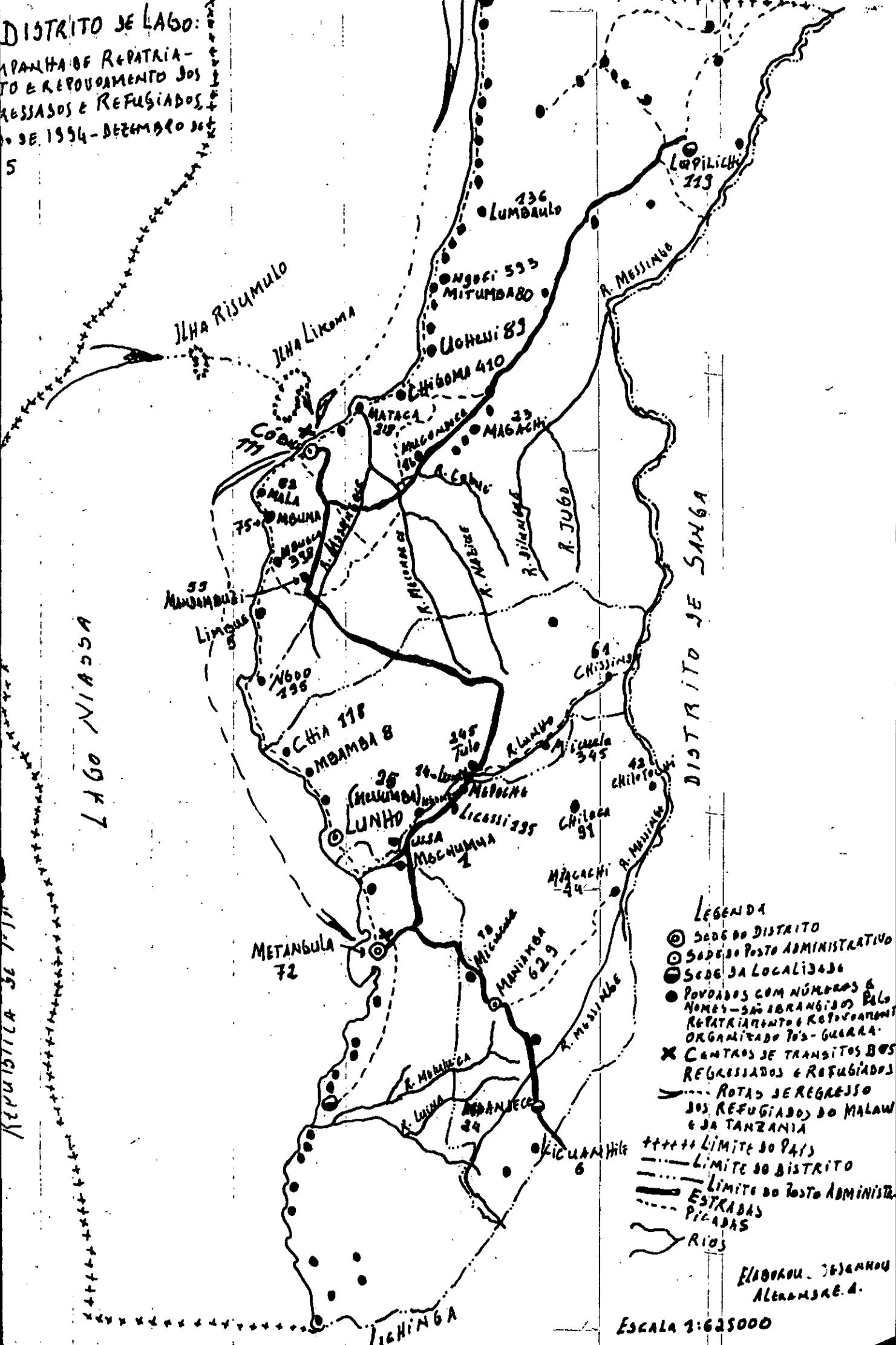
9. **Aldeias não localizadas** - são aquelas que durante o processo de Relançamento as suas populações não foram acompanhadas pela R.R.R. até nos seus destinos mas foram registados oficialmente. Foram repatriados 89 pessoas, correspondentes a 30 famílias.

<b>Povoamento</b>	<b>Repatriados</b>
Michenga(Metangula).....	9
Ussa.....	7
Michelo.....	3
Ngondya.....	16
Mucondece.....	16
Mkapi.....	24
Lizambo.....	8
Livila.....	1
Mputi.....	1
Namichedje.....	4
<b>Total</b>	<b>89</b>

Grande parte destas povoações em reocupação estavam praticamente despovoadas ao longo da guerra civil e de acordo com os dados de relançamento e repovoamento dos

DISTRITO DE LAGO:  
 PLANHA DE REPATRIA-  
 TO E REPOVOAMENTO DOS  
 PRESSADOS E REFUGIADOS  
 DE 1954 - DEZEMBRO DE 1954

REPUBLICA DE NIASSA



- LEGENDA**
- ⊙ SEDE DO DISTRITO
  - ⊙ SEDE DO POSTO ADMINISTRATIVO
  - SEDE DA LOCALIDADE
  - POVOADOS COM NÚMEROS E NOMES - SÃO ABRANGIDOS PELA REPATRIANTE E REPOVOAMENTO ORGANIZADO TOS-GUARRA.
  - ✕ CENTROS DE TRANSITOS DOS REGRESSADOS E REFUGIADOS
  - ROTAS DE REGRESSO DOS REFUGIADOS DO MALAWI E DA TANZANIA
  - ++++ LIMITE DO PAIS
  - LIMITE DO DISTRITO
  - LIMITE DO POSTO ADMINISTRATIVO
  - == ESTRADAS
  - PICADAS
  - ~ RIOS

ELABOROU: SEBASTIAO ALVARADO A.

ESCALA 1:62500

regressados aqui presentes, pode-se dizer que, esta quantidade variada, de famílias redistribuídas em cada povoação, não chega a corresponder ao número de famílias que nestas mesmas povoações, existiam antes da eclosão da guerra civil em 1986.

#### 4.1.4 Local de povoamento

O local de povoamento corresponde as regiões que durante a guerra civil a nível da região do distrito do Lago-Niassa foram praticamente abandonadas e ficaram reduzidas em florestas. As vias de acesso entre as povoações a nível do distrito foram, em conexão com o abandono das suas povoações, praticamente paralizadas e reduzidas em florestas. Grande parte destas povoações ficaram cerca de seis anos abandonadas, o que nos dá a entender que, as várias machambas que aqui existiam, pertencentes as várias famílias que hoje em dia estão a retornar, também foram reduzidas em florestas. E as várias infraestruturas sociais que nestas povoações existiam no período antes da guerra civil, foram abandonadas, destruídas e reduzidas em ruínas e as várias famílias que aqui estão a retornar, encontram o seu velho habitat praticamente modificado, o que são obrigadas, a encarar a situação, sem mínimos recursos locais de sobrevivência imediata, com grandes sacrifícios, tendo em conta que, a economia local é praticamente baseada na agricultura e o processo de reprodução de bens alimentares das várias famílias segue exactamente segundo o ciclo agrícola local, que é periódico. Neste caso, as famílias aqui relançadas, são obrigadas, a passar os primeiros sete ou nove meses da sua chegada, sem nenhuma reserva alimentar.

Outros aspectos relacionados com o local de povoamento estão ligados com a inexistência de infraestruturas sociais básicas, que podem assegurar a sobrevivência social neste momento de relançamento e repovoamento, tal como a rede sanitária, que está ligada directamente à vida social das famílias, e a rede escolar que é o garante da educação da nova geração, o que se pode dizer que, localmente este problema, pode reflectir-se no futuro da região, na sua falta ou vagarosa reposição ou construção de escolas.

Ainda nesses locais de povoamento, receia-se a existência de minas antipessoais e outros explosivos espalhados ao longo das estradas e caminhos e a nível das povoações abandonadas e machambas reduzidas em florestas. Este caso é deveras preocupante e a nível local, não existem perspectivas de criação de algum projecto de desminagem.

Fora da região costeira do Lago-Niassa, as povoações que se encontram no interior do distrito, enfrentam em certas épocas do ano, dificuldades de água. Antes da eclosão da guerra civil neste distrito, grande parte das povoações possuíam furos ou poços de água potável. Aliás, os furos ou poços de água potável, existiam também nas povoações situadas ao longo do Lago-Niassa, é o caso de Messumba, que outrora teve água canalizada, de Chiuanga teve poços e a própria vila de Metangula, que teve no passado poços e água canalizada. A única diferença que existe entre a zona costeira e o interior, é que, a zona costeira só pode precisar de água potável mas não tem problemas da sua falta. Enquanto que a zona do interior, grande parte das populações dependem da água dos rios, que muitas das vezes escasseiam no tempo seco, o que faz com que as populações aqui localizadas, percorram longas distâncias para obter este precioso líquido.

No actual local de povoamento, não existe praticamente alguma rede comercial, o que significa que, a aquisição dos bens da primeira necessidade como o sal, o óleo, o sabão, etc, é feita com muito sacrifício, através de longas caminhadas para atingir locais de possível aquisição. A aquisição de terra para construção de alguma moradia ou abertura de machambas dos habitantes locais ou dos retornados, não constitui grandes problemas em certas regiões do distrito, pois que, grande parte das famílias prefere reocupar as suas antigas terras e, se existem novas pessoas neste processo de relançamento nessas povoações, estas normalmente fazem questão de ocupar novas terras e este processo é acompanhado pela autoridade local, para evitar possíveis conflitos a qualquer altura.

*"Na nossa povoação não existe qualquer problema relacionado com a distribuição de terras a nível dos habitantes locais, somente o Régulo e o Secretário local, tomam conhecimento da ocupação destas terras, pois que, cada um escolhe o lugar do seu desejo. A escolha é livre. Para os que regressam, nós os recebemos e oferecemos terra nos locais da sua preferência. Aqui há muita terra que até há falta de cultivadores e ocupantes".<sup>118</sup>*

Na zona de Mpapa, no norte do distrito, o problema de terras está sendo cada vez mais complicado, com a descoberta de jazigos de ouro na região, que atrai vários agentes económicos e começam a ocupar terras pertencentes aos habitantes locais.

---

<sup>118</sup> Entrevista com Fernando Evans (Régulo) e Mustafa Ajuza, (Secretário), Ngongo, aos 20 de Julho de 1994.

Todos estes problemas acima mencionados, na sua grande parte, estão acima das capacidades da população retornada e necessitada, tal como o Administrador do distrito do Lago, reconhece publicamente a actual situação da vida geral da grande parte das povoações em que a população está reocupando actualmente:

*"O distrito do Lago, com mais de 56 mil habitantes, dos quais 70% vivem ao longo da costa do lago-niassa, onde se ocupa da actividade pesqueira, continua a ressentir-se dos efeitos da guerra destruidora dos 16 anos. A estabilização da vida da população levará ainda tempo, uma vez que para além de não haver trabalho de reposição das infraestruturas destruídas, a população está registando um crescimento acentuado, com regresso das pessoas que se haviam deslocado no interior do país e dos que tinham refugiado para Malawi e Tanzania. Com o fim da guerra, a sede do Distrito que tinha acolhido 13 mil deslocados do interior do Distrito, com o processo de relançamento só ficaram 9 mil. Achamos que o retorno está sendo muito lento porque nas zonas do interior não existem quaisquer condições de vida. A população não encontra água para o consumo, não há assistência médica nem escolas, em alguns casos a actividade agrícola não é praticável, devido as características de cada zona e a rede comercial deixou de existir e estes factos enfraquecem a vontade da população. A falta de fornecimento de combustível no distrito que começou nos anos de 1980, não permite a movimentação do transporte fluvial, portanto, a deslocação da população é feita a pé. As áreas de saúde e educação no Lago estão a enfrentar situações de crise agudas, particularmente por não se abrir novos estabelecimentos ou então, a reposição dos que anteriormente funcionavam, pois que, o crescimento da população devia ser acompanhado pelo aumento da capacidade de resposta em termo de serviços básicos. Receia-se que, num futuro breve poder haver conflitos na zona norte do Distrito onde há exploração mineira, por as concessões estarem abranger zonas ocupadas por habitantes dos camponeses, em especial em Mpapa. Em todo o Distrito, as vias de acesso encontram-se degradadas e o contacto com algumas regiões do norte e do interior é impossível devido a destruição das pontes".<sup>119</sup>*

A curto prazo, estes problemas tem pouca esperança de serem resolvidos, entretanto, a sua solução passa por um conjunto de estratégias, entre as quais, serão necessárias contar com

---

<sup>119</sup> MANDLATE, Matias, "Distrito do Lago: Normalização da vida longe de ser alcançada. Diz Andre Awade, respectivo Administrador". In: Notícias, Maputo, 3ª feira, 27 de Agosto de 1996, p.6.

os factores internos e externos que podem contribuir na sua reconstrução, a curto e a longo prazo.

#### 4.1.5 A participação do Estado, Igreja e ONGs na reconstrução social

A participação do Estado, Igreja e ONGs na reconstrução social pós guerra a nível dos grandes problemas que ultrapassam a capacidade das populações locais, tal como o restabelecimento das vias de comunicação (estradas e pontes), da rede sanitária, escolar, e comercial constitui um garante na estabilização da vida social a nível da região e da população do distrito do Lago-Niassa. Neste aspecto, encontramos em primeiro lugar, a participação do Estado, representado pelo Governo Distrital do Lago-Niassa através das suas dezasseis instituições que formam o órgão directivo no distrito e segundo dados fornecidos pelo Governo local referem que em 1995,

*"O Distrito concentrou esforços no reacentamento das populações regressadas do Malawi, da Tanzania e da Zâmbia, assim como dos deslocados internos. Foram igualmente desenvolvidos esforços na Reabilitação das infraestruturas económicas e sociais destruídas ao longo do conflito; na abertura e aumento de campos de cultivo; na reabertura de escolas e alguns estabelecimentos comerciais e na mobilização da população para as campanhas de vacinação e outras actividades".*<sup>120</sup>

O grande esforço encetado pelo Governo local, foi a estabilização da vida sócio política da região, já que, até ao fim do conflito, a região ficou praticamente dividida, por um lado, existiam zonas sob administradas pela Renamo, e por outro, existiam zonas controladas pelo governo local. Esta situação, até 1996 foi minimizada, tal como o próprio Governo local afirma: *"No aspecto da reconciliação nacional não existe dupla Administração, apesar de ter havido tendências na região de Tulo que outrora esteve sob influência da Renamo, contudo, a situação ficou ultrapassada".*<sup>121</sup>

Com o processo de reconstrução social pós guerra no distrito do Lago-Niassa, o papel da Autoridade Tradicional começou a fazer-se sentir a nível da sociedade local e este facto é reconhecido pelo próprio Governo local, quando no seu relatório geral, afirma que, "...há

---

<sup>120</sup> Breve informação sobre a situação geral do distrito, Metangula, 20/2/96, op.cit. p,2

<sup>121</sup> Idem.

*colaboração entre o Governo Distrital e Autoridade Tradicional, só que esta carece do seu reconhecimento legítimo".<sup>122</sup>*

Portanto, as principais participações do Governo Distrital estão relacionadas com as suas diferentes áreas:<sup>123</sup>

**-A área da Administração Marítima do Lago-Niassa**, participou na reconstrução social, através das várias actividades realizadas ao longo de 1995. Sendo assim, este sector:

*"Registou 5 botes, 2 dongos e vistoriou 9 botes. Houve 139 embarcações, 135 desembarques e 8 sinistros. O tráfego doméstico Metangula-Cóbue-Wikihi (vice-versa) realizou 90 viagens na razão de 13222 milhas com 12 embarcações que transportaram 105836 kg de carga diversa e 1571 passageiros".*

**-Na área de Agricultura e Pescas**, a Direcção Distrital de Agricultura e Pescas(D.D.A.P.), durante o período de 1994/95, tinha planificado o intensivo das principais culturas locais, como o milho, o feijão, o arroz, a mandioca e a batata reno, numa área de 12120 ha, donde obteve o rendimento total de 13321 kg, contra 15 698 ha com o rendimento de 9980 kg na campanha de 1993/94. Ainda nesta área da agricultura, foi introduzido a nível das populações locais um projecto de "Ensaio de variedades de sementeiras" para melhorar a qualidade de sementes dos camponeses, de acordo com as condições climáticas da costa do Lago-Niassa, portanto, foram mostradas 16 variedades do milho, 5 de mapira, 10 de mandioca e 4 de batata doce. Enquanto que na área da pecuária foi desenvolvida a sanidade de animais, para o seu tratamento e assistência técnica. Portanto, no período de 1993/94 foram arrolados 9892 animais e no período de 1994/95, foram arrolados 8455 animais diversos.

**-Na área do comércio local**, praticamente exígua, devido à destruição da sua rede comercial, hoje em dia, só existem a nível do distrito do Lago-Niassa 6 lojas, 2 restaurantes e uma padaria com um funcionamento deficiente. Na campanha agrícola 94/95, o Instituto de Cereais de Moçambique(ICM) comercializou 100960 kg de milho e 4128,2 kg de feijão.

**-Na área das Obras Públicas e Habitação** apenas conseguiu abrir três furos de água potável nas povoações de Maniamba, Micucue e Metangula, e reabriu dois poços nas povoações de Chiuanga e Messumba. Esta instituição não conseguiu intervir sobre as vias de acesso

---

<sup>122</sup>Breve informação sobre a situação geral do distrito do Lago, op.cit.p,2

<sup>123</sup>Estas actividades realizadas, foram fornecidas pelo relatório de balanço das actividades desenvolvidas pelo Governo do Distrito e das várias ONGs até ao fim de 1995, op.cit.pp,1-14

(estradas) que constituem o fio de ligação de e para várias partes do distrito. Nesta altura o troço Metangula-Maniamba encontra-se em péssimas condições, a estrada regional ER-538 de Metangula-Cóbue só é transitável na época seca, havendo por sua vez receios de existência de minas, a ponte sobre o rio Lunho foi destruída pelas águas por falta de manutenção e abandono da população na zona em que se encontra e a sua recuperação ultrapassa as capacidades do distrito, portanto, a sua falta de recuperação a via continuará intransitável na época chuvosa. Esta situação é idêntica a das outras estradas que até agora ainda não foram reabilitadas - tudo isto, deve-se à falta de fundos.

-**Na área da cultura** foi feita a identificação da variedade cultural local, uma área que foi praticamente afectada pela guerra, pois que, está ligada ao próprio homem. Portanto, foram apurados 87 grupos culturais diferentes, dos quais, 84 são de dança e 3 de música tradicional. Com o apoio da A.C.O.R.D., uma ONG em actividades humanitárias, foi aberta uma galeria comercial em 1995 em Metangula, destinada à venda de artigos artesanais de fabrico local.

-**Na área da Saúde**, até o ano de 1995, a nível do Distrito existiam 10 unidades sanitárias assistidas por 48 trabalhadores. Ao longo deste período de reconstrução social, foram formadas 21 Matronas colocadas em todos postos administrativos e conseguiu identificar duas grandes endemias, de Tuberculose(19 doentes deram entrada) e Lepra (16 doentes deram entrada). Porém, realizou neste período, 1629 consultas externas, teve 136 doentes internados, 370 consultas orais extraídos e 29 pacientes. Ao mesmo tempo, foram feitas campanhas de vacinação do tipo BCG onde foram vacinadas 1240 pessoas, do tipo VAG, foram vacinadas 840 pessoas e do tipo DPT + Polio, foram vacinadas 1293 pessoas.

Ainda o sector da Saúde, detectou que a população local tem consumido água contaminada, por se colocar campas próximo das águas do Lago-Niassa e este facto provoca a nível da população local, doenças frequentes como a Malária, a Diarreia, a Pneomonia, Anemia e a Malnutrição.

-**Na área da Educação** a participação está sendo acompanhada de acordo com o repovoamento do distrito. Em 1995 existiam a nível do distrito, 43 escolas, sendo 41 do EP1, 1 do EP2 e 1 Secundária(Escola Secundária Missionária Aberta de Moçambique-ESAM, que foi criada em 1994). Das 43 escolas, 9 do EP1, foram reabertas. A nível do distrito existem 96 professores do EP1, 16 do EP2 e 4 professores da escola secundária. Depois do regresso da

grande parte da população, em 1995, foram matriculados 6899 alunos do EP1, 526 do EP2 e 35 alunos da 8ª classe(ESAM);

-A nível da **Acção Social**, pela primeira vez no distrito, criaram-se 4 escolinhas comunitárias onde frequentaram 250 crianças de 2-5 anos, assistidas por 12 Animadores.

As ONGs e a Igreja também deram e continuam dando a sua participação na reconstrução social pós guerra e, operam actualmente no distrito do Lago-Niassa 6 ONGs, que desenvolvem diversas actividades:

-Existe **A.C.O.R.D.**, que desde que se implantou neste distrito em 1994, apoiou na campanha de Vacinação e facilitou a equipa móvel, através do seu barco, no transporte lacustre; apoiou na construção de edifícios escolares em Chia e Chigoma; financiou a realização de seminários de formação em noções para a elaboração de projectos aos quadros dirigentes do distrito; apoia actualmente as mulheres rurais no ensinamento das actividades culinárias e desenvolvimento de pequenos negócios; apoia ainda as actividades agrícolas aos camponeses dos três postos administrativos de Metangula, Maniamba e Lunho, dando facilidades técnicas para o melhoramento do sector camponês; encontra-se a financiar o projecto de investigação das variedades sementeiras adaptáveis ao clima da costa do Lago-Niassa e por último, financiou a criação da loja Galeria de artigos de artes locais em Metangula.

-Existe a **PROGRESSO**, que apoia o sector da Saúde, dando o financiamento para a formação de Parteiras Tradicionais e facilitou a realização do Programa Alargado de Vacinação (PAV) e apoia seminários sobre a saúde escolar.

-Existe a **KUCHIJINJI**, que desenvolve programas comunitários, reabilitou 2 poços em dois povoados do distrito e realiza trabalhos de Educação Cívica e Alfabetização.

-Existe a **CARITAS**, que participa na educação da mulher no âmbito nutricional e no apoio as crianças desamparadas e outras.

-Existe a **R.R.R**, que participa na reabilitação e construção de postos de saúde, escolas e estradas, assim como na distribuição de instrumentos agrícolas e alimentação à população vulnerável.

-Existe por último a **OIM**, que financia a realização dos diversos projectos de apoio aos soldados desmobilizados com vista a sua inserção na vida social, em especial na área da

pecuária, pesca, serração de madeira, agricultura, num total de 20 projectos até aqui realizados, envolvendo 168 desmobilizados.

A participação da Igreja na reconstrução social, não está apenas representada através das suas igrejas e das Caritas aqui existentes. Desde 1994, o distrito do Lago-Niassa possui uma escola secundária Missionária, denominada por Escola Secundária Aberta de Moçambique-ESAM, financiada por um grupo de Missionários interessados na reconstrução social.

Portanto, neste preciso momento de reconstrução social pós guerra no distrito do Lago-Niassa, encontramos este interesse de participação do Estado, da Igreja e das ONGs, cada um deles, desenvolvendo suas actividades específicas.

#### 4.1.6 As perspectivas dos diferentes grupos na reconstrução social

Para além das várias actividades sócio económicas desenvolvidas ao longo dos primeiro três anos de reconstrução social pós guerra, existem perspectivas dos diferentes grupos na reconstrução social nesta região do distrito do Lago-Niassa, desde os próprios regressados, agentes económicos, o Estado, até os agentes humanitários.

-A nível dos **Regressados**, as perspectivas de reconstrução social estão enquadradas dentro do processo de repovoamento do distrito, através de construção e reconstrução das suas povoações, abertura e reabertura dos campos de produção agrícola e outras actividades de carácter social e económicas. Para este grupo a reconstrução social constitui uma questão exigente, e as suas perspectivas pouco se efectivarão dentro do curto prazo, pondo em conta que, grande parte deles necessitam de recursos mínimos para começarem a enfrentar as várias actividades da vida sócio económicas.

*"Grande parte das pessoas em Messumba usam os seus próprios meios escassos nos seus trabalhos, não existe nenhuma ajuda do governo e dos agentes humanitários para os regressados necessitados. A única ajuda que lhes foi prestada foi apenas o seu regresso e relançamento principalmente para refugiados do Malawi e da Tanzania".<sup>124</sup>*

---

<sup>124</sup> Entrevista com Filipe Xikwakwasa, Professor primário de Messumba, citado. 1994.

Portanto, segundo as várias posições sobre as perspectivas de reconstrução social apresentadas por grande parte dos regressados e afectados pela guerra civil na região do distrito do Lago-Niassa, poderão efectivar-se com a participação conjunta entre este grupo vulnerável e outras forças sociais.

- **A nível dos Agentes Económicos**, quer nacionais, assim como estrangeiros, a prioridade principal das suas perspectivas na reconstrução social local, está virada especialmente no investimento económico das áreas de exploração mineira, turismo e pescas e alguns deles já se encontram no terreno. Neste preciso momento, encontra-se em obras, um hotel para turismo na região de Ngofi, no norte do Distrito do Lago-Niassa, pertencente a dois estrangeiros(Malawiano e Australiano?)<sup>125</sup> e um complexo turístico em Chiuanga. Enquanto que na área de pescas, o Combinado Pesqueiro local, pretende, para além de simples agente assistente aos pescadores, tal como vinha preconizado no princípio dos seus projectos, intervir futuramente na exploração piscícola. Para a área da agricultura, existe actualmene na região, um grande interesse por parte de empresários agrícolas, é o caso do Projecto MOZAGRIUS, de agricultores Boers que pretendem explorar e desenvolver o Ecoturismo e a produção de frutas tropicais, assim como a criação de gado bovino.

*"No Distrito do Lago, os Farmeiros Boers pretendem desenvolver o Ecoturismo e produção de frutas tropicais, assim como a criação de gado bovino".<sup>126</sup>*

Em relação a área da mineração, com a descoberta das minas de ouro na região de Mpapa no norte do distrito, já existem agentes económicos licenciados e que estão a desenvolver actualmente trabalhos de prospecção.

*"É lamentável a fraca resposta dos agentes económicos nacionais nos programas de reconstrução sócio económica do Distrito do Lago-Niassa"<sup>127</sup>.*

-**A nível do Estado**, as perspectivas de reconstrução social na região do distrito do Lago-Niassa, encontram-se inseridas dentro do "**Plano Trienal**" de desenvolvimento local. Este plano trienal, vem do "**Plano Quinquenal**" do Governo e das orientações do Seminário

---

<sup>125</sup> Sobre os verdadeiros proprietários deste Hotel em construção em Ngofi, norte do Distrito, os entrevistados apenas têm pleno conhecimento do Malawiano e duvida-se a nacionalidade exacta do outro, mas só sabem que é um branco. Entrevista com Luís Ntchema, Lucas Ntchema(naturais de Mbueka), Pedro Zikone (natural de Ngofi), Paulo Lemane (natural de Ngo), e Jacobe Kapondela(natural de Magachi), estudantes da 8ª classe(ESAM), citados.

<sup>126</sup> Matias Mandlate, op.cit. 1996.

<sup>127</sup> Breve Informação sobre a situação geral do Distrito, op.cit.,p,15

"Niassa 2000". Este Plano Trienal, terá que ser executado dentro do período de 1996, 97 e 98 e encontra-se especializado em vários sectores da vida Estatal. Portanto, de acordo com o **Plano Trienal** de reconstrução social na região do distrito do Lago-Niassa, eis as principais perspectivas do governo local em cada sector:<sup>128</sup>

**1. Sector da Agricultura-** O primeiro plano agrícola consiste no aumento de hectares do sector familiar e na atracção de empresários agro-pecuários nas regiões de Maniamba sede, Mbandece, Majozo I e II, Liziunga, Micucue, Mechumua, Mepoche, Tulo, Micuela, Chissindo, Lupilichi, Ngoo, Lissenguesse e Cóbue. A Direcção Distrital de Agricultura e Pescas (DDAP) será o responsável e o interveniente deste plano, durante os anos de 1996, 1997, e 1998.

- O segundo plano consiste na recuperação de um tanque carcicida na sede distrital, um em Cóbue e um em Mbandece. A DDAP será responsável, com a intervenção da Direcção Provincial de Agricultura e Pescas (DPAP) e o terceiro plano será a atracção de instrumentos de pesca semi-industrial para as regiões de Metangula sede, Meluluca, Ngoo e Mtumba.

**2. Sectores de Comércio, Industria e Turismo** - O primeiro plano será a reposição do movimento da actividade comercial nas povoações de Cóbue, Lutombchi, Lupilichi, Wikihi, Mtumba, Ngofi, Chigoma, Mataca, Lissenguesse, Lunho, Chia, Messumba, Mechumua, Chiuanga, Tulo, Micuela, Metangula, Timba, Meluluca, Ngolokolo, Maniamba, Liziunga, Majozo, Mbandece, Matitima e Micucue. A Direcção Provincial de Comércio, Indústria e Turismo (DPCIT), será o responsável e o interveniente pelo projecto, dentro dos três anos.

- O segundo plano, consiste no restabelecimento da indústria moageira para as zonas mais necessitadas, facilitando o licenciamento e empréstimos bancários dos comerciantes e industriais interessados nas regiões de Lupilichi, Wikihi, Cóbue, Ngoo, Tulo, Micuela, Meluluca, Timba, Micucue, e Liziunga. A DPCIT será responsável pelo plano e o terceiro plano consistirá na atracção de investidores para a construção de infraestruturas turísticas ao longo da costa lacustre, nas regiões de Chiuanga, Ngoo e Chigoma e a DPCIT será responsável pelo plano.

**3. Administração Pública-** O primeiro plano consiste na construção de um mercado central na sede distrital e postos administrativos, nas regiões de Metangula, Cóbue e Maniamba.

---

<sup>128</sup> "Plano Trienal 1996, 97 e 98", In: Dossier do encontro entre o Governo Distrital com as ONGs e Agências das Nações Unidas . República de Moçambique, Província do Niassa, Distrito do Lago, Metangula, aos 12 de Março de 1996

A Administração Distrital será responsável, com a intervenção da Direcção Provincial de Plano e Finanças (DPPF).

- O segundo plano consiste na ampliação e vedação do cemitério oficial da sede distrital em Metangula com apoio e responsabilidade da Administração local.

- O terceiro plano consiste na reabilitação e construção de infraestruturas nos postos administrativos de Maniamba, onde serão construídas três residências para a administração local, de Cóbue, onde será reabilitada uma residência e administração do posto local, e por último, construir-se-á um posto administrativo e residência do Chefe em Lunho- Mechumua.

- O quarto plano consiste na recuperação do gerador eléctrico na sede distrital de Metangula com apoio da Direcção Provincial dos Recursos Minerais e Energia.

**4. Administração Marítima do Lago-Niassa-** No seu primeiro plano pretende construir três Delegações Marítimas e residências dos Delegados nas regiões de Cóbue, Meponda e Mecanhelas, com a responsabilidade da própria Administração Marítima do Lago-Niassa e com a intervenção da Direcção Provincial de Plano e Finanças.

- O segundo plano consiste na construção de pontes fixas e flutuantes para embarcações nos principais portos terminais de Wikihi, Chigoma, Cóbue, Ngoo, Metangula e Meluluca. O responsável deste plano é a própria Administração Marítima e com a intervenção da Direcção Provincial de Plano e Finanças.

- O terceiro plano consiste na reabilitação do faról pelo sistema solar, instalação de faróis em terra e boias de sinalização nos locais de perigo nas regiões de Metangula-Sely, Meluluca, Messumba, Chia, Ngofi, Ngoo, Mbweca, Chigoma, Lumbaulo e Wikihi. A Administração Marítima é a responsável do plano com a intervenção da Direcção Provincial de Plano e Finanças e o quarto plano consiste na construção de duas embarcações de médio porte para transporte de passageiros em Metangula. A Administração Marítima é responsável do plano, com a intervenção de A.C.O.R.D. e da Direcção Provincial de Plano e Finanças.

**5. Obras Públicas e Habitação-** O primeiro plano consiste na reabilitação da Estrada Nacional nº249, com 29 km, no troço Maniamba-Metangula, com a responsabilidade do Governo Provincial e a MOTA e com a intervenção da Direcção Provincial de Obras Públicas e Habitação (DPOPH).

- O segundo plano, consiste na reabertura da via de acesso de Metangula à Meluluca num troço de 30 km, com a responsabilidade da Direcção Distrital das Obras Públicas e Habitação(DDOPH) e com a intervenção de A.C.O.R.D.

- O terceiro plano consiste na continuação da reabertura da Estrada Regional nº538 de Matawale a Lupilichi, num troço de 210 km, com a responsabilidade da DDOPH e com a intervenção da R.R.R e ACNUR.

- O quarto plano consiste na reconstrução da ponte sobre o rio Lunho com a responsabilidade da DDOPH e com a intervenção da DPOPH.

- O quinto plano, consiste na recuperação da rede de abastecimento de água potável na vila de Metangula, com a responsabilidade da DDOPH e com a intervenção da Direcção Provincial de Plano e Finanças.

- O sexto plano consiste na abertura de furos e poços de água potável nos postos administrativos de Metangula (20 poços), Maniamba(20 poços), Lunho (10 poços) e Cóbue(10 poços), com a responsabilidade da DDOPH e com a intervenção da Kuchijinji e o sétimo plano será a reabilitação e manutenção dos imóveis do Estado na vila de Metangula, com a responsabilidade da DDOPH e com a intervenção da Direcção Provincial do Plano e Finanças.

**6. Educação-** O primeiro plano consiste na construção de 8 escolas com 24 salas de aulas e 20 casas para professores nas regiões de Micucue, Liziunga, Majozo, Mbandece, Maniamba, Michepa, Tulo e Thungo, com a responsabilidade da Direcção Distrital de Educação (DDE) e com a intervenção da R.R.R., PROGRESSO, A.C.O.R.D e o Governo Provincial.

- O segundo plano consiste na reabilitação de 10 escolas do EP1 com 29 salas de aulas e 3 casas, nas povoações de Sely, Michenga, Chiulica, Licuanhire, Chiuanga, Mechumua, Messumba, Meluluca, Lupilichi e Maniamba, com a responsabilidade da DDE e com a intervenção da R.R.R., KUCHIJINJI, A.C.O.R.D e o Governo Provincial.

- O terceiro plano consiste na atracção de investimentos para custos e aquisição de equipamento escolar e material didático, com a responsabilidade da DDE e com a intervenção da Direcção Provincial de Educação do Niassa.

- O quarto plano consiste na construção de edifício para a Direcção Distrital de Educação em Metangula, com a responsabilidade da DDE e com a intervenção da

PROGRESSO e o quinto plano consiste na abertura e reabertura das escolas para EP2 em Maniamba e Cóbue, com a responsabilidade e intervenção da Direcção Distrital de Educação do Lago.

**7. Saúde-** O seu primeiro plano consiste na construção de 8 postos de saúde nas regiões de Wikihi, Ngofi, Ngoo, Liziunga, Tulo, Chia, Mtumba e Micuela, com a responsabilidade da Direcção Distrital de Saúde(DDS) e com a intervenção da R.R.R., A.C.O.R.D e a Direcção Provincial de Saúde de Niassa(DPSN).

- O segundo plano consiste na reabertura de 2 Centros e 4 Postos de Saúde em Metangula, Messumba, Lupilichi, Meluluca e Maniamba, com a responsabilidade da DDS e com a intervenção da PROGRESSO e da DPSN e o terceiro plano consiste na atracção de investimentos para a aquisição do equipamento hospitalar para as unidades sanitárias, com a responsabilidade da DDS e com a intervenção da DPSN e a UNICEF.

**8. Acção Social-** O primeiro plano consiste na construção de 4 centros infantis nos postos administrativos de Maniamba, Metangula, Messumba e Cóbue, com a responsabilidade da Acção Social e com a intervenção do Serviço Provincial da Acção Social e da I.B.I.S e o segundo plano consiste na atracção de investimentos para atenuar os problemas sociais das camadas mais vulneráveis, com a responsabilidade da própria Acção Social.

**9. Cultura, Juventude e Desportos-** O primeiro plano prevê a construção de um Centro Cultural em Metangula, com vista no desenvolvimento da recreação e educação cultural da população, com a responsabilidade e intervenção da Direcção Distrital de Cultura, Juventude e Desportos (DDCJD) e o segundo plano consiste na atracção de investimento para aquisição de material desportivo, com a responsabilidade da DDCJD e com a intervenção da A.C.O.R.D e da Direcção Provincial de Cultura, Juventude e Desportos (DPCJD). e o terceiro plano consiste na dinamização para a reabilitação permanente de festivais culturais, com a responsabilidade da DDCJD e com a intervenção da A.C.O.R.D.

**10. Correios e Telecomunicações -** O primeiro plano consiste na reabertura dos postos postais e abertura de novos postos postais nas regiões de Cóbue, Maniamba, Meluluca, Messumba e Lupilichi, com a responsabilidade e intervenção dos Correios de Moçambique e o segundo plano consiste na ampliação da rede e sistema de comunicação adaptados de meios modernos.

## **4.2 Principais problemas que afectam à reconstrução social**

A reconstrução social pós guerra no distrito do Lago-Niassa, está ligada aos problemas de reajustamento das várias infraestruturas sócio económicas de grande importância na vida das populações. Como grande parte das populações tinham abandonado as suas zonas de origem durante cinco a seis anos, grande parte dessas regiões encontram-se reduzidas de recursos estratégicos, que, na sua falta de reposição, podem afectar à reconstrução social pós guerra na região do distrito do Lago-Niassa. Neste caso, os grandes problemas que afectam à reconstrução social pós guerra são relacionados com as vias de comunicação, que continuam intransitáveis até hoje em dia.

Na área da saúde, há falta de medicamentos, material técnico e pessoal qualificado nas unidades sanitárias e, dos poucos Agentes Sanitários que se encontram a nível dos postos existentes, nunca são substituídos quando há casos de ausência ou morte nos seus postos de trabalho. As poucas infraestruturas sanitárias existentes encontram-se degradadas e não possuem capacidade para atender toda a população. Devido à falta de energia eléctrica, os laboratórios dos Centros de Saúde de Metangula e de Messumba não funcionam e o mais agravante não existe nenhum meio de transporte a nível da saúde do distrito.

Na área da educação, há falta de escolas melhoradas e neste preciso momento, nas várias povoações, as escolas são improvisadas por debaixo de mangueiras, imbondeiros ou outras árvores quaisquer, sem falar-se da falta e ausência total do material didático e escolar que o distrito do Lago-Niassa não conhece desde que a guerra civil aqui afectou. Esta situação está relacionada também com a falta de professores nas diversas escolas que estão sendo restabelecidas.

A nível da região do Lago-Niassa, há falta de água potável e de energia. Já não existem infraestruturas para o funcionamento das diversas actividades e instituições a nível do distrito. Este problema, alia-se com o caso da falta de transporte lacustre e terrestre a nível da região como é o caso da falta da rede comercial, industrial ou moageira no distrito, o que origina a desvalorização da moeda nacional nas regiões fronteiriças do distrito. Ainda nestas regiões fronteiriças, existem dificuldades de defesa da fronteira lacustre e terrestre por parte do governo

local. Aliado a estes factores materiais e a exiguidade dos efectivos policiais, a fronteira norte ficou durante anos quase esquecida, o que deu lugar a cidadãos estrangeiros, Malawianos e Tanzanianos, que violam sem nenhuma repreensão. Estes estrangeiros, descobriram em Lupilichi, na zona de Mpapa, jazigos de minas de ouro e começaram clandestinamente a explorar, criando uma total insegurança social às populações locais, pois que, a região virou num autêntico "Far West" em busca de riquezas minerais.

O governo local afirma ainda que há falta da legislação para o trabalho específico dos Régulos, dificultando assim a articulação entre o governo local e a base, tal como em relação a participação de Agentes Humanitários na reconstrução social, onde se nota a falta de identificação clara da missão ou projectos que algumas ONGs pretendem realizar, criando assim, distúrbios no seio da população e do governo distrital.

A falta de meios de trabalho em algumas instituições do governo local, como a polícia, o tribunal, etc, faz com que a relação entre a população e os beligerantes não seja totalmente harmoniosa, o que permite certas contradições de estruturas de poder na zona e contradições ideológicas, tal como o relatório da Administração local aponta a situação,

*"...há dificuldades (prevalecem) relacionadas com o pagamento de impostos de reconstrução nacional de secção C, por alguns elementos da oposição... o convívio Democrático é jovem e por várias vezes confundido com amarguras, ausência de autoridade o que dá lugar a tendências de desobediência civil liderada por alguns partidos políticos no Distrito. Nunca se verificou actos de violência de natureza política. O Governo Distrital não possui embarcações para entrar em contacto com a sua população do norte ao sul. Este facto afecta na Justiça onde não há rápida intervenção em casos de crimes, a Polícia da República de Moçambique (PRM) não têm nenhum meio de transporte terrestre e lacustre. A Esquadra e o Tribunal não têm instrumentos para isolar os malfeitores, mesmo recolhendo-os, são obrigados a conceder liberdade condicional por falta de alojamento e alimentação para eles... Os estrangeiros descobriram em Lupilichi (Mpapa) jazigos de minas de ouro e começaram clandestinamente a explorar. Neste aspecto foram tomadas medidas de carácter militar mas foi um insucesso. Foram licenciadas empresas estrangeiras que actualmente se encontram no local junto com efectivos policiais, num esforço de estancar a situação de roubo de ouro e a insegurança social na região. Mas a situação na fronteira ainda não está controlada, a sua violação é diária e o ouro continua a sair ilegalmente porque a Polícia é pouca e o que está lá*

*é vítima de compromisso, indisciplina e subornos. Tudo isto deve-se a falta de resposta imediata por parte do Governo. Neste caso a população perdeu confiança com o Governo e começou a convidar e a proteger estrangeiros em troca de um sabão, sal ou capulana e medicamentos visto que a rede comercial é inexistente na região. Achamos que a presença da Polícia Aduaneira seria a principal solução, do Banco Comercial de Moçambique (BCM) ou outra instituição autorizada para compra ou venda de ouro também seria uma outra solução para facilitar a vida social da população".<sup>129</sup>*

Todos problemas aqui mencionados estão exactamente, em volta da sobrevivência geral da população vítima de uma guerra de desestabilização do tecido social, da degradação das várias infraestruturas seguradoras e facilitadoras da vida em geral, pondo em conta que, o Homem, cem por cento da sua existência, é alimentada e assegurada por vários factores, entre os quais, os materiais e morais.

## V.CONCLUSAO

O presente trabalho não tem condições para julgar até que ponto é que os Processos e os Problemas de Reconstrução Social Pós Guerra na Região do Distrito do Lago-Niassa no Período de 1975-1995 são, ou como deviam ter sido, se tivesse sido feita uma análise melhor. Em vez disso, o objectivo do trabalho é descrever o contexto histórico da região e da sociedade do distrito do Lago-Niassa, vítima de uma conjuntura Histórico-Nacional, a guerra de desestabilização sócio-económica que pode, pelo menos em parte, explicar como é que ela afectou a nível da população da região do distrito do Lago-Niassa e quais são os processos e os problemas de reconstrução social pós guerra, existentes a nível dos regressados e da sociedade em geral.

Este trabalho tenta também fazer a soma das experiências existentes a nível do envolvimento de uma gama variada de actores na reconstrução social pós guerra no distrito do Lago-Niassa e das perspectivas dos diferentes grupos na reconstrução social a seguirem no futuro no que diz respeito ao tratamento a dar ao colapso actual e à estabilização social das populações afectadas pela guerra de desestabilização sócio económica na região do distrito do

---

<sup>129</sup> Breve informação sobre a situação geral do Distrito do Lago, op.cit.p,10

Lago-Niassa. O trabalho apresenta os vários problemas que afectam à reconstrução social pós guerra na região do distrito do Lago-Niassa que necessitam de estratégias de criação de grandes projectos de reconstrução a nível do desenvolvimento social pós guerra que tenham uma maior orientação local com uma grande intervenção na tomada descentralizada de decisões sobre o que se precisa para a reconstrução social pós guerra, juntamente com uma identificação dos recursos disponíveis e das necessidades locais, que é imprescindível para que aquela população e região do distrito do Lago-Niassa afectada pela guerra civil possa ser reconstruída ao ritmo e de acordo com as tradições locais e os hábitos culturais existentes.

Espero que o presente trabalho tenha contribuído para a descrição dos processos e problemas de reconstrução social pós guerra no distrito do Lago-Niassa no período de 1975-1995, através da minha exposição sobre o desenrolar dos acontecimentos feita a partir das minhas hipóteses. No entanto a minha contribuição, escrita por um estudante de História social, tem as suas limitações. As observações que fiz baseiam-se na minha compreensão das fontes a que tive acesso e nas partes da realidade da sociedade da região do distrito do Lago-Niassa com que entrei em contacto e que pude compreender. É de extrema importância que a minha interpretação seja completada e esclarecida por toda a população da região do distrito do Lago-Niassa afectada pela guerra civil e grande parte dela transformada em deslocados, refugiados até em emigrantes permanentes, que actualmente se encontra envolvida dentro dos processos e dos problemas de reconstrução social pós guerra.

Naturalmente que somente aquela sociedade da região do distrito do Lago-Niassa afectada pela guerra de desestabilização sócio económica tem necessidade de encontrar estratégias de reconstrução social pós guerra e que, estas estratégias devem envolver, primeiramente, a sua própria participação e organização (mesmo em associações cívicas locais) para encontrar estratégias organizadas e eficazes de reconstrução social, e em seguida, devem envolver o Governo, que facilitará o alargamento dos sectores sociais básicos, como o ensino variado e a saúde, assim como as vias e pontes de comunicação regional e as várias infraestruturas sócio económicas. Devem envolver também, os vários Agentes Económicos que poderão participar no desenvolvimento da economia local, e por último, devem envolver os vários Agentes Humanitários, pois que, o processo de reconstrução social pós guerra nesta região do distrito do Lago-Niassa, é uma tarefa que exige a participação desta ampla diversidade de actores, na medida em que, segundo o grau do impacto da guerra de desestabilização sócio

económica acima apresentado nesta região, as comunidades locais por si sós não podem levar a cabo com êxito tal tarefa de reconstrução social pós guerra. É de salientar que a efectivação da reconstrução social pós guerra na região do distrito do Lago-Niassa encontra-se integrada dentro dos factores externos e internos em interacção, daí que, é necessário aplicar a "estratégia total" no processo da reconstrução social pós guerra, que não é necessário somente meios económicos para enfrentar esta reconstrução social, mas, é necessário mobilizar todos os recursos (humanos e naturais), incluindo a segurança militar na região do distrito do Lago-Niassa para prevenir a defesa da região, contra prováveis futuros conflitos de desestabilização sócio económica, já que, historicamente, a região tem sido vítima.

Espero que o meu estudo possa contribuir para que esse trabalho se torne realidade à sociedade afectada pela guerra de desestabilização sócio económica no país em geral e na região do distrito do Lago-Niassa em particular.

- ✕ **HANLON, Joseph, Mozambique: Who calls the shot?** James Curry, London, 1991.
- ✓ **.Historia de Moçambique, Vol.3, Moçambique no auge do colonialismo,1930-1961,** Departamento de História/Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1993.
- .I Recenseamento Geral da População-1980. R.P.M., C.C.R., Informação Pública, Maputo, 1983, Ano do IV Congresso.**
- .III Recenseamento Geral da População-1960, Vol.9, Distrito do Niassa. Província de Moçambique, D.P.S.E. Lourenço Marques, 1960.**
- .IV Recenseamento Geral da População-1970, Nº4:Distrito do Niassa. I.N.E., D.E.P.M., D.P.S.E., R.P., Estado de Moçambique, Lourenço Marques, Setembro de 1973.**
- α **.LOUYOT, Alain, Crianças na guerra.** Éditions Robert Laffont, S.A., Paris, 1989.
- .MACHEL, Samora Moisés, " Niassa-desenvolvimento económico: Transformação do Niassa exige acção imediata".** Presidente Samora Machel após a viagem àquela província. In: Tempo. Tempográfica, número especial, Maputo, Dez. 1979, pp:86-90.
- .MACHEL, S.M., "Niassa-história contemporânea: a batalha contra o subdesenvolvimento produzirá heróis do trabalho."** In: Tempo, número especial. Tempográfica, Maputo, Dez. 1979, pp:32-54.
- .MACHEL, S.M., "Niassa: Perspectivas de desenvolvimento".** In: Tempo, número especial. Tempográfica, maputo, Dez. 1979, pp:86-90.
- α **MACHILI, Carlos, " Unidade e Diversidade: Centralização e descentralização no processo eleitoral 94 em Moçambique."** In: MAZULA, B., Moçambique, Eleições, Democracia e Desenvolvimento. Maputo, 1995, pp:377-392
- .MAGRO, António Jacinto, "Niassa- desenvolvimento e análise"**Informações e notícias: Secção portuguesa: Moçambique: Província do Niassa. In: Boletim Geral do Ultramar-A.G.U., ano XXVII, nº314, Lisboa, 1951, pp:164-169.
- .MAGRO, A.J., "Niassa-descrição da província".** In: Boletim Geral do Ultramar, nº314, Lisboa, 1951, pp:164-169.

.MANDLATE, Matias, "Distrito do Lago: Normalização da vida longe de ser alcançada, diz Andre Awade, respectivo Administrador". In: Notícias, Maputo, Terça Feira, 27 de Agosto de 1996.

.MANDLATE, Matias, "Niassa:dificuldades aumentam apesar da Paz:Autoridades locais depositam esperanças no Projecto MOZAGRIUS". IN: Notícias, Maputo, Terça Feira, 27 de Agosto de 1996.

.Mapas. Divisão Territorial e Cadastro, Distrito de Lago, Província do Niassa. Direcção Nacional de Geografia e Cadastro (DINAGECA), Maputo, 1986

.NIASSA- Actividade Missionária. Informações e notícias.actividade Missionária: **Moçambique: criação da Diocese de Vila Cabral**. In: Boletim geral do ultramar Lisboa. Agência geral do ultramar, ano XXXIX, nº456-457, Junho/Julho de 1963, pp. 261-272.

.NIASSA- Colonização. Informações e notícias: secção portuguesa: **colonização do Distrito do Niassa**.In: Boletim da Agência Geral das Colónias, A.G.C., ano XI, nº118, Lisboa, 1935, pp:141-150.

.NIASSA- Colonização portuguesa- **fazer do Niassa um modelo da luta contra o subdesenvolvimento**. In: Tempo especial. Tempográfica, Maputo, Dez.1979

.NIASSA- **visita geral do governador geral de Moçambique. Crónicas do trimestre**. In: Moçambique. Imprensa Nacional, ano 2, nº8 (Out/Dez.) 1936.

.NIASSA- **Documentação sobre a luta armada de libertação nacional**.In:Tempo especial. Tempográfica, Maputo, Dez.1979.

.NIASSA- "**Libertar a riqueza de uma terra fértil**". In: Tempo, número especial. Tempográfica, Maputo, Dez. 1979, pp:56-80

× ."Operação Produção: O rescaldo 8 anos depois", In: Tempo nº1117, Maputo, Março de 1992, p,18.

.PEIRONE, Frederico José, **A tribo Ajaua do alto Niassa (Moçambique) e alguns aspectos da sua problemática Neo-islâmica: Religiões e Missões I**, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1967.

.Plano Trienal 1996, 97 E 97: Dossier do encontro entre o Governo Distrital com as ONGs e Agências das Nações Unidas. República de Moçambique, Província do Niassa, Distrito do Lago, Metangula, aos 12 de Março de 1996.

.Relatório da situação dos Regressados no Lago-Niassa até Novembro de 1995. Núcleo de Apoio aos Refugiados (NAR), Delegação do Niassa, Lichinga, Novembro de 1995.

.Relatório sobre o processo de Repatriamento Refixação e Repovoamento do Lago-Niassa. Programa de Repatriamento, Refixação e Reconstrução (RRR), Lichinga, 1994.

.R.P.M. Conselho Coordenador de recenseamento: 1º Recenseamento Geral da população, Informação pública, Maputo, 1983.

.Seminário "Niassa 2000", República de Moçambique, Governo da Província do Niassa, Lichinga, aos 2 a 6 de Outubro de 1995.

α.TAJÚ, Gulamo, "Renamo: Os factos que conhecemos." In: Cadernos de história nº7, Maputo

.USSENE, F. Manuel e outros, "NIASSA- Agricultura:Análise". In:Tempo.Tempográfica, nº821, Maputo, 1986.

.WEGHER, Luís, Os meus olhares sobre o Niassa. Diocese de Lichinga-Niassa, 25 de Março de 1984.

.VILHENA, Ernesto Jardim de, Companhia do Niassa: Relatórios e memórias sobre os territórios. Lisboa, 1905.

## ANEXO

Aqui vai um exemplar das entrevistas feitas durante os trabalhos de pesquisa sobre "**Processos e Problemas de Reconstrução Social no Distrito do Lago-Niassa, 1975-1995**".

Entretanto, os trabalhos de visita, recolha de dados e entrevistas formais, foram realizados nas povoações de Maniamba, Metangula, Chiuanga, Messumba, Mechumua(ex-Nova Coimbra) e Ngongo em Julho de 1994. Em Abril de 1996, voltei a visitar as mesmas povoações, únicas (também a povoação de Cóbue) que tinham sobrevivido e que não tinham sido abandonadas na sua totalidade pela sua população, durante a guerra de desestabilização sócio económica a nível do Distrito do Lago-Niassa no período de 1986-1992, desta vez, para recolher mais dados sobre o que se fez, o que está sendo feito e o que se espera fazer, através de documentos, relatórios escritos e orais.

### *Anexo Único. ENTREVISTA*

Local da entrevista: Povoação de Ngongo (arredores do antigo quartel de Magica), no Posto Administrativo de Lunho (Mechumua), no distrito do Lago-Niassa.

Data da entrevista- 20 de julho de 1994, foi realizada no quintal da casa do régulo Fernando Evans pelas 11:00 horas. A região de Ngongo encontra-se hoje em dia praticamente em estado de ruínas, restando poucos habitantes, no dizer do próprio secretário, só permaneceram aqueles que tiveram coragem de enfrentar os ataques do inimigo até a fase do cessar fogo que ocorreu com a assinatura dos Acordos Gerais da Paz de Roma, em 4 de Outubro de 1992.

Entrevistados:

**Fernando Evans**-natural do Niassa, distrito do Lago, Posto Administrativo de Lunho (Mechumua), povoação de Ngongo, de 65 anos de idade, casado, camponês e régulo local.

**Mustafa Ajuza Momade**-natural do Niassa, distrito do Lago, Posto Administrativo de Lunho (Mechumua), povoação de Ngongo, de 46 anos de idade, casado, camponês, secretário da aldeia.

**Iussufo Kakhóngue**-natural do Niassa, distrito do Lago, Posto Administrativo de Lunho (Mechumua), povoação de Ngongo, de 53 anos de idade, casado, camponês.

### 1º COMPLEXO

a) Qual foi o modo de vida da população antes da guerra nesta região?

**Fernando Evans:** Nesta região nunca descansamos da guerra. Há dez anos atrás, andamos aqui mesmo a fugir da morte para fora do país. No tempo colonial, muita gente estava na Tanzania, na Zâmbia e no Malawi. Quando o país alcançou a independência em 1975, muita gente que tinha se refugiado para fora do país retornou e passamos a viver e a trabalhar juntos, a erguermos as nossas povoações juntos e a produzirmos juntos dia após dia. É o momento em que muitas regiões começaram a prosperar visto que muitas povoações foram reconstituídas. Antes da guerra nós tínhamos um pouco de tudo. Possuíamos na altura uma escola primária, três lojas e uma grande povoação. Nesta altura tínhamos a nossa estrada em perfeitas condições que liga entre Ngongo- Mepoche e Ngongo- Lichinga em funcionamento com todas as suas pontes intactas, mas tudo isto hoje em dia já não existem. Durante a guerra de libertação colonial, o governo Português tinha construído muito perto daqui um quartel que constituía um posto avançado de defesa da região que continuou até depois da independência, mas hoje em dia já não existe. Para além da povoação de Ngongo, existiam muitas outras povoações ao longo de todo o vale do rio Lunho, mas, todas desapareceram e só ficaram as povoações de Mechumua, Messumba e Chuanga que também foram reduzidas em ruínas durante a guerra. Hoje em dia toda a região oriental de Ngongo encontra-se sob control da administração da RENAMO e ninguém lá vive, está abandonada e a estrada é intransitável desde que a guerra eclodiu.

### 2º COMPLEXO

a) Quando que a guerra começou nesta região?

**Fernando Evans:** Aqui a guerra começou nos anos de 1986.

**Mustafa Ajuza:** Foi provavelmente no dia 18 de Outubro de 1986 que pela primeira vez fomos atacados, o ataque começou as 4:00 horas da manhã e neste dia morreu um soldado e um outro ficou ferido e uma grande quantidade de casas foram queimadas.

b) Quantas vezes a região foi atacada?

**Fernando Evans:** Cerca de oito vezes sucessivas, mas de todas estas incursões resistimos para não abandonarmos a povoação como aconteceu em restantes zonas do distrito.

c) Quantas vezes a região foi ocupada?

**Mustafa Ajuza:** De todas as vezes que atacassem nunca permaneciam muito tempo, nós tínhamos uma força miliciana que combatia na defesa da povoação apesar de ter sido incapaz de enfrentar o inimigo que vinha com tanta força. No primeiro ataque, esta nossa força enfrentou o inimigo duramente, acabando com a morte de um soldado e o consequente assalto à povoação. Da segunda vez também morreu um nosso soldado mas, com a intervenção dos soldados da marinha estacionados no distrito (sede) passamos a ter uma mínima protecção mas, como estes não permaneciam aqui, o inimigo sempre aproveitava a sua ausência para fazer novas incursões.

d) Quanto tempo duravam os ataques?

**Mustafa Ajuza:** Isto dependia da própria intensidade dos ataques e da maneira como a nossa força enfrentava visto que a população punha-se em fuga quando os ataques começavam, isto permitia ao inimigo assaltar facilmente a povoação e daí saqueavam tudo e por último queimavam as casas e só depois de tudo isto é que abandonavam a povoação. Este processo todo podia ocupar uma parte do dia ou mesmo todo o dia.

e) Como era atacada a região?

**Mustafa Ajuza:** Como aqui perto tínhamos um quartel e o inimigo conhecia toda a nossa situação, aproveitava atacar muitas vezes à madrugada, entravam a disparar e, com susto, a população fugia e eles aproveitavam esta oportunidade para logo fazer o assalto à povoação. Era difícil controlar a situação porque na altura em que a guerra nos atingiu, a maior parte das povoações situadas à parte oriental do vale do rio Lunho já estavam destruídas e tudo isto tinha-se tornado mato e nós não tínhamos armamento disponível para enfrentar o inimigo.

f) Houve destruições?

**Fernando Evans:** Sim, como vê o senhor, logo à partida nota-se que a nossa povoação foi vítima de destruições. O aspecto que esta povoação hoje em dia apresenta, não é o mesmo dos anos antes da guerra.

g) O que é que foi destruído?

**Mustafa Ajuza:** Da primeira vez quando atacaram arrombaram sete curais de cabritos tendo levado consigo todos animais, a maior parte das casas foram arrombadas e saqueadas e por último foram queimadas incluindo os nossos próprios celeiros de milho, foi daí que começamos a enfrentar uma fome renhida. Até ao fim da guerra acabamos ficando sem nenhuma loja, nem escola, nem posto de saúde muito menos o quartel que aqui existia pois que este foi destruído nos anos de 1988. Nos últimos anos da guerra, quando o inimigo viu que nas nossas casas já não havia nada para saquear, optou por fazer incursões directamente nas nossas machambas, esta nova atitude fez com que a fome piora-se visto que o povo já não tinha outra alternativa para produzir, foi isto que mais permitiu a fuga das populações na região como forma de procurar novas formas de sobrevivência em outras regiões militarmente seguras e economicamente acessíveis.

h) O que é que as pessoas faziam para se escapar dos ataques?

**Mustafa Ajuza:** Quando se atacava a nossa povoação, as pessoas punham-se em fuga, escondiam-se no mato, mais tarde, depois de terminadas as incursões é que as pessoas retornavam as suas próprias casas para verificar o que sobrou. Este processo não foi fácil para toda gente, havia quem acabou fugindo de vez para muito longe, para junto da cidade ou mesmo atravessaram fronteiras para Malawi ou Tanzania, é por isso que a povoação está vazia porque a maior parte dessa gente ainda não regressou até hoje.

### 3º COMPLEXO

a) Qual era o relacionamento da população com os soldados da RENAMO e da FRELIMO?

**Mustafa Ajuza:** Nós tivemos ao longo de toda a guerra um bom relacionamento com os nossos soldados visto que a maior parte deles viviam connosco, tinham suas mulheres na nossa povoação e trabalhavam em conjunto. No que se refere ao lado da RENAMO, o tipo de relacionamento que existia era de agressão, atacavam a nossa povoação, saqueavam tudo o que encontrassem, raptavam e matavam pessoas caso estas não fugissem e por fim queimavam as nossas casas. Não é por acaso que hoje em dia a povoação está em ruína, isto revela o mau relacionamento que eles traziam para a população.

b) A população prestava algum apoio em géneros alimentares para ambas as forças?

**Mustafa Ajuza:** Aqui na nossa povoação, em relação aos soldados, prestávamos grande apoio de alimentação. Tanto aqui como nas povoações de Mechumua e de Messumba, existia um sistema de abastecimento da população aos soldados. As pessoas estavam divididas em quarteiros, cada quarteirão tinha os seus próprios dias de fornecimento de alimentação, este sistema permitiu a manutenção da nossa força numa época em que ela carecia de abastecimento do distrito devido a própria crise alimentar que se verificou nos fins dos anos de 1980 e princípios de 1990. Muitas vezes a comida de contribuição da população era já preparada. Quanto aos soldados da RENAMO, nós não tínhamos nenhum compromisso, segundo as próprias características deste grupo tal como eu descrevi acima. Eles, para a aquisição da sua própria alimentação era baseada no saque e pilhagem às diversas povoações por onde passavam e isto não se pode considerar alguma ajuda.

c) Onde eram adquiridos os soldados de ambos os exércitos?

**Fernando Evans:** Em relação aos nossos soldados, é de salientar que os nossos próprios filhos sempre prestaram o Serviço Militar Obrigatório na altura vigente. Daí que, a maior parte dos soldados que tivemos eram daqui mesmo e, com a intensificação da luta haviam voluntários que se integravam na defesa da povoação.

Quanto à RENAMO, muitos deles que faziam incursões nas nossas povoações não eram daqui e nem sabemos donde vinham, só se sabe que, para os que eram raptados e que tivessem boa idade nunca regressavam acabavam vivendo do lado do inimigo obrigatoriamente.

#### 4º COMPLEXO

##### a) O que mudou na região depois da guerra?

**Mustafa Ajuzá:** A guerra provocou inúmeras transformações na nossa região. Hoje em dia a nossa região está praticamente isolada sem nenhuma comunicação com as restantes regiões. Todas as vias de comunicação estão paralizadas, a maior parte das pontes que as nossas estradas possuem encontram-se destruídas sem nenhuma possibilidade de trânsito de qualquer veículo e este facto verificou-se desde que a guerra rebentou na região. A guerra tirou-nos tudo e fomos reduzidos à camponeses pobres e miseráveis nesta povoação de Ngongo. Hoje ninguém tem comida, roupa, instrumentos de trabalho assim como animais, (havia aqui bois, cabritos e porcos). Mesmo assim, o governo esqueceu-nos como se não tivéssemos sofrido pela guerra. Não temos meios para repor aquilo que foi destruído e pedimos que o governo nos ajude a repor a escola, o hospital a estrada, as pontes, as lojas e moagens. Tudo isto faz parte da nossa vida. A nossa povoação transformou-se em autêntica ruína, só agora é que as populações estão retornando pouco a pouco. O comércio está paralizado e como consequência há falta de sal na nossa região, não há óleo de cozinha, não há sabão, em fim, tudo o que é básico como moagem, escola, loja, hospital, assim como as estradas.

b) Terminada a guerra, o que é que as pessoas fazem para recompor as suas vidas económicas e sociais?

**Fernando Evans:** Como a guerra desorganizou tudo o que outrora existia, as pessoas nesta altura encontram-se empenhadas na reconstrução das suas casas, abertura das suas machanbas que estavam abandonadas e, para os que tinham fugido estão de retorno e em conjunto trabalhamos na reconstrução daquilo que foi destruído apesar de ser em condições precárias, isto porque há falta de instrumentos de produção.

c) Existe alguma forma de divisão de terras para os camponeses?

**Mustafa Ajuza:** Não. Somente o régulo e o secretário tomam conhecimento da ocupação destas terras pois que cada um escolhe o lugar desejado. A escolha é livre. Para os que regressam, nós os recebemos e oferecemos terrenos nos locais da sua preferência. Aqui há muita terra que até há falta de cultivadores.

d) O que é que se produz na região?

**Mustafa Ajuza:** Nós produzimos milho e mandioca como alimentos básicos, cultivamos também batata doce, mapira, arroz, domesticamos cabritos, ovelhas, bois em pequena quantidade, galinhas e patos.

e) Que tipo de infraestruturas económicas e sociais existem na região?

**Mustafa Ajuza:** Tudo o que nós tínhamos já está destruído e antes da guerra nós tínhamos três lojas mas já não existem, uma escola também não existe, nunca tivemos algum hospital mas sempre que fosse necessário, servíamos o posto de saúde que existia na povoação de Mechumua, a nossa estrada encontra-se paralizada e intransitável e não temos ligação nem para Metangula nem para Lichinga e não possuem nenhuma ponte, todas elas foram destruídas. Tínhamos um quartel com casas de alvenaria que também está destruído, hoje em dia todas as casas que temos são feitas de material local (adobe, paus, bambu e capim).

f) Existem algumas organizações governamentais e ONGs que colaboram na reconstrução das infraestruturas na região?

**Mustafa Ajuza:**

Quanto a isso, nós estamos praticamente esquecidos como se não tivéssemos encarado a guerra. Aqui nem o governo nem as ONGs aparecem para pelo menos verificar como é que as populações enfrentam os novos problemas sócioeconómicos pós guerra. Mas nós já pedimos o governo local (distrital) para a reinstalação da nossa escola e envio de professores mas somente vivemos de promessas há mais de dois anos que nunca se concretiza, este pedido foi feito igualmente na ajuda da reabertura da rede comercial e sanitária mas nenhum dos pedidos foi concedido. Durante a guerra, quando fôssemos saqueados ou queimadas as nossas casas, o Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais (DPCCN) prestava ajuda uma vez nas povoações de Ngongo, Mechumua e Messumba na distribuição de cobertores. Mas o que a população necessita é realmente a reabertura das antigas infraestruturas sociais ora destruídas e instrumentos de produção para reforçar a nossa produção na área da agricultura e construção.